



**UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS
REGIONAL CATALÃO
UNIDADE ACADÊMICA ESPECIAL DE LETRAS E LINGUÍSTICA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO *STRICTO SENSU*
MESTRADO EM ESTUDOS DA LINGUAGEM**

IVONETE DA SILVA SANTOS

**A IDENTIDADE LINGUÍSTICA BRASILEIRA EM CONTATO COM O
PORTUGUÊS EUROPEU: A VARIAÇÃO LÉXICO-CULTURAL.**

CATALÃO (GO)
2018

**TERMO DE CIÊNCIA E DE AUTORIZAÇÃO PARA DISPONIBILIZAR
VERSÕES ELETRÔNICAS DE TESES E DISSERTAÇÕES
NA BIBLIOTECA DIGITAL DA UFG**

Na qualidade de titular dos direitos de autor, autorizo a Universidade Federal de Goiás (UFG) a disponibilizar, gratuitamente, por meio da Biblioteca Digital de Teses e Dissertações (BDTD/UFG), regulamentada pela Resolução CEPEC nº 832/2007, sem ressarcimento dos direitos autorais, de acordo com a Lei nº 9610/98, o documento conforme permissões assinaladas abaixo, para fins de leitura, impressão e/ou *download*, a título de divulgação da produção científica brasileira, a partir desta data.

1. Identificação do material bibliográfico: Dissertação Tese

2. Identificação da Tese ou Dissertação:

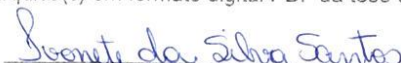
Nome completo do autor: IVONETE DA SILVA SANTOS

Título do trabalho: A IDENTIDADE LINGUÍSTICA BRASILEIRA EM CONTATO COM O PORTUGUÊS EUROPEU: A VARIAÇÃO LÉXICO-CULTURAL

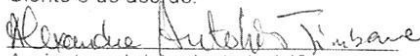
3. Informações de acesso ao documento:

Concorda com a liberação total do documento SIM NÃO¹

Havendo concordância com a disponibilização eletrônica, torna-se imprescindível o envio do(s) arquivo(s) em formato digital PDF da tese ou dissertação.


Assinatura do(a) autor(a)²

Ciente e de acordo:


Assinatura do(a) orientador(a)²

Data: 14 /03 / 2018

¹ Neste caso o documento será embargado por até um ano a partir da data de defesa. A extensão deste prazo suscita justificativa junto à coordenação do curso. Os dados do documento não serão disponibilizados durante o período de embargo.

Casos de embargo:

- Solicitação de registro de patente;
- Submissão de artigo em revista científica;
- Publicação como capítulo de livro;
- Publicação da dissertação/tese em livro.

² A assinatura deve ser escaneada.

IVONETE DA SILVA SANTOS

**A IDENTIDADE LINGUÍSTICA BRASILEIRA EM CONTATO COM O
PORTUGUÊS EUROPEU: A VARIAÇÃO LÉXICO-CULTURAL.**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Estudos da Linguagem – nível Mestrado - da Universidade Federal de Goiás Regional Catalão, como requisito parcial para a obtenção do Título de Mestre em Estudos da Linguagem.

Linha de Pesquisa: Língua, Linguagem e Cultura

Orientador: Prof. Dr. Alexandre António Timbane

CATALÃO (GO)
2018

Ficha de identificação da obra elaborada pelo autor, através do Programa de Geração Automática do Sistema de Bibliotecas da UFG.

Santos, Ivonete da Silva
A identidade linguística brasileira em contato com o Português Europeu; [manuscrito] : a variação léxico-cultural / Ivonete da Silva Santos. - 2018.
161 f.

Orientador: Prof. Dr. Alexandre Antônio Timbane.
Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal de Goiás, Unidade Acadêmica Especial de Letras e Linguística, Catalão, Programa de Pós Graduação em Estudos da Linguagem, Catalão, 2018.
Bibliografia. Anexos. Apêndice.
Inclui siglas, fotografias, abreviaturas, gráfico, tabelas, lista de tabelas.

1. Identidade. 2. Língua. 3. Cultura. 4. Português brasileiro. 5. Português europeu. I. Timbane, Alexandre Antônio, orient. II. Título.

CDU 81



ATA DE DEFESA PÚBLICA DE DISSERTAÇÃO DE MESTRADO DO PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO *STRICTO SENSU* – MESTRADO EM ESTUDOS DA LINGUAGEM DA UNIDADE ACADÊMICA ESPECIAL DE LETRAS E LINGUÍSTICA DA UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS – REGIONAL CATALÃO.

Defesa: nº 82/2017

Às nove horas do dia vinte e três de fevereiro de dois mil e dezoito, no Laboratório Multimeios, Bloco E, Sala 04, Campus I da UFG – Regional Catalão, reuniu-se a Banca Examinadora designada pela Coordenadoria do Mestrado em Estudos da Linguagem, composta pelas docentes: Profa. Dra. Fabíola Aparecida Sartin Dutra Parreira Almeida [Coordenadora do Programa Mestrado em Estudos da Linguagem], da Universidade Federal de Goiás – UFG/RC, presidiu a sessão em substituição ao orientador Prof. Dr. Alexandre Antônio Timbane – UFG/RC – UNILAB; Profa. Dra. Vanessa Regina Duarte Xavier, da Universidade Federal de Goiás – UFG/RC; Prof. Dr. Niguelme Cardoso Arruda, do Instituto Federal de Santa Catarina– IFSC/Criciúma [participação por webconferência], Profa. Dra. Maria Helena de Paula, da Universidade Federal de Goiás– UFG/RC para proceder à Defesa Pública de Dissertação intitulada “A IDENTIDADE LINGUÍSTICA BRASILEIRA EM CONTATO COM O PORTUGUÊS EUROPEU: A VARIAÇÃO LÉXICO-CULTURAL”, de autoria da mestrandia **Ivone de Silva Santos**, matrícula 20160414. Iniciando os trabalhos, a Presidente da sessão apresentou a Banca e a candidata ao título de Mestre. Em seguida, agradeceu a presença do público e passou a palavra à mestrandia para a apresentação do trabalho. A seguir, a Presidente concedeu a palavra aos examinadores, que passaram a arguir a candidata. A duração da apresentação discente e a arguição dos examinadores aconteceram conforme regulamento do Programa. Ao término da arguição, a Banca Examinadora se reuniu em sessão secreta para atribuir os conceitos finais da Dissertação. Em face do resultado obtido, a Banca Examinadora considerou a candidata: Aprovada, estando apta a fazer jus ao Título de Mestre em Estudos da Linguagem. Nada mais havendo a tratar, foi lavrada a presente ata que, após lida e aprovada, será assinada pelos membros da Banca Examinadora e pela discente. Regional Catalão, UFG, aos vinte e três dias do mês de fevereiro de dois mil e dezoito. Esta defesa de Dissertação de Mestrado Acadêmico é parte dos requisitos necessários à obtenção do título de Mestre. O diploma correspondente será emitido após cumprimento dos demais trâmites, conforme normas do Programa e legislação da Universidade Federal de Goiás, especialmente o Artigo 62 da Resolução CEPEC 1403/2016.

Banca Examinadora:

Fabíola

Parecer:

Aprovada Reprovada

Prof. Dra. Fabíola Aparecida Sartin Dutra Parreira Almeida
(UFG/RC)

Vanessa Regina Duarte Xavier

Aprovada Reprovada

Prof. Dra. Vanessa Regina Duarte Xavier (UFG/RC)

Niguelme Cardoso Arruda

Aprovada Reprovada

Prof. Dr. Niguelme Cardoso Arruda (IFSC)

PROGRAMA DE MESTRADO EM ESTUDOS DA LINGUAGEM
Av. Lamartine P. Avelar, 1.120. Setor Universitário – Catalão (GO). CEP 75.704 – 020. – Sala 02 – Bloco E. Fone:
(64) 3441-5356. E-mail: mestrado.letrascac@gmail.com

Maria Helena de Paula

Profa. Dra. Maria Helena de Paula (UFG/RC)

() Aprovada () Reprovada

Discente:

Ivone de Silva Santos: Ivone de Silva Santos

Observações (se for o caso):

Visto:

Coordenação do Programa de Pós-Graduação *Stricto Sensu* – Mestrado em Estudos da Linguagem
Universidade Federal de Goiás – Regional Catalão

Fabiola A. Sartin D. P. Almeida

Prof.^a Dr.^a Fabiola A. Sartin D. P. Almeida
Coord. Mestrado em Estudos da Linguagem
UFG/RC
Portaria D O U 6171/17

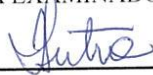
IVONETE DA SILVA SANTOS

“A IDENTIDADE LINGUÍSTICA BRASILEIRA EM CONTATO COM
O PORTUGUÊS EUROPEU: A VARIAÇÃO LÉXICO-CULTURAL”


Dissertação apresentada ao Programa de Mestrado
em Estudos da Linguagem, da Universidade
Federal de Goiás – Regional Catalão, como
requisito parcial para obtenção do grau de Mestre
em Estudos da Linguagem, Área de Concentração:
Linguagem, Cultura e Identidade.

Aprovada em **23 de fevereiro de 2018**.

BANCA EXAMINADORA



Prof. Dr. Fabíola Aparecida Sartin Parreira Almeida
UFG – Regional Catalão



Prof. Dra. Vanessa Regina Duarte Xavier
UFG – Regional Catalão



Prof. Dr. Niguelme Cardoso Arruda
IFSC



Prof. Dra. Maria Helena de Paula
UFG – Regional Catalão

“Falar uma língua é ver o mundo de certa maneira, e falar três línguas é, até certo ponto, ter a capacidade de ver o mundo de três maneiras diferentes”.

Mário A. Perini (2004, p. 52).

AGRADECIMENTOS

A Deus que me deu forças e sabedoria para continuar com a pesquisa quando tudo parecia sem solução, motivando-me com oportunidades de conhecimentos extras que muito contribuíram para o sucesso que este estudo terá.

Ao Prof. Dr. Alexandre António Timbane, que ao longo do período de mestrado me direcionou às melhores hipóteses cuja intenção era sempre a de encontrar respostas para os questionamentos que contribuíram para a qualidade e relevância que a este estudo possuiu. Para além da orientação, a amizade que, desde sempre, demonstrou a mim e que a pesquisa nos proporcionou. Pessoa a quem estimo muita admiração e gratidão por dispor do seus conhecimentos e experiências para enriquecer os meus.

Aos professores de longas e curtas datas que, de algum modo, intervieram na minha formação individual, acadêmica e profissional. Especialmente, a Prof.^a Dra. Maria Helena de Paula, a quem reservo admiração e estima; à Prof.^a Dra. Gisele da Paz Nunes (*in memória*), que muito contribuiu para minha participação no programa PLI – Graduação Sanduíche (Brasil - Portugal) e pela amizade, instrução e disponibilidade; ao Prof. Dr. Ulysses Rocha Filho, a quem sou grata pela acolhida quando do meu retorno ao Brasil, após a ausência da Prof.^a Dra. Gisele da Paz Nunes.

Aos professores portugueses que, com sabedoria, me fizeram crescer intelectualmente, sob críticas, sugestões e interlocuções diversas: Prof.^a Dra. Isabel Santos, pela amizade e acolhida quando a solidão parecia se apoderar de mim; Prof.^a Dra. Ana Cristina Macário, que exigiu, ponderou e acreditou no meu melhor; Prof.^a Dra. Sara Augusto, que muito instigou discussões críticas acerca da Literatura Brasileira; Prof. Dr. Pires Laranjeira, que constantemente lutou por discussões críticas sobre as literaturas e culturas africanas, a quem devo o apreço que tenho pelas literaturas e culturas africanas; e Prof. Dr. João Nuno P. Corrêa Cardoso, pessoa de saber ilibado e responsável pela minha decisão de enveredar pelos caminhos da Linguística-Estudos da Linguagem.

A meus pais, Tereza e José, que com sabedoria conduziram-me ao caminho da responsabilidade, do amor e da caridade. Agradeço por terem me mostrado que o melhor caminho é sempre o do conhecimento, pois a persistência dos meus pais em aprender a ler tem sido um motivo para que eu valorize ainda mais oportunidades correlacionadas ao conhecimento. A eles, a continuidade dos ensinamentos transmitidos e a obediência aos bons exemplos para uma boa convivência em sociedade.

Aos familiares próximos e distantes que de alguma forma estiveram ao meu lado, celebrando as alegrias e os momentos ruins proporcionados pela vida.

A meus irmãos e amigos, peças fundamentais na minha vida, de quem me fiz ausentar tantas vezes para dar prosseguimento a este estudo.

A meu esposo, Fernando, por todo o incentivo que me manteve firme nesta empreitada; por toda dedicação, paciência e acolhida quando tudo parecia impossível.

À CAPES, que proporcionou a continuidade deste estudo por meio da concessão da bolsa de estudos.

Aos participantes desta pesquisa que não mediram esforços em compartilhar suas experiências; por contribuírem com a essência deste trabalho.

Aos funcionários da UFG/RC, pela presteza no atendimento e resolução de situações imprescindíveis para minha formação acadêmica.

E a todos, os mencionados ou não, que de alguma forma se fizeram indispensáveis para a concretização deste trabalho.

SANTOS, Ivonete da Silva. nete.silva.santos@hotmail.com. **A identidade linguística brasileira em contato com o português europeu: a variação léxico-cultural**. 2018. 161 f. Dissertação (Mestrado em Estudos da Linguagem) – Universidade Federal de Goiás. Catalão. 2018.

RESUMO

Este trabalho visou a estudar o comportamento linguístico de nove estudantes brasileiros¹, vinculados à Universidade Federal de Goiás (UFG) das cidades de Catalão, Goiânia e Jataí, participantes do Programa de Licenciaturas Internacionais (PLI) no período de 2012 a 2014, em universidades portuguesas. O intuito desta pesquisa foi compreender a relação que se mantém entre as variedades e culturas brasileiras e portuguesas em situação de contato em contexto português, bem como descrever o modo como essas dimensões influenciaram na (re)construção identitária dos estudantes brasileiros participantes da pesquisa. Desta forma, fez-se uma leitura da situação de contato entre os dois grupos linguísticos, falantes do português brasileiro (PB) e falantes do português europeu (PE), evidenciando as aproximações e diferenças léxico-cultural entre as duas variedades que emergem das situações vivenciadas durante o contato. O cerne desta análise se sustenta em estudos realizados por Bauman (2005), Hall (2011), Labov (2008) e Perini (2004) sobre a tricotomia língua/cultura/variação e a relação que as mantem ligadas ao sujeito no processo de readaptação ou construção da identidade dentro da visão sociolinguística, e em outros textos que foram pertinentes ao desenvolvimento desta pesquisa. A constituição do *corpus* se deu a partir das respostas, por escrito, fornecidas por nove participantes brasileiros às perguntas feitas por meio de questionários. O questionário se constituiu de vinte e duas questões, as quais dizem respeito às variações lexicais do PB em contato com o PE, de modo que sejam evidenciados os aspectos mais marcantes da cultura e identidade linguística brasileira em contexto europeu. Os resultados desta pesquisa apontam que os conflitos gerados a partir do contato entre os participantes, alunos brasileiros, da pesquisa com o PE encontram respaldo em aspectos linguísticos, históricos e culturais que constituem as comunidades brasileira e portuguesa, bem como a dificuldade de alguns portugueses em aceitar a variedade brasileira como correta. A identidade linguística brasileira foi uma constante dura todo o contato, pois os resultados evidenciam a ocorrência de uma possível adequação a situação de contato, por parte dos participantes da pesquisa, em contraposição ao desvencilhamento da identidade brasileira. No entanto, o uso desse sistema denuncia o sujeito como indivíduo e/ou coletividade socialmente situado em um grupo específico, cuja identidade cultural e linguística logo é percebida. A cultura, a identidade e a variação lexical constituem um processo de auto afirmação do sujeito em situações de contato com outros grupos. Contudo, cada variedade ocupa uma posição muito bem delineada e por isso as diferenças de uma em relação a outra existem e se justificam na constituição sócio-histórica respectiva a cada comunidade lusófona. Como contribuição esta pesquisa servirá de base às autoridades para que repensem as propostas e as políticas educacionais que embasam o desenvolvimento de programas educacionais que tem como objetivos a formação de alunos de graduação fora do país, bem como contribuir com os estudos já existentes que dizem respeito a variação léxico-cultural entre variedades da LP e impulsionar novos estudos relacionados às áreas correlacionadas a temática deste estudo.

Palavras-chave: Identidade. Língua. Cultura. Português brasileiro. Português europeu.

¹ Está pesquisa não tinha como foco registrar a cidade de origem dos estudantes que participaram da pesquisa, embora sabemos que o fato desses alunos terem tido vínculo com a UFG das cidades referidas não significa dizer que foram nascidos e criados nas respectivas cidades.

SANTOS, Ivonete da Silva. nete.silva.santos@hotmail.com. **A identidade linguística brasileira em contato com o português europeu: a variação léxico-cultural**. 2018. 161 f. Dissertação (Mestrado em Estudos da Linguagem) – Universidade Federal de Goiás. Catalão. 2018.

ABSTRACT

This study aimed to study the linguistic behavior of nine Brazilian students, linked to the Federal University of Goiás (UFG) in the cities of Catalão, Goiânia and Jataí, participants in the International Baccalaureate Program (PLI) from 2012 to 2014 in Portuguese universities. The aim of this research was to understand the relationship between the Brazilian and Portuguese varieties and cultures in contact situations in Portuguese context, as well as to describe how these dimensions influenced the (re) construction of the Brazilian students participating in the research. Thus, a reading of the situation of contact between the two linguistic groups, speaking of Brazilian Portuguese (PB) and speakers of European Portuguese (PE), was made, showing the lexical-cultural approximations and differences between the two varieties that emerge from the situations experienced during contact. The core of this analysis is based on studies conducted by Bauman (2005), Hall (2011), Labov (2008) and Perini (2004) on language / culture / variation trichotomy and the relationship that keeps them linked to the subject in the readaptation process or construction of identity within the sociolinguistic view, and in other texts that were pertinent to the development of this research. The constitution of the corpus was based on the answers, in writing, provided by nine participants to the questions asked through questionnaires. The questionnaire consisted of twenty-two questions, which relate to the lexical variations of PB in contact with the EP, so as to highlight the most striking aspects of Brazilian culture and linguistic identity in a European context. The results of this research point out that the conflicts generated by the contact between the participants of the research with the EP are supported by linguistic, historical and cultural aspects that constitute the Brazilian and Portuguese communities, as well as the difficulty of some Portuguese in accepting the Brazilian variety as correct. The Brazilian linguistic identity was a constant hard all contact, because the results evidenced the occurrence of a possible adaptation to the situation of contact, by the participants of the research, as opposed to the disentangling of the Brazilian identity. However, the use of this system denounces the subject as an individual and / or collectivity socially situated in a specific group whose cultural and linguistic identity is soon perceived. Culture, identity and lexical variation constitute a process of self-affirmation of the subject in situations of contact with other groups. However, each variety occupies a very well defined position and therefore the differences of one in relation to another exist and are justified in the socio-historical constitution of each Portuguese-speaking community. As a contribution, this research will serve as a basis for the authorities to think better about the proposals and the educational policies that support the development of educational programs that aim at the training of undergraduate students abroad, as well as contribute with the existing studies that respect the lexical-cultural variation between varieties of LP and to promote new studies related to the areas related to the thematic of this study.

Key words: Identity. Language. Culture. Brazilian Portuguese. European Portuguese.

LISTA DE ACRÔNIMOS E SIGLAS

CAPES – Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior

CoEP – Comitê de Ética em Pesquisa

LP – Língua portuguesa

PB – Português brasileiro

PE – Português europeu

PM – Português moçambicano

PLI – Programa de Licenciaturas Internacionais

TCLE – Termo de Consentimento Livre e Esclarecido

UFG – Universidade Federal de Goiás

LISTA DE FOTOS

Foto 1 – Seiras: cesta feita de junco ou espanto, para guardar coisas diversas.....	133
Foto 2 – Jesuíta: pastel de massa folhada com cobertura de creme.....	134
Foto 3 – Justa: zona prisional da Polícia Judiciária.....	134
Foto 4 – Rebuçado: guloseima feita de açúcar	135
Foto 5 – Boceta: caixinha pequena, geralmente de madeira.....	135

LISTA DE APÊNDICES

Apêndice A – Questionário.....	152
---------------------------------------	------------

LISTA DE QUADROS

Quadro nº1 – Exemplos de algumas particularidades linguísticas do PE.....	53
Quadro nº 2 – Exemplos de algumas diferenças lexicais do PB em relação ao PE e PM.....	63
Quadro nº 3 – Exemplos de algumas influências, toponímicas, das línguas indígenas e africanas na LP falada no Brasil.....	77
Quadro nº 4 – Palavras emprestadas da língua inglesa.....	79
Quadro nº 5 – Grupo 3: Questões abertas com justificativas.....	96

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico nº1 – Juízos de valor, dos participantes, sobre o PE na primeira semana de contato.....	100
Gráfico nº2 – Palavras dos contextos do PE e do PB utilizadas no primeiro contato com o PE.....	103
Gráfico 3 – Palavras do PE que foram entendidas com facilidade.....	105
Gráfico 4 – Aspectos linguísticos do PE que soaram como sendo os mais complicados.....	107
Gráfico 5 – Avaliação dos alunos brasileiros em relação à tolerância, dos professores portugueses, sobre o PB.....	109
Gráfico 6 – Manutenção do léxico brasileiro após intercâmbio.....	112
Gráfico 7 – Palavras com significados diferentes no PB e PE que causaram transtorno no contexto do PE.....	114
Gráfico 8 – Palavras e/ou expressões portuguesas de uso frequente no PB.....	116
Gráfico 9 – Palavras de uso comum no PE e no PB escolhidas, pelos participantes, como as mais engraçadas pelo uso no PE.....	118
Gráfico 10 – Palavras comuns ao PB que foram rejeitadas, por professores universitários pelo uso no contexto do PE.....	120

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	18
I. LÍNGUA, CULTURA E IDENTIDADE	26
1.1 Conceito de língua e debates conceituais.....	26
1.2 Problematizando a noção de cultura e cultura linguística.....	34
1.3 Identidade linguística e cultural.....	35
1.3.1 A identidade linguística como constitutiva do ser brasileiro.....	35
II. O PORTUGUÊS E SUAS VARIEDADES	50
2.1 O português europeu.....	51
2.2 Do português europeu para o PB.....	55
2.3 O português brasileiro.....	60
III. A FORMAÇÃO DO LÉXICO NO PORTUGUÊS BRASILEIRO	66
3.1 O léxico do português brasileiro.....	66
3.2 As bases sociais e históricas que sustentam a variação lexical nos dias atuais.....	74
3.2.1 Empréstimos linguísticos das línguas indígenas e africanas.....	74
IV. PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS	81
4.1 Dos sujeitos da pesquisa.....	82
4.2 Da formalização da pesquisa.....	83
4.3 O <i>corpus</i> em si.....	84
4.3.1 Da constituição do objeto de pesquisa.....	84
4.3.2 Apresentação dos dados.....	85
4.4 Análise dos dados.....	98
CONSIDERAÇÕES FINAIS	137
REFERÊNCIAS	142
ANEXO – Parecer Consubstanciado.....	147
APÊNDICE A – Questionário.....	152
APÊNDICE B – Termo de Consentimento Livre e Esclarecido.....	152

INTRODUÇÃO

Em todas as sociedades, a língua tem desempenhado um papel importante como um dos meios de expressão entre os membros da comunidade. É através da língua que se transmitem os valores culturais e se estabelecem relações entre os falantes que culminam na identidade cultural. É por meio do uso da língua que se identifica e se distingue a origem geográfica dos falantes e se reconhece traços culturais que a comunidade carrega na sua expressividade. Camara Jr. (1989) em sua obra “Princípios de linguística geral” demonstra que a língua é uma parte da cultura e ela depende de toda cultura.

A presente pesquisa, cujo título é *A identidade linguística brasileira em contato com o Português Europeu: a variação léxico-cultural* tem por objetivos gerais, estudar o comportamento linguístico de estudantes brasileiros participantes do Programa de Licenciaturas Internacionais (PLI) no período de 2012 a 2014, em universidades portuguesas; compreender a relação que se mantém entre as variedades e culturas brasileira e portuguesa em situação de contato em contexto português, bem como descrever o modo como essas dimensões influenciaram na (re) construção identitária dos estudantes brasileiros participantes da pesquisa.

Em relação à qualidade da formação de professores da educação básica no Brasil, destaca-se a importância do PLI como possibilidade de ampliação de conhecimento nas áreas que envolvem profissionais da educação. O PLI é um programa assistido pela Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior-CAPEX e tem como objetivos: ampliar a formação de docentes para o ensino básico no contexto nacional; ampliar e dinamizar as ações voltadas à formação de professores, priorizando a formação inicial desenvolvida nos cursos de licenciatura; apoiar a formulação e a implementação de novas diretrizes curriculares para a formação de professores, com ênfase no Ensino Fundamental e no Ensino Médio.

Em síntese, o PLI visa a elevar a qualidade da graduação com foco na melhoria do ensino dos cursos de licenciaturas: Química, Física, Português, Matemática, Biologia, Artes e Educação Física. Este programa se realiza em parceria com universidades portuguesas e tem a duração máxima de vinte quatro meses, podendo participar alunos selecionados e que estejam cursando o terceiro período do curso de licenciatura ao qual estão regularmente matriculados.

Em relação ao título deste trabalho, a primeira parte diz respeito ao objeto da pesquisa, o contato entre a identidade linguística brasileira e o PE, já a segunda parte, o subtítulo, está

relacionada ao escopo de análise, a variação léxico-cultural, bem como às relações estabelecidas pelas variedades e culturas brasileira e portuguesa como fatores fundamentais no processo de criações e mudanças lexicais.

O português é língua oficial em África (Angola, Moçambique, Guiné-Bissau, Cabo Verde, São Tomé e Príncipe e Guiné-Equatorial), na América (Brasil), na Europa (Portugal) e na Ásia (Macau e Timor Leste). Fica clara a ideia de que o português é uma língua internacional e tende a ganhar mais falantes ao redor do mundo. Segundo Oliveira (2013) o português é falado por entre 221 a 245 milhões pessoas sendo de 7 a 9 milhões nas diásporas, principalmente nos Estados Unidos, Canadá, Japão, África do Sul, Paraguai e Venezuela.

Em todos esses lugares geográficos, a LP não é falada da mesma forma. A cultura, as tradições, os hábitos e costumes têm contribuído para a variação e mudança da língua. O sistema se mantém aparente e lentamente sólido enquanto a norma, por meio da fala, vai variando com mais evidência de um lugar geográfico para outro (COSERIU, 1959/1960). A norma está sujeita à mudança a todo instante, porque a língua não é estática e varia segundo as variáveis sociais, geográficas, situacionais etc., disponíveis no interior da comunidade onde atua a língua (LABOV, 2008).

O contato entre pessoas de diferentes quadrantes geográficos proporciona ao ser social escolhas que condicionam a construção de uma nova identidade, sendo revelada através da identificação cultural ou do modo como o sujeito se identifica perante o outro. Essa identidade se desenvolve dentro de um contexto marcado pelo choque cultural e linguístico que desencadeia uma situação conflitual entre os indivíduos em contato. É a partir dessa situação de conflito que a identidade atual é totalmente constituída, tendo em consideração a necessidade de adaptação ao meio social de que se deseja fazer parte.

Portanto, a identidade é sempre conseguida pela relação do “eu” com o “outro”, o diferente, que, por fim, é condicionada pelo contexto físico, sensorial ou temporal. Essa relação implica no sujeito o desenvolvimento identitário a partir das dimensões cognitiva, afetiva e comportamental, revelados através da linguagem que o indivíduo verdadeiramente assume. Daí a importância da linguagem como “meio de ação recíproca, é um meio de interagir com os outros, é lugar de confrontações, de acordos de negociações” (FIORIN, 2013, p. 19). O pensamento de Fiorin acerca da linguagem encontra pertinência na relação que existe dentro do processo de interação social promovido pelos grupos em contato, a fim de se comunicarem entre si, de modo a interagirem globalmente com o mundo ao seu redor. A

linguagem permite ao ator social ordenar a realidade por meio de conceitos criados com a finalidade de categorização do mundo ao seu redor. Por isso,

o uso de uma determinada variedade linguística marca a inclusão num dado grupo social e dá uma identidade a seus membros. Aprendemos a distinguir as diversas variedades e, quando alguém começa a falar, sabemos que certas expressões pertencem à fala dos mais jovens; outras indicam que o falante tem mais idade. As variantes linguísticas conferem uma identidade às pessoas, sejam elas pessoas do mundo real ou personagens, que são pessoas de ficção (FIORIN, 2013, p. 27).

Reparemos nas colocações que Fiorin (2013) faz na citação acima a respeito da importância do uso do sistema de signos e suas possibilidades combinatórias para o processo de adaptação dos membros a seus grupos e até mesmo a novos grupos, já que é por meio da variedade de origem, comum a todos os membros, que os grupos buscam a interação social como fator denunciante dos pertencentes ou não do mesmo grupo.

Diante do fato de que a língua(gem) é inclusiva pode se compreender que inclui o sujeito em determinado grupo social, visto que os membros de um mesmo grupo devem ater-se às normas culturais e linguísticas que circulam dentro de cada grupo social. Nessa ideia ocorre, também, a exclusão, já que o sujeito ao pertencer a um determinado grupo, deixa de fazer parte de outros grupos. Ao aceitar, consciente ou inconscientemente, as normas culturais e linguísticas vigentes no grupo de recepção, o recém-chegado² passa a ser parte do novo grupo adaptando-se às realidades do espaço em que convive. Caso haja rejeição dessas regras compartilhadas, desenvolve-se a exclusão e preconceito linguístico discutido com pormenor pelo linguista Marcos Bagno quando desenvolve o mito nº 2 “Brasileiro não sabe português. Só em Portugal se fala bem português” (BAGNO, 2009, p.36).

Todas as atividades cognitivas básicas do ator social ocorrem de acordo com sua história social e acabam se constituindo num produto do desenvolvimento histórico-social de sua comunidade. É por isso que as habilidades cognitivas e a forma como se estrutura o pensamento do sujeito não são determinadas pelo inatismo, tal como defendia Chomsky. O comportamento linguístico é resultado das atividades praticadas de acordo com os hábitos sociais da cultura em que o ator social se desenvolve. Consequentemente, a história da

² Ao longo do trabalho os falantes do PE são referenciados como grupo de recepção e os falantes do PB como o grupo recém-chegado.

sociedade à qual se sujeita o indivíduo e a sua história pessoal são fatores cruciais que determinam a forma ou o modo de pensar desse mesmo sujeito, seja como indivíduo ou coletivo.

O pensamento é refletido na linguagem e é também fator crucial na sua determinação, já que a língua funciona como caminho transmissor dos juízos, raciocínios e conceitos arraigados no pensamento, uma vez que o ato concreto da linguagem permite a conservação e a fixação do pensamento. Ou seja, os conhecimentos que foram interiorizados pelo ator social são resultado da forma como este interpreta a sua história e a história da comunidade de pertença. Esses conhecimentos, elaborados e partilhados socialmente, ao comporem o imaginário do indivíduo, dão sentido ao mundo social e são exteriorizados através da linguagem.

A linguagem contém uma série de escolhas sobre a forma de representar o mundo, está ligada ao contexto cultural no qual se desenvolve³, ou seja, é um ato de vontade e de inteligência do sujeito que a produz. Essa produção é livre e se desenvolve significativamente por estar arraigada aos valores culturais e linguísticos que norteiam a existência da comunidade de pertença do sujeito falante. É dentro desse contexto que se pode concluir que a linguagem é um traço essencial ao homem e as aquisições culturais são ensinadas e transmitidas em grande parte, pela língua (CAMARA JR, 1989).

Os valores culturais presentes no interior de cada comunidade linguística são fundamentais para significar o mundo ao sujeito, significando o sujeito às demais comunidades existentes no mundo. Portanto, a cultura como o conjunto de hábitos, costumes e práticas sociais é a representação viva da dinâmica social de cada comunidade no mundo. São os costumes que evidenciam os fatores norteadores da visão de cada comunidade em relação ao mundo e a si mesma. Daí a importância do estudo da língua juntamente com a cultura que envolve os membros de uma determinada comunidade linguística, até porque a cultura engloba possibilidades de interpretação de tudo que constitui o Universo.

Segundo Bagno (2014, p. 80) “... nenhuma língua humana viva, em nenhum momento histórico, é um bloco compacto, homogêneo, pronto e acabado. A língua – como tudo mais no universo – não para, está sempre se transformando”. Portanto, quando se fala em língua portuguesa (LP) no Brasil e em Portugal sem fazer a menor distinção que há entre elas, ou

³ A representação dos significados na língua vai de acordo com a forma como os falantes interpretam e compreendem o seu mundo. Por exemplo, na língua francesa a frase “eu ando de bicicleta” seria “je fais du vélo”. Isso significa que utiliza-se o verbo “fazer” para se referir à ação “andar de bicicleta” em português.

sem destacar as suas principais diferenças, incorre-se num equívoco capaz de menosprezar as demais variedades, inclusive a falada no Brasil. O que defende Bagno (2014, p. 74) é a existência de “forças centrífugas que agem sobre a língua, forças que puxam a língua para o centro, que a refreiam, que tentam conter seu impulso de mudança”, perspectiva essa defendida por Meillet no início do século XX. Essas forças jamais impedem que as mudanças ocorram na língua resultado das interferências culturais, geográficas, ambientais e outras variáveis sociais.

Perini discorre sobre o assunto argumentando que “essa língua vai mudar, como já mudou muito no passado e pode ser que dentro de algum tempo se comece a chamá-la ‘brasileiro’, considerando-a uma outra língua, diferente da de Portugal” (PERINI, 2004, p.23). A colocação de Perini (2004) nos faz compreender que ao longo do tempo as variedades ganham identidades próprias e tentam trazer uma afirmação. Chamar de português brasileiro ou português angolano é reforçar essa identidade sociocultural que a variedade carrega. Se a variedade brasileira vai se tornar uma língua daqui a alguns anos, só o tempo dirá, mas o fato de existirem variações no PB não significa que a mesma deixa de ser LP, porque a variedade falada no Brasil é uma das possibilidades permitidas pelo sistema maior, a LP.

Apesar da exposição que Perini (2004) faz sobre a possibilidade de existir no futuro uma língua brasileira, há uma conformação entre as concepções de linguistas acerca das faces que a LP adquiriu em cada país. Diante desse fato, somos convidados a concordar, porque o título de variedades brasileira, portuguesa, moçambicana etc., não é simplesmente para marcar um sentimento nacionalista, mas para revelar que a língua como parte identitária do seu povo exerce papel fundamental no processo em que se constitui cada comunidade linguística⁴.

É, inevitavelmente, que o contato entre grupos diferentes não se configura em conflitos ora negativos ora positivos. Tal situação se justifica no fato de que países diferentes se constituem dentro de uma esfera própria e não idêntica muito bem definida. Contudo, o contato entre brasileiros e portugueses resultou em conflitos culturais e linguísticos que têm como resultado situações negativas e/ou positivas. Quando negativas, os grupos tendem a excluir o outro por ser diferente, quando positivas, a relação social flui normalmente e os grupos se acolhem mutuamente.

⁴ Entendemos por **comunidade linguística**, nesta pesquisa, o conjunto de falantes geograficamente localizados que usam uma mesma língua (sem necessariamente ser a língua materna de todos) ou um mesmo dialeto para comunicarem entre si. Partimos do fato de que a língua serve para a comunicação entre membros de um grupo que partilham mesmo idioma. A Comunidade de Países de Língua Portuguesa é no nosso caso, uma comunidade maior da qual se encontram variedades, dialetos e variantes que formam subcomunidades específicas

A motivação maior para o desenvolvimento desta pesquisa se sustenta nos questionamentos que surgiram após a observação da relação que se estabelece entre o PE e PB em ambiência portuguesa, marcada pelo conflito entre aspectos culturais e linguísticos do grupo de origem com os do grupo de recepção. A pergunta a seguir constitui o problema desta pesquisa: o que motiva o conflito entre falantes do PB e PE, já que as comunidades brasileira e portuguesa fazem uso do mesmo sistema linguístico, a LP?

Na tentativa de dar uma resposta provisória ao problema desta pesquisa lançamos mãos de hipóteses que justificam os conflitos gerados a partir do contato entre os participantes dessa pesquisa e o PE, em contexto do PE. Sendo assim esses conflitos são devidos: i) ao fato de não conformação por parte dos portugueses em aceitar a variedade brasileira como correta tanto quanto o PE, se tivemos em atenção os relatos de alguns dos participantes dessa pesquisa disseram que, em algum momento, foram repelidos pelo uso de algumas palavras do PB em território português; ii) a efetivação do conflito gerado a partir do contato entre falantes brasileiros e portugueses é devido à manifestação de resquícios preconceituosos que permanecem enraizados nas bases culturais que sustentam os principais motivos das mudanças linguísticas entre as duas variedades; iii) o contato entre diferentes grupos provoca a sobreposição dos diferentes aspectos culturais e linguísticos referentes a cada grupo e parece relembrar o processo de imposição da língua portuguesa ao ambiente brasileiro em que a ideia predominante era manter nas colônias o português falado em Portugal. Tais pressupostos se configuram num processo de rejeição cultural que, ainda hoje, parece indicar que Portugal não reconhece a autonomia linguístico-cultural em que se encontra o Brasil.

Este estudo se desenvolveu sob a perspectiva metodológica da análise e interpretação dos dados obtidos por meio de questionários aplicados a vinte alunos brasileiros que participaram do PLI e que estudaram em Universidades portuguesas durante o período de 2012 a 2014. Para a constituição do *corpus*, foram feitas perguntas aos inquiridos por meio de questionários contendo vinte e duas questões dos tipos abertas e fechadas, sobre a variação lexical do PB em contato com o PE, de modo que fossem visíveis as evidências marcantes da cultura e da identidade linguística brasileira no contexto europeu.

Este estudo, por ser direcionado a questionamentos teóricos, pretendeu ser uma leitura da relação que se estabelece entre o contato linguístico entre variedades da LP em contexto europeu e manifestações culturais diferentes: em especial as culturas brasileira e portuguesa. Para tal, é preciso levar em conta a pressuposição de que o léxico representa a cultura de um

povo, servindo aos membros da comunidade que o usa e funcionando como parte fundamental na diferenciação deste povo em relação aos demais.

Como todo estudo deve estar pautado num suporte teórico pertinente ao desenvolvimento da pesquisa em si, esta pesquisa está embasada em estudos desenvolvidos por Bauman (2005), Hall (2011), Labov (2008), Perini (2004), Laraia (2009), Coelho (2006), Mateus (2001; 2002), Mateus *et al.* (2003), Bagno (2014), Mattos e Silva (1988, 1998; 2004), Rodrigues (2010), Timbane (2013a,b) e Fiorin (2013) sobre a tricotomia língua/cultura/variação e a relação que as mantêm ligadas ao sujeito no processo de readaptação ou construção da identidade dentro da visão sociolinguística, e por outros textos que foram pertinentes ao enriquecimento do desenvolvimento desta pesquisa.

Sendo assim, a pesquisa está estruturada em quatro capítulos. No capítulo 1, privilegiam-se debates conceituais sobre a importância da língua, identidade e cultura, de modo que os teóricos citados possam contribuir pertinentemente para a compreensão conceitual dos temas em apreço.

Já no capítulo 2 dá-se-à atenção a algumas peculiaridades da LP e suas variedades, em especial o PB e o PE. A primeira seção trata do desenvolvimento da LP e das configurações que motivaram o surgimento de variedades mundo afora; na segunda seção, a discussão se dá em torno da trajetória do PE como fator importante para a constituição do PB como variedade da LP. E na terceira seção tem atenção especial a discussão que trata de algumas peculiaridades do PB como constitutivas do todo linguístico brasileiro.

O capítulo 3 se reserva às particularidades do PB, tendo em conta os aspectos culturais, sociais e linguísticos que o sustentam até os dias atuais. Na primeira seção, dar-se-á atenção especial às peculiaridades que recobrem a existência da variedade da LP, o PB. Desse modo, integram-se à discussão os aspectos que serviram de base para a formação lexical do PB, na segunda seção; e a terceira seção discute a importância dos empréstimos lexicais e culturais das línguas indígenas, africanas e inglesa para as configurações que constituem a variedade brasileira como diferente em relação às demais variedades da LP.

Já o capítulo 4 se resguarda à metodologia, à apresentação e à análise dos dados obtidos através de questionários aplicados aos participantes da pesquisa. Incluem-se nessa parte a exposição e a interpretação quantitativa e qualitativa por meio dos dados da pesquisa com o auxílio de tabelas e gráficos.

A interação social é fundamental para a existência humana, pois o homem só sobrevive em comunidade porque consegue se relacionar com seus pares, caso contrário não suportaria a solidão e possivelmente acabaria por se extinguir do universo social. A dinâmica social exige que os participantes do processo interacional se comuniquem e essa comunicação se efetiva através do uso de um determinado código linguístico. Esse faz parte da complexidade cultural que sustenta as identidades dos membros de determinada comunidade linguística, visto que é um sistema que se transmite de geração em geração. Sob esses pressupostos se resguarda o capítulo que se inicia a seguir.

I. LÍNGUA, CULTURA E IDENTIDADE

Neste capítulo traremos ao debate conceitos-chave sobre língua, cultura e identidade e suas relações para formação de uma determinada comunidade linguística. O que se vai priorizar neste capítulo serão debates que mostram a relação entre os conceitos, revelando como isso se processa na formação de uma identidade linguística. Tentaremos explicar o modo como os sujeitos de grupos ou comunidades diferentes se posicionam perante o contato com membros de outras comunidades, já que cada comunidade denuncia valores que lhe são importantes e estabelece uma relação social a partir do conhecimento que tem de si e do outro.

Deixa-se clara a ideia de que o signo linguístico é arbitrário, mas não deixa de estar inserido dentro de uma cultura e de uma identidade. Uma vez que as comunidades linguísticas possuem identidades diferentes teremos signos diferentes. Para ilustrar esta ideia, Cunha, Costa e Martelotta (2009, p.18, grifos nosso) revelam que em “algumas línguas indígenas apresentam o mesmo termo para designar o **sol** e a **lua**.” Isso significa que os falantes dessas línguas colocam na mesma categoria esses dois objetos celestes e, logo, têm o mesmo nome. Por essa razão tem lógica de ter um único nome, porque “a linguagem determinaria a percepção e o pensamento: as pessoas que falam diferentes línguas veem o mundo de modos distintos” (CUNHA, COSTA E MARTELOTTA, 2009, p.18). É assim como esses povos indígenas enxergam o seu mundo. Dito isto, iniciaremos com o conceito de língua.

1.1 Conceito de língua e debates conceituais

Iniciemos a nossa reflexão expondo os principais conceitos de Saussure sobre a língua (*langue*) e a fala (*parole*). A primeira diz respeito ao conjunto de signos abstratos que servem de meios de expressão e de compreensão entre os membros de uma mesma comunidade linguística. A *langue* se configura, nesse sentido, como parte essencial da linguagem, existindo como um produto social depositado na memória coletiva, que é herdada culturalmente, dentro de um processo inteiramente coercitivo (SAUSSURE, 2006). Já a *parole*, ainda na perspectiva saussuriana, se apresenta como a realização desses signos linguísticos, que se concretizam de modo linear a partir do modelo disponível realizado individualmente, ou seja, é o uso que cada membro da comunidade linguística faz da língua disponível para se fazer ouvir e compreender. Por isso, a *parole* é um produto individual que

se caracteriza como produto heterogêneo, variável e, as vezes, momentâneo. É importante acrescentar que o indivíduo só é capaz de dominar e usar uma parte da *langue*. É o sistema que comanda os usos da *langue*, discutido com pormenor por Saussure (2006) e mais tarde por Coseriu (1959/ 1960).

Diante da insuficiência da distinção da dicotomia saussureana, Coseriu (1959/1960) propôs distinções claras partindo da tríade sistema/norma/fala como fator esclarecedor dos problemas que ainda vigoram nos estudos da linguagem e no contexto em que se materializam. Portanto, o sistema é, na concepção de Coseriu (1959/1960), modelo abstrato que se constitui de oposições funcionais que representam um código para toda a comunidade linguística, funcionando como indicador de possibilidades linguísticas, ou seja, o sistema é a língua em si. Em outras palavras, o sistema é constituído por elementos e mecanismos que dão suporte à criação de novas possibilidades linguísticas, das quais fazem uso a comunidade e o indivíduo. A língua como sistema é um produto e modelo que se encontra sob a dinamicidade da linguagem humana, pois se constitui a partir de atos concretos e se apresenta, também, como modelo que serve de suporte para realizações de atos de fala em tempo futuro (DUARTE, 2001).

Segundo Coseriu (1959/1960), o sistema pode ser visto sob duas perspectivas: o normal e o funcional. O sistema funcional diz respeito às formas linguísticas e está à disposição do indivíduo. O sistema normal compreende aquilo que é repetido no interior da comunidade linguística pelo indivíduo e seus pares e se configura como modelo impositivo, que se impõe aos usuários do sistema em si.

Sobre a proposta de Coseriu (1959/1960), importa pensar que a norma é a “realização coletiva do sistema, que contém o próprio sistema e também elementos funcionalmente não pertinentes, porém usuais no falar de uma comunidade” (DUARTE, 2001, p. 164). Essa norma se concretiza através da *parole*, atos de fala concretos e individuais que agregam originalidade expressiva a cada falante. Desta forma, a *parole* se traduz em manifestações linguísticas que se realizam individualmente pelo falante e sua comunidade, que se concretizam em realizações inéditas do sistema dentro de uma determinada norma, permitindo a elevação do grau de variação linguística.

Ademais, norma significa, nesse contexto, modelos aceitos pela comunidade linguística, esses modelos se constituem individualmente e coletivamente por tradição ou

repetição dentro de um plano convencional e opcional, visando à preservação de aspectos comuns ao grupo linguístico.

Portanto, a proposta de Coseriu encontra pertinência e é útil aos estudos da linguagem no momento em que propõe a integração da norma como elemento esclarecedor das possibilidades de expressões dadas pela língua. Tal definição propõe a valorização das normas, de modo que uma não se sobreponha à outra, mas devem ser vistas como diferentes, como possibilidades de variação dentro de uma mesma comunidade linguística. Sendo assim,

a distinção entre sistema e norma é importante porque resolve as dificuldades da dicotomia *langue-parole* e contribui para esclarecer o funcionamento da linguagem, atividade linguística, como criação, repetição e recriação, movimento obrigado e movimento livre no quadro das possibilidades oferecidas pelo sistema (COSERIU, 1959-60, p. 29).

Dessa forma, pode-se afirmar que a relação entre os elementos da tríade de Coseriu fortalece os estudos da linguagem partindo da díade de Saussure. Tal proposta acrescenta e resolve alguns problemas que dificultavam, segundo Coseriu, a clareza dos estudos da linguagem.

Ademais, a definição do termo “língua”, associada ao contexto social, gira em torno do conceito de que a língua é um instrumento de comunicação, do qual se valem os membros de uma mesma comunidade a fim de promoverem a interação social. A língua é um conjunto de signos herdados culturalmente que só podem ser aprendidos coletivamente e que estão à serviço de todos e para todos os membros sociais de uma dada comunidade linguística (COELHO, 2006). Isso quer dizer que o sistema de signos que constitui a língua e suas possibilidades combinatórias existe de modo coercitivo e disponibilizado na memória coletiva.

O sistema de signos tem sido estudado dentro de uma perspectiva multifacetada, no sentido de que pode ser aprendida como língua materna ou segunda, podendo ser estrangeira. A língua materna interessa a este estudo, já que é ela a que brota naturalmente no meio social de uma comunidade, sendo adquirida pela criança logo nos primeiros anos de vida. É a língua materna que permite à instituição família a transmissão de valores, sentimentos, crenças e culturas comuns ao grupo social de origem que intuitivamente busca a interação social.

Para explicar a importância e o papel da língua materna na determinação de como o ator social pensa e apreende o mundo, devemos tomá-la globalmente como um fenômeno social, ou institucional que, em si mesmo, é puramente abstrato. Isso porque a língua não

apresenta uma existência física, mas que, em determinadas ocasiões, é atualizada no comportamento linguístico. É através dessa perspectiva que as línguas naturais se distinguem e contrastam entre si.

O modo como o ator social pensa e entende o mundo é resultado da experiência e da relação afetiva que ele mantém com a língua materna, sendo ela o veículo principal pelo qual ele estabelece uma relação comunicativa e interpretativa de si e do grupo do qual faz parte. É por meio da língua que o ser falante conhece e aprende tudo que o rodeia. Diante disso, é perceptível que a língua é um bem imaterial que funciona para os membros de uma determinada comunidade como fator determinante na construção da identidade individual e grupal, que intuitivamente os identifica e os localiza dentro do grupo de pertença.

Por isso,

usar uma determinada língua ao invés de outra é comportar-se de uma forma ao invés de outra. Tanto a linguagem quanto as línguas específicas podem ser encaradas como comportamento, ou atividade, parcialmente observável como comportamento linguístico, não só pelos participantes-observados (isto é, falantes e ouvintes na medida em que restringimos nossa atenção à língua falada) mas também por observadores que naquele momento não estão envolvidos neste comportamento caracteristicamente interativo e comunicativo (LYONS, 1981, p. 22).

Para Lyons, o uso de determinada língua consiste na escolha de como se revelar ao mundo, apresentando-se de uma maneira muito peculiar. Isso confere ao ator social uma identidade que o diferencia dos membros de outros grupos, situando-o dentro do grupo de pertença. Tais manifestações são reveladas através da língua que o ator social verdadeiramente assume. Dessa forma, o veículo comunicacional usado pelo falante é elemento fundamental que transmite claramente a cultura dentro da/para a comunidade.

Segundo Laraia (2009), a cultura só existe por causa da língua e é graças a ela que a sua existência se torna conhecida e divulgada, na maioria dos casos. Se não existisse linguagem, não haveria interação social entre os membros de uma comunidade, já que os valores, os sentimentos e todas as atividades cognitivo-afetivas são externalizadas ao grupo por meio das atividades linguísticas. Esta última só encontra eficácia no processo pelo qual se desenvolve, devido à presença das propriedades constitutivas da linguagem humana.

Essas propriedades permitem a transmissão dos valores culturais, morais e éticos, importantíssimos para o desencadeamento e integração do ator social dentro da comunidade. Isso só é possível porque os responsáveis pela transmissão se valem de aspectos culturais

remotos no tempo e no espaço, dos quais não participou o aprendiz, ligando-os ao presente, de modo que se tornem significativos para a interação do ator social dentro da comunidade de pertença ou de que deseja fazer parte.

Contudo, os aspectos culturais produzidos pelos antepassados dos sujeitos transmissores servem às novas gerações como fundamento para a consolidação cultural da comunidade que se encontra situada num tempo presente. Nesse sentido, o que ocorre é a dinâmica do deslocamento linguístico, que permite ao falante situar, narrar e projetar os fatos acontecidos no passado ao presente. Tal propriedade se concretiza através da produção da estrutura frasal, que significa os fatos contados dentro do quadro estrutural desencadeado pela dualidade de estruturação. Ou seja, essa é uma característica “do plano da linguagem em que se diferenciam morfemas variando combinações da linguagem, combinações de fonemas” (HOIJER, 1974, p. 57).

Isso quer dizer que a linguagem possui dupla possibilidade de combinação, já que se articulam unidades mínimas significativas (morfemas) e distintivas (fonemas). Portanto, a linguagem humana se diferencia das outras formas de comunicação animal pelo fato de ser resultado de uma aquisição e aprendizagem que se relacionam com a cultura. A linguagem humana está na mente de cada sujeito, havendo necessidade de ser acionada para que efetivamente funcione. A linguagem humana é vocal/gestual, duplamente articulada com possibilidade de produzir diversos discursos com sentidos distintos, dependendo de cultura para cultura.

Por isso, está intimamente ligada à cultura de um povo. Outra questão interessante acerca desse assunto é a produção de inúmeros enunciados que não chegam a ser esgotados pelo falante. Como propriedade constitutiva da linguagem, o sistema linguístico é aberto e permite a construção, renovação ou elaboração de novas sentenças. Tal fato marca o distanciamento da linguagem humana em relação à animal, uma vez que o sistema de comunicação animal não possui características como esta e com isso não passa de manifestações comunicativas fechadas. Isso porque não há dinâmica nesse processo que permita aos membros do grupo animal interagirem entre si. Na verdade a linguagem animal é um sistema fechado e repetitivo, não permite a elaboração e a renovação de sentenças.

Diante disso, a língua como instituição de signos (SAUSSURE, 2006) está à disposição dos membros de uma comunidade, permite-os comunicarem-se de modo interativo e compreensível. Aliás, ao desenvolverem a linguagem, que de modo peculiar assume em

cada grupo uma especificidade linguística, os envolvidos no processo comunicacional interagem entre si de modo a suprirem as necessidades que a comunicação exige. Como se vê, a compreensão do assunto transmitido a outrem pressupõe um acordo linguístico entre as partes envolvidas no discurso, já que a interação social busca amenizar os choques culturais e linguísticos existentes no contato entre grupos diferentes.

Segundo Fiorin (2013), a aprendizagem do homem em relação às línguas parte de uma programação, já que este pode aprender qualquer língua, desde que não sofra de nenhum mal psíquico ou neurológico que o impeça. Dessa forma, a linguagem verbal “deve ser aprendida sob a forma de uma língua, a fim de se manifestar por meio de atos de fala” (FIORIN, 2013, p. 14). A língua é fundamental para o desenvolvimento do homem como ator social, uma vez que a existência em comunidade pressupõe uma interação recíproca e esta não se realiza separada da língua e da linguagem usadas pelos membros da comunidade.

A importância da língua como fator fundamental na construção da identidade do ator social ao longo de sua vida se justifica pelo fato de o sujeito ser identificado através do plano linguístico. Ademais, o conjunto de signos utilizado pelos sujeitos de uma determinada comunidade é também fator de identificação capaz de situar o ator social em determinado grupo linguístico. Dessa forma,

cada língua é um retrato do mundo, tomado de um ponto de vista diferente, e que revela algo não tanto sobre o próprio mundo, mas sobre a mente do ser humano. Cada língua ilustra uma das infinitas maneiras que o homem pode encontrar de entender a realidade (PERINI, 2004, p. 52).

As línguas são capazes de revelar o homem e suas convicções ao mundo, constituindo uma característica importantíssima que condiciona o processo de ilustração (PERINI, 2004), ou seja, capaz de traduzir a realidade ou parte dela sob o ponto de vista de cada ator social. Nesse caso, entendemos esse processo como construção de uma identidade linguística, já que a língua, ao revelar a mente humana de modo particularizado, pressupõe a externalização sígnica e verbal através do olhar de um sujeito, do grupo e de uma determinada comunidade. Isso significa que a identidade linguística é moldada através da intervenção dos membros da comunidade linguística em comunhão com o sistema linguístico vigente em seu meio. Tal afirmação vem ao encontro do pressuposto de que o indivíduo efetiva a sua existência no meio social quando se apresenta linguisticamente como parte de uma determinada variedade

linguística: falante do português brasileiro, do português angolano, do português europeu etc. E com isso acaba por se revelar e revelar a sua identidade linguística aos outros.

Partindo dessa questão, de que modo o ser brasileiro é constituído identitariamente pelo plano linguístico? Se pensarmos que “falar uma língua é ver o mundo de certa maneira, e falar três línguas é, até certo ponto, ter a capacidade de ver o mundo de três maneiras diferentes” (PERINI, 2004, p. 52), chegamos ao entendimento de que falar português e, ainda, falar PB, é ver o mundo dentro dos moldes permitidos pelo sistema maior (LP), mas o modo de uso desse sistema revela como o sujeito vê e entende o mundo através do PB. Isso constitui o processo de diferença entre o grupo do PB e os demais, visto que a identidade brasileira “é o resultado da criação de variados e complexos atos linguísticos que a definem como sendo diferente de outras identidades nacionais” (SILVA, 2009, p. 77), ou seja, é através do uso da língua que o falante pouco a pouco vai produzindo sua auto identidade.

O Ser brasileiro se revela através da identidade linguística que verdadeiramente assume o falante do PB e o modo como ele se apresenta ao mundo, dá conta da forma como o grupo ou a comunidade à qual pertence se vê, pensa, entende e resolve as situações cotidianas, tão comuns à rotina diária de si como indivíduo ou como coletivamente. Dentro da variedade brasileira existe uma confluência que marca a identidade linguística brasileira como um todo. Mas, ainda dentro da comunidade brasileira, coexistem inúmeros falares que constituem identidades específicas que compõem o PB, condicionando a construção da identidade linguística brasileira. Nesse sentido, a LP como condicionadora de identidades faz parte de um plano, o linguístico. O uso da LP no Brasil passou a representar a identidade brasileira de modo a diferenciá-la das demais identidades no mundo. Porquanto,

se a língua está dentro de nós e se a língua é o ambiente social em que circulamos, não pode haver separação entre a linguagem e seu uso, entre quem fala e onde fala. No momento em que duas ou mais pessoas iniciam alguma troca verbal por meio da língua, todos os componentes individuais (psicológicos, cognitivos, biográficos etc.) e sociais (históricos, políticos, culturais, ecológicos, étnicos, religiosos etc.) são ativados para compor uma intrincada rede em que tais componentes se fundem e se confundem (BAGNO, 2014, p. 16).

No entanto, falar em identidade linguística brasileira pressupõe falar das línguas (línguas de imigrantes, indígenas e o português) e do modo como foram e são utilizadas no Brasil, de modo especial a LP. Tendo em conta, que a LP contribui para a constituição de uma

identidade ampla, a brasileira e a várias identidades específicas, estas são marcadas e desenvolvidas em cada indivíduo a depender da região ou país em que vive.

Desse modo, a identidade linguística brasileira é resultado da confluência que se deu entre LP, meio e sujeitos, mas não só, pois agrega contributos de outras línguas que estiveram e estão presentes no país. Trata-se, então, do manejo que faziam e fazem os brasileiros do sistema linguístico inserido no Brasil a partir dos portugueses, já que a língua como sistema permite de modo flexível e dinâmico a sua adaptação ao meio ao qual se vincula. Nesse caso, o uso particularizado da LP no Brasil é uma manifestação identitária, se pensarmos que a língua é uma máquina que processa a história social e política de uma comunidade, concretizando-a através da linguagem de que se utilizam seus usuários. Desse modo, é a língua a responsável por diferenciar esta comunidade das demais existentes no mundo, sejam de mesma língua ou não.

Embora a LP não seja uma língua de origem brasileira, ela se efetivou no território brasileiro de modo a se constituir como fator identitário do povo brasileiro, visto que os membros dessa comunidade externalizam seus sentimentos, impressões, percepções etc., através da LP. Mas esse identificador não se restringe à LP como uma língua intacta que, tendo chegado ao Brasil, assim se manteve, mas na amplitude de uma LP que se efetivou como identificador, a que agrega influências de outras línguas, inclusive as línguas indígenas existentes no país.

O papel da LP é suprir as necessidades comunicativas de seus usuários, seja em situações internas ou quando fora do seu convívio comum. Sendo assim, o uso de uma determinada língua e o modo como ela é utilizada pelos falantes de uma determinada comunidade influencia no processo de diferenciação desta comunidade em relação às demais, pois a língua é também contexto (BAGNO, 2014). E é justamente o contexto social, histórico e político que facilita a adequação de uma determinada língua a uma dada comunidade.

O sistema linguístico permite que o homem nomeie tudo que o cerca. É no uso dele que o sujeito torna público o que pensa e sente acerca do objeto nomeado e observado; é, na verdade, o resultado do processo de categorização (BIDERMAN, 2001). Ou seja, o sentido da sua existência está no modo como interage com o mundo ao seu redor, pois se não houvesse interação o homem não possuiria uma identidade, seja ela cultural ou linguística. O sujeito só sobrevive em comunidade porque manifesta um certo interesse pelo outro, pela cultura alheia

e pelo diferente, bebendo sempre nas fontes culturais do grupo de pertença. Portanto, a LP é um dos fatores de identificação da comunidade brasileira

1.2 Problematizando a noção de cultura e de cultura linguística

A cultura é essencial à constituição de uma determinada comunidade, podendo ser resumida como sendo “o modo de viver típico, o estilo de vida comum, o ser, o fazer e o agir de determinado grupo humano, desta ou daquela etnia” (VANNUCCHI, 2011, p. 26). Nesse sentido, é pertinente pensar que os costumes cristalizados no interior de um determinado grupo são conhecimentos herdados e partilhados ao longo da história social do grupo em causa. Esses conhecimentos pertencem ao sujeito individual e coletivo e se propagam ao longo dos anos, ou melhor, o fazer, o agir e o modo de ser são comportamentos que refletem a cultura da comunidade estudada, tornando-a conhecida. Agir de um modo ao invés de outro diz muito sobre o tipo de cultura que partilha cada indivíduo, até porque o grupo do qual faz parte o indivíduo se baseia em conhecimentos partilhados socialmente.

No entanto, a produção cultural se desenvolve mediante elementos concedidos por uma herança cultural que se traduz em atribuições valorativas e morais, diferentes tipos de comportamentos etc., sendo que o teor dessa herança constitui o modo como o indivíduo interpreta o mundo ao seu redor.

Desta feita, os membros de uma determinada cultura partilham conhecimentos e formas de pensar que os induzem a considerá-los como os mais adequados e corretos, uma vez que “o fato de que o homem vê o mundo através de sua cultura tem como consequência a propensão em considerar o seu modo de vida como o mais correto e o mais natural” (LARAIA, 2009, p. 72). Sendo assim, numa sociedade plural como a que constitui o mundo é natural que encontremos povos de culturas diversas, semelhantes ou não entre si. Mas, como diz Hall (2011), a diferença é essencial ao significado, até porque a cultura contribui para a significação do contexto social e histórico de um povo e por isso é tão importante a sua transmissão.

A cultura pode ser entendida como atemporal e, apesar de ser uma herança, está sendo sempre atualizada. Se pensarmos que o homem não é só um mero conhecedor de dados e informações culturais, é também agente cultural (VANNUCCHI, 2011), o que lhe permite respirá-la, produzindo-a.

Segundo Laraia (2009), todo comportamento humano é resultado de um processo de aprendizagem herdado dos seus antecessores decorrente de imposições originadas dentro da cultura, porquanto o homem ao pertencer a uma determinada cultura se mostra ao mundo como imitador de padrões culturais específicos, os quais correspondem à comunidade na qual está inserido.

O processo de transmissão cultural depende da relação entre passado e presente manifestada pela atuação do sujeito no meio social, já que o ser humano não sobrevive em comunidade sem se relacionar com o outro. Até porque “a comunicação é um processo cultural. Mais explicitamente, a linguagem humana é um produto da cultura, mas não existiria cultura se o homem não tivesse a possibilidade de desenvolver um sistema articulado de comunicação oral” (LARAIA, 2009, p. 52). A afirmação anterior é pertinente se pensarmos que a cultura, por ser um conjunto de hábitos e costumes herdados, depende de um processo de transmissão. Esse processo é veiculado às novas gerações por meio da comunicação oral, principalmente.

Nesse sentido, o grupo social se mostra ao mundo através dos conhecimentos que tem da sua cultura. Sendo assim, a cultura de um povo também é linguística, ou seja, a língua se move dentro de um determinado grupo por meio da cultura, visto que aquela é um produto da cultura e a cultura depende da língua para ser propagada e mantida no interior dos grupos, atravessando séculos e gerações.

O indivíduo, ao contatar com o outro que partilha outra cultura, demonstra o modo como interpreta o mundo dentro dos limites impostos pelos padrões culturais que constituem a comunidade de origem, já que a identificação cultural é perceptível logo no primeiro contato. Até porque o sujeito social se encontra inserido em determinado grupo social, no qual partilha costumes que o diferenciam dos demais grupos sociais.

Desta maneira, os “indivíduos de culturas diferentes podem ser facilmente identificados por uma série de características, tais como o modo de agir, vestir, caminhar, comer, sem mencionar a evidência das diferenças linguísticas, o fato de mais imediata observação empírica” (LARAIA, 2009, p. 68). Então, todos os costumes e hábitos próprios de um determinado grupo são elementos fundamentais para diferenciar este grupo daquele, este indivíduo daquele. Portanto, é nesse processo de diferenciação que surge a identidade cultural.

A identidade cultural “aparece como uma modalidade de categorização da distinção nós/ eles, baseada na diferença cultural” (CUCHE, 1999, p. 177). Ou seja, cada grupo partilha

uma cultura e esta se baseia em elementos fundamentais que particularizam cada um como diferente no mundo social. Nesse caso, convém lembrar que a cultura é o conjunto composto complexamente por representações de juízos ideológicos e dos sentimentos que se transmitem no interior de uma comunidade. A identidade cultural é a consolidação dos sentimentos e valores que são interiorizados pelos sujeitos sociais como manifestações significativas que traduzem o mundo ao indivíduo sob uma ideia muito peculiar ao grupo de origem.

Em síntese, a cultura é essencial na formação identitária de um povo, tornando a realidade comum aos membros de uma determinada comunidade mais significativa dentro do contexto que envolve as relações sociais no interior desta comunidade. E é graças à disposição do sistema linguístico para determinada comunidade que os valores culturais e morais são transmitidos de tempos em tempos, tornando possível a ligação entre passado e presente. Diante disso, é perceptível a importância da língua para a transmissão da cultura, sendo aquela também parte desta.

1.3 Identidade linguística e cultural

A proposta para esta seção é trazer ao lume conceitos básicos que possam definir os termos identidade linguística e cultural, de forma a explicar a importância do modo como se identifica o sujeito brasileiro, membro da comunidade linguística e culturalmente constituída. Neste contexto, a identidade é reflexo da cultura e da cultura linguística em que vigoram a respectiva comunidade.

1.3.1 A identidade linguística como constitutiva do ser brasileiro

A identidade linguística é percebida quando o sujeito está em contato com o diferente, ou seja, quando o falante utiliza uma determinada língua e entra em contato com outro falante de variedade diferente, sente a sua própria identidade linguística. É a partir do contato com o diferente que o sujeito falante percebe as particularidades comuns ao grupo de pertença, e, com isso, não identificando-as no grupo com o qual está em contato, percebe a sua própria identidade e a do outro também. Enquanto convive com o seu grupo, o sujeito interage de modo inconscientemente não tendo noção do que é sua identidade ou sem ao menos pensá-la como diferente no mundo. Isso acontece devido à noção de mundo que o sujeito tem quando

em convívio estrito com seu grupo, mas ao falar com o outro se percebe e percebe o outro como não pertencente ao mesmo grupo.

Essa questão nos convida a refletir que o ser brasileiro é uma identidade coletiva, no sentido em que esta identidade se diferencia dos demais membros da lusofonia. Nesse sentido, interessa pensar que, dentro da comunidade, brasileira a relação identitária que se estabelece está fortificada pela potencialidade expressiva que a língua proporciona aos usuários no momento de comunicarem-se uns com os outros, tornando o mundo mais atrativo a eles. Segundo Coelho (2006, p. 19),

o relacionamento dos homens com o mundo e entre si, dentro desse esforço de superar os problemas diários, é responsável pela instauração da linguagem, faculdade de simbolização e procedimento comunicativo, com a qual os homens dizem o mundo e se dizem uns aos outros, permitindo, desta maneira, um intercâmbio social mais profundo das experiências anteriores e interiorizadas, coletivas ou individuais.

A questão que interessa a este estudo é que se a língua possibilita a interação do homem no/com o mundo, a linguagem efetiva essa interação, no sentido em que é através dela que se materializam o pensamento e as impressões dos sujeitos de uma determinada comunidade linguística. Daí a pertinência da afirmação que Coelho (2006) faz na citação acima, já que a existência de uma língua para a vivência em grupo se efetiva a partir do momento em que a linguagem é instaurada. Servindo aos membros deste grupo como escopo que materializa o que internamente precisa se tornar conhecido, a língua(gem) traduz a realidade processada no interior do sujeito como forma de pensar, ver, sentir, rejeitar ou aceitar tudo que engloba uma determinada situação que ele experiencia.

É a necessidade de interpretar o mundo que induz coercitivamente os membros de uma comunidade a se servirem de um sistema de signos, materializando-os através das escolhas sígnicas para melhor suprir as necessidades que o processo de interpretação requer. Sendo assim, os membros da comunidade brasileira, ao escolherem a palavra **banheiro**⁵ para designar o local “público ou privado com vaso sanitário, cômodo para banho, equipado com banheira e/ou chuveiro” (HOUAISS; VILLAR, 2009, p. 121), quando em contato com membros da comunidade portuguesa, percebem que a mesma palavra não designa o mesmo local. A palavra **banheiro** é entendida pela comunidade portuguesa (e em outras lusofonias) como “pessoa que faz a vigilância das praias, nadador-salvador”, **salva-vidas** no PB

⁵ Reconhecemos a existência de variantes possíveis na lusofonia: toailete, sanitário, WC, latrina.

(DICIONÁRIO DE LÍNGUA PORTUGUESA, 2012, p. 103). Esse exemplo demonstra que a escolha de determinadas palavras e o uso de um mesmo sistema linguístico em espaços geograficamente diferentes revela modos de pensar diferentes, sendo que os recursos combinatórios que a língua portuguesa oferece aos seus usuários permitem as eles significá-los de acordo com sua cultura social e histórica para melhor traduzirem-se a si e ao mundo dentro de um olhar próprio. Efetivamente, a linguagem só existe no homem (COELHO, 2006).

Os conhecimentos que são interiorizados pelo ator social, ao longo de suas experiências no mundo, são resultados do modo como ele interpreta a sua própria história social e a história da comunidade de pertença. A partilha desses conhecimentos, no meio social, ao fazerem parte do imaginário dos membros da comunidade linguística, dão sentido ao mundo social, ocasionando o processo de simbolização evocado pelo uso de uma determinada língua/linguagem. É através desse processo de simbolização que o sujeito se percebe, percebendo o outro e tudo que o rodeia dentro do universo; tal percepção induz o ator social a observar as minúcias mais significativas que estabelecem pontos cruciais na diferenciação do “eu” para com o “outro”. Desta forma, o indivíduo estabelece uma relação mais forte com o grupo de pertença e toma consciência da identidade que verdadeiramente assume. Esta identidade é, num primeiro momento, individual e se torna ainda mais significativa quando representada coletivamente. A identidade linguística coletiva é uma marca do grupo do qual faz parte o ator social.

No caso do Brasil, a identidade linguística dita **coletiva** e **individual** são partes de um plano flexível, no sentido em que a **individual** diz respeito ao uso particular que faz cada membro da comunidade brasileira sob o ponto de vista dos vários falares existentes em todo território brasileiro. Ou seja, cada região do Brasil tende a se expressar por meio de diferentes variantes. Isso significa dizer que as variantes dentro do país são reflexos dessa identidade individualizada que se amarra na identidade de grupo, podendo ser identidade linguística goiana, gaúcha, baiana, paulista etc., já a identidade linguística brasileira **coletiva** reflete um grupo maior e de modo geral, porque esta é agregadora de várias identidades linguísticas menores, as já citadas.

Neste caso, o PB representa a comunidade linguística brasileira, ou seja, representa a identidade brasileira coletiva linguisticamente falando, mas dentro desse conjunto maior existem subconjuntos agregadores de identidades individuais e até regionais. Apesar da

subdivisão, a identidade linguística brasileira centra-se na questão de que todos os brasileiros fazem parte de uma comunidade que usa a LP diferente de qualquer outra comunidade de mesma língua e isso é ainda mais evidente quando contata comunidades lusófonas diferentes. O contato com outra comunidade linguística é sempre enriquecedor, vez que durante o contato linguístico, cada falante tende a divulgar a sua variedade, revelando as particularidades do grupo de pertença como marca de uma identidade efetivada nos moldes de uma determinada língua por meio da linguagem que lhe é comum.

Portanto, a identidade linguística brasileira é resultado da confluência linguística motivada pelo contato entre a LP, as línguas indígenas (tukano, baniwa, nheengatu etc.), as africanas e as línguas dos imigrantes, como é o caso do pomerano em São Gabriel da Cachoeira-AM (MATTOS e SILVA, 2004). Ao longo desse contato, aspectos culturais e linguísticos foram se consolidando no desenvolvimento de uma identidade brasileira linguística e cultural própria, diferente das demais identidades respectivas a cada comunidade lusófona. Ademais, as identidades vistas sob uma perspectiva ampla também não são estáticas e variam de acordo com a comunidade representada, ou seja, as várias comunidades que fazem uso da LP no mundo possuem identidades culturais e linguísticas específicas, pois a língua de uso comum sobrevive em comunidades diferentes, culturas diferentes etc.

A questão de estar no universo brasileiro e fazer parte dele confere aos participantes desse mesmo universo peculiaridades extras que os diferenciam dos demais grupos que compõem os outros universos, visto que as sociedades possuem origens diversas (HALL, 2011). O universo em questão, como qualquer outro, possui interstícios próprios que o caracterizam como singular quando em diálogo com o mundo. Isso quer dizer que o Brasil, como universo único, dispõe de características próprias e diferentes de outros países. Tais características se destacam pelas avaliações dos sujeitos da pesquisa. Tomemos como lado positivo as questões linguísticas e culturais que constituem o todo deste universo. Nesse sentido, o caráter multicultural e linguístico que sustentam as bases do ser brasileiro hoje faz parte de um processo que resultou na identidade dos membros do universo brasileiro em relação ao outro, se pensarmos que a identidade existe sempre em relação a uma outra (CUCHE, 1999).

A identidade é visivelmente percebida como desejo de representar a cultura do grupo de pertença do sujeito quando em contato com outro grupo. Dessa forma, o brasileiro, quando em situação de contato com grupos cultural e linguisticamente diferentes, deixa vir à tona os

aspectos culturais e linguísticos comuns ao grupo respectivo. No entanto, a identidade brasileira nem sempre é uma manifestação consciente, pois mesmo sem perceber o sujeito brasileiro denuncia a cultura, valores éticos e morais que circulam na comunidade de pertença inconscientemente. Até porque qualquer sujeito individual e coletividade tende a se manifestar identitariamente dessa forma e a identificação cultural se manifesta através de atitudes linguísticas e ações que denunciam a sua origem. Ou seja, o ser brasileiro se torna conhecido por meio de manifestações linguísticas e ações que revelam a cultura comum à comunidade à qual pertence, tendo como referente maior, sempre, o grupo de origem e junto com ele todo o universo brasileiro que o insere no mundo.

Subjacente a essa revelação, existem remissões a sub-referentes que nada mais são do que o conjunto que engloba elementos variados de culturas outras, de outros povos que pelo Brasil passaram. Esses povos deixaram no país suas marcas mais significativas e estas foram fundamentais para a constituição da identidade brasileira que se sustenta em uma única base, porém essa base foi alicerçada por contribuições múltiplas advindas de grupos representantes de outros universos culturais.

O percurso estruturante da identidade brasileira, dentro do ponto de vista multicultural, é o elemento moldador que continua a dar forma ao ser brasileiro, hoje, sem desvencilhar essa mesma identidade do passado histórico e social que engendrou o universo brasileiro. Sendo assim, possuir uma identidade brasileira implica assumir que essa mesma identidade carrega em si um conjunto de outras culturas de povos de nacionalidades diversas. Por isso,

possuir uma identidade cultural nesse sentido é estar primordialmente em contato com um núcleo imutável e atemporal, ligando ao passado o futuro e o presente numa linha ininterrupta. Esse cordão umbilical é o que chamamos de tradição, cujo teste é o de sua fidelidade às origens, sua presença consciente diante de si mesma, sua “autenticidade” (HALL, 2011, p. 29, grifos do autor).

Quando se fala em apresentação das origens, somos remetidos ao universo de que fazemos parte no momento atual, mas a remissão pode nos levar, também, à origem mais remota, ou seja, aquela origem à qual pertenceram nossos antepassados. A eles diz respeito todo o passado de tradição que, de algum modo, ainda se reflete na identidade, hoje, manifestada pelos brasileiros. Portanto, esse núcleo atemporal e imutável com que a identidade cultural faz contato se configura num movimento que permite a renovação da identidade brasileira dentro das configurações que o próprio movimento permite. Isso quer

dizer que a identidade, embora sofra mudanças, elas acontecem de modo parcial, ou seja, não se desvinculam por total do passado, já que esse constitui os elementos principais que sustentam a base identitária brasileira. Por isso, a tradição é importante quando se trata da identificação cultural e linguística de um povo.

O Brasil é um país de grande extensão territorial. A expansão cultural, advento da colonização portuguesa, encontrou nesse espaço abrigo significativo para, por um longo período, propagar a fé cristã, a culinária, os costumes etc. O que resultou dessa instalação cultural no país deu origem ao que chamamos, hoje, de identidade brasileira. Esta pode ser subdividida em identidade cultural e identidade linguística.

A sociedade brasileira, como qualquer outra, é um conjunto misto e heterogêneo que se fortifica nas culturas primeiras, manifestando no presente os aspectos culturais do passado já atualizados. Por isso, uma sociedade como a brasileira se constitui e foi assim constituída por muitos povos de origens diversas.

Para Hall (2011, p. 43, grifos do autor), “a cultura é uma produção”, pois depende da disposição dos membros da comunidade para ser produzida e disseminada, uma vez que a cultura é transmitida por gerações. Assim, a produção cultural é um processo de significação que se sustenta em valores, costumes e hábitos comuns a uma determinada comunidade. Ademais, a existência da cultura depende da produção individual que finalmente se generaliza na coletividade, já que a cultura depende da transmissão da tradição e isso só é possível em comunidade. Ou seja, a cultura depende de um prévio conhecimento do falante em relação aos valores genealógicos que circulam a comunidade de pertença. Esse processo é fundamental para a constituição do ser a partir de determinada cultura, e esta, ao ser transmitida, vai sendo, também atualizada.

Ao ser atualizada, a cultura nos capacita e da conta de nós mesmos como produções autênticas e renovadas. Essa nossa produção resulta na identidade que verdadeiramente assumimos. A produção cultural é uma produção identitária, já que ao produzirmos a cultura estamos produzindo a nossa própria identidade, somos nós os modulados e é assim que nos constituímos como sujeitos novos.

A questão que merece atenção neste contexto é o que fazemos das nossas tradições e não o que as tradições fazem de nós. Assim, a identidade cultural é mutável ou está em constante mudança. O ritmo dessa mudança pode ser mais ou menos intenso, a depender do modo como participam seus produtores. Tal atitude é determinante para a constituição

identitária de um povo. A cultura funciona como elemento de identificação que dá a conhecer ao mundo seus produtores e cultivadores, ou seja, a identificação de um determinado sujeito se dá também por meio cultural, pois a identificação cultural

é a realização, para cada pessoa, de uma determinada cultura abstratamente considerada. Assim, essa identificação cultural [...] está intimamente ligada aos hábitos, crenças, atividades artísticas, relações parentais e sociais do meio restrito em que o indivíduo está inserido (MATEUS, 2001, p. 19).

Ou seja, só é possível identificar o sujeito como sendo brasileiro, português, italiano etc., se tivermos atenção às orientações comportamentais (hábitos e crenças), manifestadas por cada sujeito representante de cada cultura quando em contato com o mundo ao seu redor.

A produção da cultura, vista como processo modelador, nasce da assimilação que faz o sujeito da tradição que lhe foi transmitida pelos seus semelhantes. Essa prática constitui a elaboração de comportamentos e atitudes modelados dentro da cultura que é produzida em determinada sociedade. Sobretudo, não é fora dos moldes culturais que o homem aprende a ser, pensar ou a se fazer no mundo, mas tudo que aprendeu, ou melhor, tudo que ele faz reflete os moldes culturais que representam a sociedade de que faz parte.

Desta feita, “o modo de ver o mundo, as apreciações de ordem moral e valorativa, os diferentes comportamentos sociais e mesmo as posturas corporais são assim produtos de uma herança cultural, ou seja, o resultado da operação de uma determinada cultura” (LARAIA, 2009, p. 68). A pertinência das considerações tecidas acima por Laraia para este trabalho centram-se na questão de que a cultura como produção está a serviço de uma determinada comunidade.

Essa produção cultural se efetiva na comunidade, uma vez que o sujeito, quando inserido num grupo, tende a comungar a cultura que o grupo professa, absorvendo o que há de mais significativo para promover a sua integração com o todo grupal. É a partir desse processo de inclusão cultural que o indivíduo, como membro de uma determinada comunidade, se mostra ao mundo por meio de comportamentos e atitudes que o diferenciam perante ao outro, o diferente, e esse diferente diz respeito àquele que não faz parte do seu grupo ou comunidade. Ou seja, não comunga os mesmos costumes, a mesma cultura.

A cultura é um elemento diferenciador, capaz de distinguir um sujeito de outro quando faz parte de universos culturais diferentes, podendo identificá-los facilmente por meio de características evidenciadas através do modo de agir, vestir, caminhar etc., (LARAIA, 2009).

Essas características possibilitam ao sujeito um modo particular de ver o mundo, pensando-o de acordo com as coordenadas intrínsecas à própria cultura, até porque o sujeito passa a se constituir dentro de um universo conhecido e partilhado por membros de uma mesma comunidade ou grupo. Tal situação faz com que o indivíduo sinta gosto e respeito pela sua cultura, de modo que inconscientemente a torne conhecida por onde passar.

Pertinentemente, a identidade cultural é, sobretudo, resultado de um processo multicultural, que, após ser produzida, se processa no seio coletivo como sentimento de pertença. Os membros que comungam desse sentimento ou que dele desejam comungar são integrados como pertencentes ao grupo, de modo que a ocorrência do contrário tende a excluir o pertencimento de outros sujeitos se não desejarem partilhar esta comunhão. Sendo assim, a identidade cultural se apresenta como una, mas por trás existem contribuições diversas que engendraram a sua formação.

A título de exemplo, a identidade cultural brasileira é uma só quando vista de fora, mas, se observada no seu interior, é visível o caráter de diversidade cultural que a sustenta. O mesmo se passa com o PB que parece uno quando visto sob a perspectiva macro⁶, mas visto por dentro observa-se que há variações. A presença da(s) cultura(s) indígena(s), portuguesa(s), africana(s), italiana(s), japonesa (s) e tantas outras que passaram pelo Brasil e de algum modo contribuíram para a formação da(s) cultura(s) que hoje se comunga no território brasileiro é provas da existência multicultural no país. Essa característica justifica o modo como o sujeito brasileiro se expressa culturalmente no mundo.

Ademais, a identidade cultural é uma construção social e tão complexa quanto a sociedade em que foi desenvolvida. A sociedade é um conjunto heterogêneo e complexo, por isso, as manifestações culturais seguem a mesma linha, em termos de complexidade, por estarem inseridas nessa sociedade. Ou seja, se constrói, reconstrói e se desconstrói no meio social, no grupo social ou dentro de uma comunidade de práticas sociais. A cultura não é um fenômeno fora das relações sociais, está arraigada na ambiência onde vivem seus produtores. Por isso, a identidade cultural não é pura, mas está carregada da participação de outras culturas que se fizeram presentes na formação histórico-cultural de um povo. Daí a proposta de um discurso sobre identidade multicultural brasileira que traz o subtítulo desta seção, já que o contexto histórico cultural do Brasil revela a participação efetiva de culturas outras no processo da formação da comunidade dita brasileira.

⁶ Embora sabemos que a variação não está, apenas, associada ao regionalismo.

Outrossim, a cultural, como elemento de simbolização, pode tanto identificar um grupo como distingui-lo dos demais, tendo em conta que uma identidade só é visível quando em contato com outra, diferente. Nesse caso, a diferença é fundamental para estabelecer as relações sociais. Os membros de um grupo se percebem dentro de um determinado grupo como participantes ativos, quando identificam no grupo alheio práticas que não lhes dizem respeito. É nesse momento que tomam consciência de quem são, como são e de onde são, quer dizer, a identidade “remete a uma norma de vinculação, necessariamente consciente, baseada em oposições simbólicas” (CUCHE, 1999, p. 176). Então, a identidade cultural exige que os partilhadores de uma determinada cultura se vinculem de modo consciente às práticas comuns ao grupo de que fazem parte.

No entanto, ao fazer parte ou desejar fazer parte deste e não daquele grupo, implica ao sujeito aceitar as práticas socialmente elaboradas e partilhadas no interior do grupo em causa. Isso quer dizer que, num primeiro momento, os membros da comunidade em apreço não têm consciência de que possuem uma determinada identidade ou que as práticas que refletem as suas atividades de simbolização os identificam perante aos outros grupos como diferentes. Essa fase de incidência é resolvida quando o membro-grupo contata com os demais, tornando o vínculo consciente e assumido.

As relações sociais vistas como trocas sociais são cruciais no momento de diferenciação cultural, pois as trocas se dão justamente para marcar as especificidades de cada cultura ou da cultura revelada por cada grupo que participa do processo de trocas. Desta feita, o movimento que emana desse processo parece precisar uma adequação das situações diversas que se circunscrevem a cada contato. A depender do tipo de relação social que se estabelece entre os grupos, as trocas podem ser mais ou menos intensas; quando o contato é demorado, é óbvio que as marcas de diferenciação cultural se dão com mais intensidade.

A cultura brasileira não se constituiu de uma única cultura, mas de várias culturas, pois, o caráter multicultural intrínseco à essa cultura é a base que a sustenta (BOSI, 2008), uma vez que, quando o sujeito se identifica como sendo de nacionalidade brasileira está manifestando-se como sujeito que partilha valores socioculturais comuns à comunidade de pertença. Nesse caso, a identidade brasileira não é uma, é sim múltiplas (BOSI, 2008). Corolariamente, trata-se de um acordo entre os membros do grupo cultural do qual fazem parte, firmando entre si um contrato simbólico que reflete um ato de aceitação e propagação da cultura do grupo. Esse contrato simbólico se traduz na aceitação dos costumes, dos valores

etc., que implica uma repetição dos mesmos como manifestação consciente ou inconsciente do desejo de torná-los conhecidos por gerações futuras (CUCHE, 1999). A cultura brasileira é plural e resulta do processamento de “múltiplas interações e oposições no tempo e no espaço” (BOSI, 2008, p. 9), e isso exige qualquer pressuposto de que existe uma identidade brasileira una, individualizada, pois ela é plural.

Acerca da construção de uma identidade cultural ou de várias identidades culturais, as ditas subculturas, já que estas últimas compõem o todo da identidade cultural em seu caráter multicultural, as manifestações, comportamentos e ações que a todo custo são produzidas pelo grupo podem ser encaradas como lutas/guerras pelo reconhecimento de si como membro fiel da comunidade de pertença. Essa situação desencadeia um cenário que envolve os participantes na tomada de decisão, seja pelo lado de afirmar a identidade cultural defendida, para o manifestante, ou de rejeição, para o participante observador.

Para tanto, a identidade cultural só é perceptível quando da existência de uma outra, pois essa percepção depende de uma relação estabelecida sob a ideia do dentro e o de fora, o que pertence e o que não pertence. Está explícita à relação uma construção fronteiriça que delimita o espaço cultural deste grupo em relação àquele. A esse respeito, importa pensar que o sujeito que partilha determinado grupo faz parte do “dentro”, e, portanto, está incluso no espaço cultural ao qual pertence o grupo em causa. Mas, se o indivíduo não comunga desses valores culturais, comungando outros de outro grupo, fica excluído do primeiro grupo, fazendo parte do de “fora” e é essa relação estranha e diferente que fortifica as identidades culturais.

Isso faz entender que a identidade é o modo como os membros de uma determinada comunidade se identificam perante o mundo; já a cultura é complexamente constituída por comportamentos, manifestações ideológicas e sentimentos positivos ou negativos emitidos e transmitidos no interior de uma comunidade. Sendo assim, identidade multicultural brasileira é o modo como os membros da comunidade brasileira se apresentam, identificando-se ao mundo por meio de um conjunto múltiplo de comportamentos, manifestações, juízos de valores e sentimentos que significam as situações cotidianas, o mundo, o outro e tudo mais que constitui o universo. Desse modo, a

cultura é o conjunto de práticas sociais, situadas historicamente, que se referem a uma sociedade e que a fazem diferente de outra. Baseia-se na construção social de sentidos a ações, crenças, hábitos, objetos que passam a simbolizar aspectos da vivência humana em coletividade. Construída

socialmente no cotidiano das relações humanas demanda que seja definida no seio das relações sociais e históricas que a amparam e por ela são caracterizadas (PAULA, 2007, p. 74).

Portanto, o todo significativo que se refere a uma determinada comunidade funcionando como reflexão simbólica e que de fato significa o mundo para ela, faz parte de um conjunto cultural que de modo particular a representa, diferenciando-a das demais comunidades no mundo. Deste modo, as considerações de Paula (2007) revelam que a cultura em sua complexidade é também ampla, vez que esta significa o mundo para a comunidade social por meio de uma construção simbólica significativa. A respeito da participação de culturas outras na formação da identidade cultural brasileira, importa falar sobre a importância das culturas indígenas, portuguesas e africanas que constituem a base do multiculturalismo existente no Brasil.

Por questões políticas, a LP acabou por vencer a “batalha”, sendo instituída como oficial e nacional. Mas as demais línguas ativas durante o contato não deixaram por menos, já que não foi possível vencer a batalha politicamente imposta, ao menos marcaram profundamente a língua vencedora. Partindo desse raciocínio, é fácil perceber que o PB conta com aspectos linguísticos das línguas indígenas e africanas devido ao contato e à relação que se estabeleceu quando da estada do PE no Brasil. Tais influências deram margem para configurações que caracterizassem o português falado no Brasil como PB. A influência das línguas indígenas no PB deixaram marcas visíveis em topônimos, nomes de animais e vegetais, objetos e produtos que dizem respeito à cultura local. Esta influência se deu por meio do fenômeno empréstimo linguístico⁷, uma vez que os portugueses tiveram que tomar de empréstimo alguns vocábulos da comunidade indígena para que a comunicação atingisse a eficácia de acordo com o local de sua realização. Portanto,

ao estabelecer relações amistosas com uma comunidade indígena, os portugueses foram aprendendo a usar a língua desta e, aos poucos, foram introduzindo em suas conversas em português os nomes indígenas das coisas típicas do novo meio ambiente, não só os nomes de plantas e animais, mas também os de artefatos e conceitos da cultura indígenas e, igualmente, as designações de acidentes geográficos, como rios e riachos, lagos, morros e serras etc. Assim, a língua portuguesa falada no Brasil adquiriu um grande número de palavras emprestadas tanto do tupi como do tupinambá (RODRIGUES, 2010, p. 31).

⁷ Esses empréstimos podem ter ocorridos por falta, no PE, de termos que correspondesse a realidade do contexto brasileiro e não apenas para assegurar a comunicação.

Interessante pensar que ao invés de os índios assimilarem a língua dos recém-chegados, foram os portugueses os que adotaram características linguísticas disponíveis nas línguas indígenas. Tal situação demonstra que o contato linguístico entre falantes de realidades socioculturais diferentes, onde o espaço de atuação não pertence a uma das partes envolvidas, induz o visitante a adotar parte da cultura do outro como possibilidade de interação com o mesmo. E foi exatamente o que aconteceu com os portugueses, já que não pertenciam ao território brasileiro.

Em relação às marcas linguísticas indígenas visíveis no PB, importa trazer a lume alguns exemplos extraídos de Rodrigues (2010): **puba, jojoca, mingau, pilar, pixaim, socar, jerimum, jabuti, urubu, aipim, araçá, araticum, jabuticaba, ingá, mangaba, Piratininga (peixes secos = tupi)** entre outros tantos vocábulos que fazem parte do acervo lexical da LP falada no Brasil. Castilho (2010, p. 180) nos dá a conhecer mais exemplos que representam a influência lexical das línguas indígenas no português falado no Brasil: **caipira, maracujá, sabiá, jacaré, jaguar, pururuca** etc. Segundo Rodrigues (2010, p. 31),

os nomes comuns e os topônimos são as aquisições mais naturais quando os falantes da língua receptora não têm nomes em sua língua para objetos culturais ou seres vivos que lhes são completamente estranhos, nem para os lugares que passam a conhecer.

Tal fato é justificável no caso dos portugueses, pois no Brasil eles puderam contatar coisas, animais etc., variados que são característicos do ambiente brasileiro e por isso não dispunham em sua língua de palavras que pudessem representá-los, daí a decisão por empréstimos de vocábulos indígenas.

Importa destacar a importância da cultura africana na constituição da cultura brasileira. A influência das línguas africanas na formação cultural e linguística brasileira se deu, sobretudo, devido à transplantação de africanos para o Brasil, a fim de suprirem as necessidades dos portugueses para exploração do novo território. Dessa forma,

o PB foi mais extensivamente exposto à influência das línguas africanas, pois de 1538 a 1855 foram trazidos cerca de 18 milhões de escravos negros, sujeitos a um contato mais intenso com a população branca, em contraposição aos 6 milhões de indígenas. (CASTILHO, 2010, p. 180).

Tal fato se justifica, hoje, no uso de palavras que fazem parte do conjunto lexical africano, vez que o uso dessas palavras no PB mostra a importância do contato entre os dois povos. Essa influência não foi aleatória, mas provavelmente se deu por motivos necessários emergidos da situação de contato. Ou seja, não se pode negligenciar a necessidade de adaptação que as línguas em contato deixaram emergir, já que qualquer língua em contato com outra tenderá a se adaptar aos moldes culturais e linguísticos da língua do local em contato, mas no caso das línguas africanas e o português a situação foi diferente, pois as duas realidades linguísticas advêm de territórios diferentes. Isso só prova que ainda assim as línguas são moldadas a depender das coordenadas locais, estando ou não em contato no espaço de origem.

Nesse sentido, a influência ocorre justamente na língua que se sobrepõe às outras, chegando a atingir o ápice da dominação da realidade linguística. No caso do Brasil foi o português a língua de maior força. E, por isso, as demais marcaram a sua existência no território brasileiro através de heranças lexicais que persistem até hoje no acervo lexical disponível aos falantes brasileiros. A título de exemplo, as unidades lexicais **cachaça, moleque, quiabo, dendê, carimbo, angu, jiló, bunda, samba, cachimbo, caçula, quilombo** etc., (CASTILHO, 2010, p. 181-182) provêm das diversas línguas africanas.

Portanto, trazer ao debate esses fatos como constitutivos do acervo cultural e linguístico da cultura brasileira é mostrar a importância de realidades culturais diferentes da do Brasil que fundamentam o ser brasileiro hoje. Sendo assim, as influências que as culturas africanas, indígenas e portuguesas mantiveram sob a realidade cultural brasileira são resultado de um intercâmbio cultural e linguístico entre diferentes povos num único espaço, o Brasil.

A identidade multicultural brasileira se justifica nesses fatos, pois conta com uma base diversificada, capaz de distinguir a cultura brasileira de outras existentes no mundo. Significa dizer que a cultura brasileira se constituiu de várias culturas e que permanece múltipla e não una. É possível verificar que regiões do país contam com características próprias adquiridas como heranças daqueles povos com quem por algum tempo estiveram em contato. Outro fator importante que justifica a heterogeneidade da sociedade são as várias identidades brasileiras que constituem a identidade brasileira como um todo, já que dentro do próprio país se contempla aspectos culturais diferentes que somados delineiam a identidade brasileira. Dentro do conjunto cultural brasileiro se encontra o goiano, o baiano, o gaúcho etc., e esses são parte ativa desta sociedade culturalmente e linguisticamente constituída.

Levando em consideração tudo que foi dito ao longo desta seção, é pertinente pensar que a identidade multicultural brasileira como modeladora do sujeito brasileiro é fundamental para posicioná-lo no mundo social, seja em relação às comunidades lusófonas ou às demais comunidades linguísticas existentes no mundo. De modo geral, a identidade brasileira se sustenta na relação entre sujeito brasileiro e meio social, se pesarmos que essa relação é tão complexa quanto a cultura brasileira em si. Em suma, não existiria sociedade brasileira identitariamente bem definida sem a confluência das culturas diferentes que a tempo se contataram, até porque o processo de formação cultural no Brasil foi um processo dinâmico e complexamente sustentado por valores, costumes e ideais que se perpetuaram na vivência social dentro da comunidade brasileira.

Dando continuidade ao desenvolvimento deste estudo, no capítulo a seguir será tratado o papel da LP como sistema linguístico que se disseminou mundo afora, instalando-se em sociedades distintas, bem como a importância das variedades da LP que sobrevivem em espaços separados, especialmente o PE e o PB.

II. O PORTUGUÊS E SUAS VARIEDADES

O todo cultural que sustenta a existência de uma determinada comunidade se constitui, também, pela diversidade linguística respectiva à língua de uso nessa mesma comunidade. Quer isto dizer que a LP faz parte do todo cultural que sustenta cada comunidade que a usa, constituindo-se valiosamente pela diversidade linguística existente em seu sistema, o que se caracteriza como variedades.

A existência de variedades da LP no espaço lusófono resulta do contato entre o português com outros sistemas linguísticos de diferentes locais de uso. Na formação da variedade, entra em cena a importância da cultura e do meio ambiente a que os falantes estão expostos. Tanto Camara Jr (1989) quanto Sapir (1969) são unânimes em afirmar que os valores socioculturais estão impregnados na língua e juntos parecem faces da mesma moeda.

Estamos cientes ao fato de que as variedades portuguesas, angolanas, moçambicanas, cabo verdianas entre outras resultam de influências culturais. Sendo assim, “cada grupo social tem um comportamento que lhe é peculiar e isso se vai manifestar também na maneira de falar seus representantes” (CUNHA, COSTA; MARTELITTA, 2009, p.19). Por isso o surgimento da variedade independe da vontade dos primeiros falantes nativos dessa língua. Assim, pode-se afirmar que a “variação não é um processo sujeito ao livre arbítrio de cada falante, que se expressaria, assim, do jeito que bem entender; muito pelo contrário, a variação é um fenômeno regular, sistemático, motivado pelas próprias regras do sistema linguístico” (CAMACHO, 2011, p. 35).

Sobre este debate acrescenta-se o fato de que a língua está em constante variação. Os estudos diacrônicos mostram claramente como as línguas vivas tendem a variar impulsionados pelos fatores sociais. Ainda há vozes que compreendem a variação como um desvio, como um jeito errado de usar a língua. De forma preconceituosa, muitos acham que não deveria haver variedades, tal fato que consideramos impossível, pois, se não fosse o fenômeno da variação, provavelmente, estaríamos falando latim e não português. A seguir, dar-se-á atenção às questões particularizantes que envolvem as variedades europeia e brasileira, bem como aos aspectos mais marcantes que as tornam diferentes, apesar de pertencerem ao mesmo sistema linguístico.

2.1 O português europeu

A língua portuguesa é oficial em países das CPLP. Nessa comunidade, a LP não é falada da mesma forma. A LP surgiu na Europa e se espalhou pelo mundo afora devido ao processo da colonização. Ao chegar em diversos espaços “ditos lusófonos” a língua adquiriu outros formatos e foi criativa como era de se esperar. A heterogeneidade e a criatividade são algumas das características das línguas naturais. A cultura, as tradições, os hábitos e costumes têm contribuído para a variação e mudança da língua. O sistema se mantém sólido enquanto a norma e a fala vão variando com os aspectos sociais, históricos e geográficos de cada espaço onde atua a língua (COSERIU, 1979). A norma está sujeita à mudança a todo instante porque a língua não é estática e varia segundo as variáveis sociais e linguística (LABOV, 2008).

A LP é resultado das transformações sofridas pelo latim, durante o período de romanização. Após séculos de lutas culturais, sociais etc., ela viria a se consolidar no espaço europeu. E, posteriormente, à sua expansão ganharia outros ares. Em consequência da imposição do latim aos nativos que habitavam a Península Ibérica, as mudanças linguísticas se desencadearam de maneira gradativa até a formação do que hoje se chama português. Ou seja, a LP surgiu na Europa e daí se expandiu além-mar, o que significa que, assim como qualquer outra língua, a LP estava e está sujeita a transformações diversas; seja no nível fonológico, morfológico, sintático, semântico ou lexical. É justamente esse movimento que proporciona à nova língua especificidades que ora a diferem das demais línguas do mundo, ora a familiarizam com as que possuem raízes no mesmo tronco linguístico.

Dessa forma, “a evolução que se produz numa língua, ao longo do tempo da sua existência, resulta em variação e, no extremo, resulta no desdobramento em outras línguas. É este fenômeno de desdobramento que está na base da constituição de famílias de línguas” (MATEUS *et al*, 2003, p. 37). Este é um processo natural a que está sujeita toda e qualquer língua quando se encontra em situação de uso. Essa ideia dá margem ao entendimento de que o latim, quando transplantado e imposto aos bárbaros no território em que deu-se origem ao português, passou por um longo período de adaptação aos moldes culturais e sociais ali encontrados. Diante dessa situação, é pertinente dizer que houve um desdobramento extremo que se concretizou com o surgimento de uma outra língua, ainda que esta mantenha raízes nas bases das línguas românicas ou na romanização. Portanto, o latim foi de suma importância para o surgimento/formação da LP, até porque ainda hoje se buscam esclarecer certos

fenômenos linguísticos nas bases latinas, o que as tornam presentes e úteis para a existência e disseminação do português.

O PE é uma variedade da LP que se expandiu por outras partes, do mundo, fazendo surgir outras variedades. É justificável que a variedade portuguesa seja marcada por particularidades que a diferem das demais variedades do português falado no mundo. Essas características correspondem a variação fonético-fonológica, lexical e morfossintática e são devidas à evolução do português ao longo dos anos na região peninsular (TEYSSIER, 2001).

Após a invasão mulçumana, formaram-se três línguas importantes na região da Península, e uma delas foi o galego-português. Dessa forma, a variedade PE começou a se consolidar com a separação entre o galego e o português, por razões políticas (TEYSSIER, 2001). Essa separação obrigou as duas línguas a coexistirem em espaços diferentes e, com isso, deu-se a consolidação da variedade portuguesa, que, através, de evoluções linguísticas, assumiu rumos diferentes do galego. De acordo com Teyssier (2001), a evolução do português seguiu um ritmo diferente e independente no que diz respeito aos fonemas, unidades distintas, enquanto que no nível das unidades significativas a evolução não ocorreu da mesma forma, provavelmente porque os morfemas sejam mais resistentes a variação, já que, nesse sentido, as unidades de significados refletem as linhas de forças mais importantes da história: os latinismos e os arabismos por exemplo.

Em relação ao léxico do PE, destacam-se alguns exemplos que mostram as influências de arabismos lexicais fundamentais, a saber: **romã**, **alface**, **alecrim**, **azeitona**. Essas palavras demonstram a importância de fenômenos linguísticos para a caracterização e o uso de um sistema linguístico em determinada comunidade e é esse fato que representa o povo linguisticamente frente às demais línguas, que, no caso do PE, se diferencia também em aspectos específicos (fonológicos, semânticos, sintáticos, pragmáticos) das demais variedades do português. Portanto,

sem possibilidade de demonstração linguística para a separação, em línguas distintas, das variedades de uma língua que vive em diferentes culturas, a manutenção dessas variedades no enquadramento do que se denomina uma língua é, em última análise, uma opção política. Ou seja, o termo “português”, que cobre as variedades socioletais, dialetais e nacionais que convivem em Portugal e no Brasil, deve ser entendido como importante instrumento de coesão entre povos e como afirmação política e econômica num contexto envolvente transnacional (MATEUS, 2001, p. 18).

Motivadamente, a face que o português adquiriu em Portugal é de modo muito particular diferente das demais variantes/variedades devido às especificidades encontradas no espaço de atuação, podendo justificar-se, também, pela extensão territorial que a acolhe, vez que nos demais países de LP a realidade cultural, geográfica e social é outra. A afirmação de Mateus na citação referida anteriormente pode explicar claramente essa questão, já que a movimentação mais ou menos intensa de uma língua depende principalmente da relação desta com o meio em que se instala ou nasce. O PE não surgiu da noite para o dia, foi-se formando aos poucos, no interior de um diálogo fortemente marcado por sistemas linguísticos de outros povos com os já existentes no espaço de recepção. Esse encontro resultou no surgimento do português que é considerado originário da Europa, mas não são os portugueses os “donos” da língua.

Outro aspecto importante que difere a face do português em Portugal das faces do português no mundo é o modo como foi tomado o território português, já que este se sujeitou às conquistas que os povos romanos travados sobre outros povos. Este cenário de lutas, de conquistas e de reconquistas serviu de base para o diálogo intenso entre as várias culturas que por ali passaram. Essa colocação serve a este estudo no sentido de que, para o estudo de uma língua, é necessário evidenciar motivações que impulsionaram o seu estado atual. A variedade europeia se destaca das demais por manter especificidades fonológicas, semânticas e lexicais fortemente marcadas. Vejamos algumas das particularidades do PE:

Quadro 1 – Exemplos de algumas particularidades linguísticas do PE.

Fonético – Velarização do [l] final de sílaba.	Morfossintático – colocação dos clíticos (ênclise)	Lexical
Animal / anima [l]	Dê-me o livro.	Alcunha (PE)
Brasil / Brasi [l]	O menino soltou-se.	Autocarro (PE)

Fonte: Adaptado de Mateus *et al.* (2003, p. 46-50).

Os exemplos dados acima são representativos de algumas das particularidades que envolvem o português falado em Portugal. Para ilustrar como a variação está presente no

espaço lusófono e de forma consistente demonstraremos exemplos de Moçambique e do Brasil. Por exemplo, no Brasil, a palavra que representa o sentido de **autocarro** é **ônibus**, **coletivo** etc.; em Moçambique, este mesmo objeto é conhecido como **machimbombo** (TIMBANE, 2013a;b). Temos aqui três palavras distintas que dão significado ao mesmo objeto em realidades linguísticas diferentes, que fazem uso de uma única língua, a LP. Tal diferença configura o quadro lexical vasto das variedades do português mundo afora.

Outro exemplo significativo e interessante é a preferência pela colocação dos pronomes clíticos através da ênclise no português europeu. Por exemplo: i) era minha intenção machucar-**te**; ii) recusou a proposta, fazendo-**se** de desentendida; enquanto que no Brasil, a preferência é pela colocação proclítica: a) nunca **me** deixei enganar; b) o local no qual **me** perdi é inspirador (exemplos próprios). Dessa forma,

as configurações linguísticas internas que assumem a LP nos diversos lugares em que é utilizada são de natureza também diferenciada, decorrente da história própria que viveu a língua, a depender de fatores externos – históricos, sociais, geográficos, demográficos (MATTOS E SILVA, 1988, p. 1).

A afirmação de Mattos e Silva traduz exatamente a realidade das variedades do português em relação umas às outras, porque o contexto que engendrou a LP, em Portugal por não foi o mesmo que a sustentou nos demais espaços que a receberam. Tendo em atenção as especificidades do PE, importa destacar que “as palavras também mudam de significado, as frases alteram a sua construção, o léxico acolhe novas entradas e deixa cair outras que já não lhe interessam. E aqui entra o contacto com outras línguas e com outras realidades sócio-culturais” (MATEUS, 2002, p. 7), o que significa dizer que, embora o sistema linguístico português tenha adquirido em Portugal a sua primeira face, não resistiu às influências de contatos com outras diversidades linguísticas e, por isso, encontra-se na atualidade como é e sobretudo como deverá ser no futuro.

Por isso, as diferenças lexicais, sintáticas e fonológicas são tão importantes quando se quer estudar as diferenças entre variedades de uma mesma língua. Desta forma é importante estudar a língua em contexto local porque é possível compreender as nuances que estão por detrás de características linguísticas. Tal ocorrência pode ser chamada de empréstimo que proporciona o enriquecimento lexical de uma língua, provando que

naturalmente, dentro da Europa, as línguas de prestígio também contribuíram para uma transformação enriquecedora do léxico. Nem precisamos de citar a palavra ‘chapéu’ e lembrar o tempo em que o francês era língua de cultura, porque dia a dia vamos integrando palavras que vêm escondidas na tecnologia importada do inglês, e não só na tecnologia mas em muitos campos da nossa vivência diária. (MATEUS, 2002, p.8, grifos da autora).

As possibilidades de adequação de uma língua ao meio de atuação se destacam principalmente nas marcas próprias reveladas por ela à comunidade que a usa. Tais marcas estão arraigadas no cotidiano vivido por cada falante e pelo sentimento que ele mantém com o que lhe está mais próximo. Fatos como esses tendem à indução de atos de criação ou renovação de palavras que aos falantes parecem suprir necessidades emergentes, seja por estética ou não. Ou seja, o PE mostra a sua face tal como é, a fim de revelar ao mundo as impressões que sustentam a comunidade representada, a portuguesa. Segundo Mateus (2002, p. 12), “essa é a grande riqueza da variação linguística e é nesse ponto que se encontram e se abraçam as memórias da história e as vivências do presente”. São as palavras que, carregadas de sentidos, significam o mundo para os seus usuários.

Portanto, as vertentes da LP possuem características particulares devido à interação das diferentes comunidades linguísticas que a utilizam ao processamento do seu sistema no cérebro de seus falantes em situação comunicacional. Ocorre daí um processo natural exigido pela comunicação entre pessoas num contexto próprio e conhecido por elas. A realidade de cada grupo linguístico é importante para o processamento criativo que motivadamente tende a expressar através da língua tudo que o rodeia. Por isso, as estruturas fonéticas, morfossintáticas e lexicais são as que visivelmente denunciam a comunidade de origem.

2.2 Do português europeu para o português brasileiro

Para tratar desse assunto, se faz necessário rever a constituição do PE e sua participação na formação do PB. Mas este trabalho não se volta para as profundezas históricas do assunto proposto e sim para questões que remetem à variação lexical dessas variedades em comparação uma com a outra, já que o PE foi trazido ao Brasil pelos portugueses.

A evolução do latim permitiu a formação da LP, que se consolidou primeiro no espaço europeu. Foram muitas as influências culturais e linguísticas que abriram caminhos para a formação da LP. Com a expansão para fora do continente europeu, a LP se disseminou em

variedades e o sistema linguístico desenvolvido na Península Ibérica deu margem para possíveis adequações. O Brasil foi um dos alvos da disseminação da LP. Nesse sentido, é pertinente a sua estada no país, bem como a sua ascensão como língua oficial do Brasil, ainda que o privilégio deveria ter sido das línguas indígenas.

Em relação à inserção do português no Brasil e à sua institucionalização como língua oficial e nacional, Guimarães (2005) traça alguns momentos importantes que corroboram para uma melhor compreensão da LP no Brasil. Sobre isso, esses momentos dizem respeito ao contato da LP com as línguas indígenas, as línguas gerais e o holandês. Esse momento foi decisivo para que o português passasse a conviver, fortemente, com as línguas indígenas e as línguas africanas num espaço em que a população portuguesa aumentava significativamente. Mas foi com a reforma pombalina que o LP começou a ser imposto como única opção de uso que, juntamente com o aumento da população portuguesa, contribuiu para o declínio definitivo da língua geral.

Nesse caso, o processo de configuração da LP ao longo do tempo, no Brasil, foi uma tarefa um tanto complexa, o que significa dizer que o contato com as línguas diversas, ainda que as indígenas e africanas tenham sido as mais fortes em um determinado espaço de tempo, contribuiu fortemente para formação do português no território brasileiro. Sendo assim, é pertinente lembrar a capacidade de adaptação que as línguas têm ao se instalarem em espaços diferentes, pois todo novo espaço está imbuído de características próprias e marcantes que o diferenciam dos demais espaços, seja pelo clima, pela extensão territorial, pelo contato mais ou menos intenso entre os diferentes povos etc.

Todo o processo de adaptação sofrido pela LP em terras brasileiras dependeu das diversidades contextuais e sócio históricas, motivadas pela interação linguística que se deu no país e que durou tempo suficiente para deixar marcas profundas na LP, a princípio europeia e, posteriormente, brasileira. O português falado no Brasil não foi assim desde o século XVI, pois, segundo Mattos e Silva (2004, p. 14-15, grifo da autora),

o processo colonizador e evangelizador dos séculos XVI e XVII teve de utilizar, como instrumento fundamental para a dominação, línguas indígenas brasileiras. Embora homogeneizadora da atividade catequética – construiu um “tupi jesuítico” –, a língua geral da costa, de base tupi, chegou a ser um risco para a hegemonia do português no Brasil, juntamente com outras línguas gerais indígenas que foram veículos de intercomunicação entre brancos, negros e índios não só no litoral brasileiro, mas nas estradas paulistas; pelo nordeste teria sido uma língua geral cariri (HOUAISS, 1985,

49-50) e na Amazônia a língua geral de base tupinambá é o antepassado do nheengatu, que persiste hoje em área de complexo multilíngüístico no Rio Negro, língua brasileira, fruto vivo da morte de outras línguas.

De acordo com o que afirma a autora na citação acima, o fase de adaptação da LP no Brasil se deu com base no processo de colonização que proporcionou a interação entre várias línguas nativas e outras. Ou seja, a catequese foi motivo fundamental para o entrosamento entre os sistemas linguísticos coexistentes no país. Sendo assim, os sistemas linguísticos desempenham funções específicas dentro de uma comunidade, de modo que a sua função seja sempre em favor das necessidades dos falantes em situações de comunicação⁸. Isso quer dizer que as línguas indígenas também exerceram um papel fundamental nas situações comunicativas que se desenvolveram ao longo da colonização.

A situação de intercomunicação requer uma adequação linguística, não podendo ser o tempo todo uma situação comunicativa conflitante. É a partir da necessidade de adaptação que se pode justificar também o surgimento da(s) língua(s) geral(ais) no Brasil. Imagine um grupo de pessoas em um mesmo local que fazem uso de sistemas linguísticos diferentes, pois bem, agora pense na necessidade que sentem essas mesmas pessoas em se fazerem entendidas umas pelas outras. Este processo pode ser chamado de transmissão linguística irregular, segundo Lucchesi (2009). Daí resultam as adaptações linguísticas, ainda que nem sempre são pacíficas e muitas vezes se deem por imposição de um dos sistemas sobre os demais.

É a partir desse processo de adaptação ou transmissão irregular que se tem uma língua que se efetiva através de variedades em diferentes comunidades linguísticas. É o caso da LP e suas variedades, em especial o PB. As línguas gerais no Brasil, cariri e as de base tupinambás, são provas da tentativa de adaptação linguística com base no contato entre a língua portuguesa e as línguas indígenas, especialmente as línguas tupi e tupinambá, já que todo sistema linguístico, ao ser incorporado no interior de uma comunidade, apresenta uma tendência às coordenadas do local de atuação.

No entanto, as línguas indígenas não conseguiram se afirmar como línguas majoritárias no Brasil e, por isso, foram se perdendo ao longo dos anos. Ao contrário do ocorrido com as línguas indígenas, a LP, por questões políticas, conseguiu seu *status* como língua oficial. Tal fato se deu com a determinação de Marquês de Pombal em definir uma política linguística e cultural para o Brasil, impendido que a nação brasileira fosse

⁸ Essas necessidades eram muito mais do colonizador do que do colonizado.

eminentemente indígena. Outrossim, foi a partir dessa decisão que o português foi institucionalizado como língua das colônias, dos documentos oficiais e do ensino.

Desse modo, as línguas gerais de base indígena passou a ser a da família. Dito de outra forma, essas línguas eram usadas apenas no meio familiar ou informal. Todo esse movimento de afirmação contribuiu para a caracterização do português hoje falado no Brasil, já que a trajetória traçada ao longo dos séculos denuncia a criatividade do sistema português em se adaptar ao espaço brasileiro. As características que constituem o PB são, também, resultado do contato entre culturas linguísticas localizadas que sofreram com mais ou menos intensidade interferências dos sistemas indígenas e africanos, pois, as marcas permaneceram até os dias atuais e são visíveis. Nesse sentido, parece ter ocorrido um certo distanciamento da língua de base, o português, em relação à sua origem.

Pensar na história do português brasileiro é, de certa forma, valorizar a participação dos grupos étnicos e linguísticos que se fizeram presentes no território brasileiro durante o período colonial, já que o português recebeu interferências linguísticas e culturais dos povos africanos e indígenas. Pensando assim, o português falado no Brasil adquiriu uma face que o torna diferente dos demais usos da LP pelo mundo afora, inclusive de Portugal, isso porque o PB, como descendente do europeu, adquiriu sua versão através da complexa interação entre o sistema linguístico do colonizador e os demais sistemas linguísticos: africanos e indígenas existentes no Brasil colonial.

A LP foi-se consolidando de acordo com as exigências do espaço achado pelos portugueses, apesar da LP só ter ganhado valor no Brasil quando a coroa portuguesa e Marquês de Pombal proibiram o uso da língua geral, forçando todos a usar apenas o português como sistema linguístico de comunicação. Por um lado, constituiu-se como sistema necessário à nação brasileira, pois a sua existência, hoje, já não se pauta por processos de dominação e sim como processo representativo do povo brasileiro. Tal fato se afirma na ideia de que a língua representa seus usuários e suas culturas, vez que os falantes de um determinado sistema linguístico se apresentam ao mundo por meio dele. Sendo assim, a LP falada no Brasil descende do europeu, mas encontrou em terras brasileiras abrigo suficiente para funcionar como sistema característico e representativo da cultura brasileira, capaz de mostrá-la ao mundo. Contudo, a sócio-história do Brasil se apresenta na consolidação da LP como língua usada por milhares de brasileiros e isso explica a necessidade de adequação desse sistema ao espaço achado pelos portugueses.

Interessa pensar que o português falado no Brasil não é o mesmo falado em Portugal e em outros países de uso da LP, mas sim uma versão atualizada e acordada entre o sistema em si e as configurações ditadas pelo meio onde atua. Por isso, ainda que existam vários países de uso da LP, os modos como usam esse sistema é diferenciado em aspectos relevantes e característicos de cada local, não se tratando de uma outra língua, mas sim de faces variadas de uma mesma língua. Dessa forma,

o português brasileiro deve, certamente, a sua riqueza lexical às línguas indígenas, sobretudo as do tronco tupi, mas não só; as línguas africanas, sobretudo as do grupo banto, mas não só; às línguas dos emigrantes que se fixaram em algumas regiões do Brasil e, sobretudo, diria, a uma tendência criativa, que o torna aberto e, sem preconceito em relação aos estrangeirismos (MATTOS e SILVA, 2004, p. 146).

A riqueza lexical de que a autora fala na citação acima, é um fenômeno linguístico presente em todo o processo variacional sofrido por uma determinada língua. Portanto, todo o contexto social e histórico que compõe a história do Brasil foi fundamental para a efetivação deste fenômeno na LP falada no Brasil. Isso quer dizer que em cada país lusófono a LP se submete a um contexto lexical diversificado, pois mantém com o meio de atuação uma ligação original, já que a língua existe amalgamada com a cultura da comunidade que a usa.

A variação lexical que fundamenta a existência de diferenças linguísticas entre os países de LP é resultado das configurações culturais e linguísticas que fundamentaram as bases sociais e históricas de cada país. Pertinentemente, esse fenômeno representa a realidade da comunidade linguística que o utiliza, ou melhor, o promove, pois,

para um único referente podem existir várias palavras. Por exemplo: as palavras **candongá** (na Guiné-Bissau e Angola), **chapa-100** (em Moçambique), **van** (no Brasil), **toca-toca** (na Guiné-Bissau), **busão** (no Brasil) referem-se ao nome do transporte de passageiros. No futebol moçambicano, os termos **trave**, **gandula**, **bandeirinha**, **grama** e **escanteio** são designados **baliza**, **apanha-bolas**, **fiscal de linha**, **relva** e **canto** respectivamente (TIMBANE, 2013a, p. 99, grifos do autor).

E, dentro desse contexto, já exemplificado por Timbane (2013a) na citação anterior, ocorre também a atribuição de vários significados para uma única unidade lexical: “O jogo de brincadeira das crianças ‘neca’, no português moçambicano (PM) refere-se à ‘amarelinha’ no

PB. Estas variações lexicais são causadas por razões culturais, sociais e geográficas” (TIMBANE, 2013a, p. 99, grifos do autor). Esses exemplos da variedade moçambicana do português mostram ainda que as variações léxico-semânticas não apenas ocorrem no Brasil e em Portugal. O nosso português, na qualidade de língua viva varia segundo os espaços geográficos. Podemos afirmar que o português surgiu na Europa, mas evoluiu e ganhou novos espaços nos diferentes espaços lusófonos. No entanto, a variação lexical não empobrece em nada as variedades da LP, mas agrega valor linguístico a cada uma delas, tornando-as representativas da comunidade que as usam.

2.3 O português brasileiro

O contato linguístico resulta na construção e na formação de uma identidade linguística. A identidade linguística é sempre conseguida pela relação do “eu” com o “outro”, o diferente, que, por fim, é condicionada pelo contexto físico, sensorial e/ou temporal. Essa relação implica o desenvolvimento identitário a partir das dimensões cognitiva, afetiva e comportamental, revelado através da linguagem que verdadeiramente assume. Daí a importância da língua como “meio de ação recíproca, é um meio de interagir com os outros, é lugar de confrontações, de acordos de negociações” (FIORIN, 2013, p. 19). O pensamento de Fiorin acerca da linguagem encontra pertinência na relação que existe dentro do processo de interação social promovida pelos grupos em contato, a fim de se comunicarem entre si, de modo a interagirem-se globalmente com o mundo ao seu redor. A língua é poderosamente o ponto de culminação que permite ao ator social ordenar a realidade por meio de conceitos criados com a finalidade de categorização do mundo ao seu redor. Por isso,

o uso de uma determinada variedade linguística marca a inclusão num dado grupo social e dá uma identidade a seus membros. Aprendemos a distinguir as diversas variedades e, quando alguém começa a falar, sabemos que certas expressões pertencem à fala dos mais jovens; outras indicam que o falante tem mais idade. As variantes linguísticas conferem uma identidade as pessoas, sejam elas pessoas do mundo real ou personagens, que são pessoas de ficção (FIORIN, 2013, p. 27).

As considerações que Fiorin (2013) faz na citação acima são importantes, já que é por meio da língua de origem, comum a todos os membros, que os grupos buscam a interação

social como fator denunciante dos pertencentes ou não do mesmo grupo. Diante desse fato inclusivo da língua(gem) ocorre, também, a exclusão, visto que os membros de um mesmo grupo devem ater-se às normas culturais e linguísticas que circulam dentro de cada grupo social. Ao aceitar essas normas, o recém-chegado passa a ser parte do novo grupo, mas, se ocorrer a rejeição dessas normas desenvolve-se a exclusão.

Diante do exposto acima, o pertencimento a um determinado grupo é prova de aceitação dos valores e costumes partilhados no interior deste mesmo grupo, no entanto, a refutação desses valores implica no não pertencimento a este grupo ou comunidade. Assim, os usuários de uma determinada variedade, ao se submeterem a outro meio, onde existe outra variedade, poderão aceitar as normas partilhadas por este novo grupo, ou rejeitá-las, por se contraporem aos valores comuns ao grupo de pertença. Em outras palavras, a exclusão é devida ao não pertencimento a determinado grupo.

Nesse sentido, o ator social se mostra intimamente ligado à sua comunidade, buscando ser fiel à cultura que deu margem ao seu desenvolvimento. Dessa forma, todas as atividades cognitivas básicas do ator social ocorrem de acordo com sua história social e acabam se constituindo no produto do desenvolvimento histórico social de sua comunidade; é por isso que as habilidades cognitivas e a forma de estruturar o pensamento do sujeito não são determinadas por fatores congênicos. Isso é sim resultado das atividades praticadas de acordo com os hábitos sociais da cultura em que o ator social se desenvolve. Conseqüentemente, a história da sociedade à qual se sujeita o indivíduo e a sua história pessoal são fatores cruciais que vão determinar a sua forma de pensar.

O pensamento é refletido na linguagem e é também fator crucial na sua determinação, já que a linguagem funciona como caminho transmissor dos juízos, raciocínios e conceitos arraigados no pensamento, vez que o ato concreto da linguagem permite a conservação e a fixação do pensamento. Ou seja, os conhecimentos que foram interiorizados pelo ator social são o resultado da forma como este interpreta a sua história e a história da comunidade de pertença. Esses conhecimentos elaborados e compartilhados socialmente, ao comporem o seu imaginário, dão sentido ao mundo social e são exteriorizados através da linguagem.

A linguagem contém uma série de escolhas sobre a forma de se representar o mundo, está ligada ao contexto cultural no qual se desenvolve, e é dentro desse contexto que a língua encontra sentido, significando o sujeito para o/no mundo social. Sendo assim, a cultura é o conjunto composto complexamente por representações de juízos ideológicos e dos

sentimentos que são transmitidos no interior de uma comunidade. Segundo Bagno (2014, p. 80) “nenhuma língua humana viva, em nenhum histórico, é um bloco compacto, homogêneo, pronto e acabado. A língua – como tudo mais no universo – não para, está sempre se transformando”.

Portanto, quando se fala em LP falada no Brasil e em Portugal sem observar as diferenças que existem entre elas, ou sem destacar as suas principais peculiaridades, incorre num equívoco capaz de menosprezar a variedade falada no Brasil, isso porque o PB se constitui como identidade diferente do português falado/escrito em Portugal. O que defende Bagno (2014) é a existência de mudanças que modificam a língua, transformando-a em adequada para o meio em que se instala, de acordo com as coordenadas culturais, geográficas, climáticas etc.

Perini (2004, p. 23) discorre sobre o mesmo assunto mostrando que “essa língua vai mudar, como já mudou muito no passado e pode ser que dentro de algum tempo se comece a chamá-la ‘brasileiro’, considerando-a uma outra língua, diferente da de Portugal”. Há uma coincidência, em alguns aspectos, entre as concepções dos estudiosos citados ao longo do trabalho, acerca das configurações que a LP adquiriu ao ser implantada no Brasil. Diante desse fato, somos convidados a concordar com os autores Bagno (2014) e Perini (2004) porque o título de PB e LP não é simplesmente para marcar que há nacionalismo ou qualquer outra coisa, mas para revelar que a língua como parte indentitária do seu povo exerce papel fundamental no processo em que se constitui cada comunidade linguística.

Concordamos com Bagno (2014, p. 176) quando afirma que “o nome português brasileiro já dá conta de mostrar as diferenças”, diferenças essas resolvidas ou intensificadas com o contato direto entre os dois grupos. Importa dizer que a palavra **fila**, por exemplo, não tem o mesmo significado no Brasil e em Portugal. Em Portugal o sentido da palavra *fila* no PB é representado pela palavra **bicha** e esta no PB é usada com sentido de homossexualidade⁹. Os exemplos nos dão conta da dimensão diferenciadora entre as duas variedades, portanto, preferimos chamá-las de variedades do português, tal como destacam Bagno (2014) e Perini (2004).

A diferenciação entre as variedades da LP centra-se sobretudo no âmbito fonético-fonológico, morfossintático e lexical. No que concerne ao léxico, o acervo lexical brasileiro, por exemplo, conta com uma gama de palavras que representam as influências das línguas

⁹ Refere-se, especificamente, a homossexualidade masculina e é carregada de um valor pejorativo.

africanas e indígenas que em contato com a LP no Brasil, fundamentaram o léxico que constitui o PB. Isso se deve à constituição da LP no Brasil, desde a sua chegada até as configurações atuais, uma vez que cada espaço linguístico conta com bases culturais e linguísticas diferentes. As palavras **mandioca**, **caju**, **jiboia** e **capim** são exemplos de influências lexicais das línguas indígenas que até hoje fazem parte do PB (RODRIGUES, 2010).

Segundo Perini (2004, p. 56), “cada variedade tem seu espaço muito bem definido, isso é fato há muitos séculos, e tem toda a probabilidade de continuar sendo um fato nos próximos séculos”. Interessa-nos pensar o PB como uma variedade que se constituiu num território extremamente rico e extenso, capaz de dar suporte às culturas que nele coexistem. Desta feita, a pertinência das considerações de Perini dizem respeito às influências específicas sofridas pela LP até a sua configuração como PB. Sendo assim, é simples percebermos as diferenças do PB em relação às demais variedades da LP mundo afora. Os exemplos a seguir revelam algumas das diversas diferenças existentes entre o PB e o PE:

Quadro 2 – Exemplos de algumas diferenças lexicais do PB em relação ao PE.

BRASIL	PORTUGAL
caixa eletrônico	multibanco
flanelinha	parqueador
frentista	bombista
estepe	pneu suplente
açougue	Talho
mata burro	ponteca
maçã do amor	maçã

Fonte: Adaptado de Santos e Timbane (2016, p. 16).

O quadro 2 mostra algumas diferenças lexicais do PB em relação a variedade lusitana. Mas as peculiaridades do português falado no Brasil não se limitam às diferenças lexicais. Em relação aos usos de construções com verbos no gerúndio, o Brasil é adepto, enquanto que

Portugal tende ao uso de construções com verbos no infinitivo que é na verdade o uso da perífrase “estar a + infinitivo vir”. Acerca deste assunto, veja alguns exemplos: PB = estava brincando/ vinha correndo/ estava namorando; PE = estava a brincar/ vinha a correr/ estava a namorar (MATEUS *et al.*, 2003, p. 48).

Em relação às diferenças que o português falado no Brasil apresenta, importa dizer que “não se trata simplesmente de ‘uma outra maneira de dizer as coisas’ (...), mas de outra maneira de entender, de conceber, talvez mesmo de sentir o mundo” (PERINI, 2004, p. 42, grifos do autor); pois essas variações na LP são exemplos de como uma determinada língua se adapta às necessidades comunicativas de cada comunidade linguística. Existe nesse processo uma relação de dependência entre o meio, a língua e os seus usuários. Transpondo a questão da variação para dentro da própria variedade brasileira, é perceptível que a mesma dispõe de formas variantes para se dizer uma mesma coisa e são utilizadas por falantes de regiões diferentes, ou não, do Brasil. Até porque as formas conservadoras e inovadoras da língua podem ser identificadas entre falantes de um mesmo grupo e até mesmo no próprio falante, não se restringindo, portanto, ao regionalismo. Tal fato se justifica na ideia de que

num mesmo período de qualquer língua, convivem lado a lado formas conservadoras e formas inovadoras, porque toda e qualquer língua viva apresenta variação, ou seja, toda e qualquer língua vai dispor de formas variantes de se dizer a mesma coisa (BAGNO, 2014, p. 82).

Por exemplo: no Estado do Rio Grande do Sul se usa as palavras **guri/ piá** com o mesmo sentido das palavras **menino, moleque, pivete e pirralho** que são usadas no Centro-Oeste do país (ROMANO; SEABRA, 2014). A mudança linguística ocorre tanto no interior de uma determinada comunidade linguística como no exterior desta em relação a outra, como mostrado nos exemplos nas linhas anteriores. De acordo com Timbane (2013, p. 104),

qualquer língua, falada por qualquer comunidade, exhibe sempre variações e a LP não seria uma exceção, principalmente pela distribuição geográfica em que esta se apresenta. É importante sublinhar que todas as línguas do mundo são sempre continuações históricas e as mudanças temporais fazem parte da história das línguas.

Toda e qualquer língua está sujeita a mudanças linguísticas, pois sua história se constitui não de um, mas de povos vários e isso torna o sistema cada vez mais adequado aos

espaços de atuação. O fato de existir uma mesma LP usada em diferentes comunidades linguísticas não significa que essa mesma língua se mantém intacta e virgem, sem qualquer interferência do meio social e histórico que constitui cada comunidade que a usa.

Dessa forma, a variação do PB se dá em todos os níveis linguísticos e é facilmente percebida por outro. Concluindo o debate proposto nesta seção, interessa pensar que toda língua, ao ser transplantada para determinado espaço, depende das coordenadas sociais e históricas do espaço novo, e a sua atuação será conforme as necessidades emergentes das situações comunicativas que circunscrevem na vivência dos falantes. Contudo, não se pode negligenciar que o sistema em si possibilita as transformações que favorecem a adaptação da língua ao espaço de atuação.

III. A FORMAÇÃO DO LÉXICO NO PORTUGUÊS BRASILEIRO

Para entendermos as configurações atuais do léxico do PB, precisamos nos atentar ao processo de formação desse léxico, bem como entender a importância do intercâmbio linguístico para a efetivação de mudanças e/ou variações lexicais existente no PB. Para isso, propusemos, nas seções que se seguem, uma conceituação sobre o processo de formação do léxico do PB, com uma abordagem atenta às influências linguísticas de outras línguas que fundamentam o conjunto lexical brasileiro, já que o empréstimo linguístico é um fenômeno que contribui para as mudanças linguísticas de uma língua ou variedade.

3.1 O léxico do português brasileiro

Uma das características mais marcantes das línguas naturais é a criatividade, o que Saussure (2006, p.199) designou como “princípio de renovação e de conservação”. Essa criatividade ocorre em vários níveis. Nesta parte interessa-nos a formação do léxico do PB tendo em conta as diferenças que se observam atualmente entre o léxico do português europeu e o português brasileiro. A criatividade lexical pode ocorrer da matriz interna, mas também da matriz externa. Isso significa que podemos ter formações lexicais baseadas nas regras da própria língua, mas também se pode ter construções emprestadas de outras línguas.

A formação lexical do português brasileiro, o que podemos designar como brasileirismos, é resultado de aspectos socioculturais e identitários. É uma organização interna de palavras e/ou de expressões que, de algum modo, se combinam durante o processo de contato entre as várias culturas que pelo Brasil passaram/passam. Essa passagem/permanência de diversas culturas influencia/influenciou a forma como a comunidade linguística vê ou interpreta fenômenos reais da vida. Desta forma podemos apontar que o léxico da variedade brasileira de português recebeu contribuição de povos indígenas, de povos africanos, povos europeus e asiáticos. A chegada de povos de diversos continentes ao Brasil, ainda que hostil, serviu muito para o afloramento de um léxico que viria a ser chamado brasileirismos, mais tarde.

O momento de contato entre povos de diferentes línguas é interessante, se não essencial, porque permite que uma determinada comunidade saia da sua zona de conforto e passe a conhecer outra realidade linguística diferente da sua, sobretudo, as palavras usadas por

cada comunidade. Por isso, percebemos, nesses encontros (de indivíduos de variedades do português diferentes), algum desconforto por parte das comunidades envolvidas, vez que estas entram, nesse momento, numa situação desconfortante que tem o poder de modificação, ou seja, ao contatar com outra realidade linguística o falante de uma determinada comunidade linguística tende a se ajustar, de modo que se faça compreendido. Caso contrário, a comunicação se resulta em um fracasso. Aliás, esses ajustes geralmente ocorrem quer queira o falante ou não.

Em outras palavras, pessoas falantes de variedades diferentes têm escolhas lexicais e semânticas que podem provocar incompreensões na comunicação. Cada palavra carrega valores e significados que só são compreendidos dentro de um contexto sociocultural. Por exemplo, o significado das palavras **pedágio, saque (banco), escanteio, tiro de meta** podem ser incompreensíveis para um falante da variedade europeia do português, uma vez que esses falantes usam as palavras **portagem, levantamento, canto e ponta pé de saída** respectivamente.

Muitas vezes é inconscientemente que o falante adere e tenta se ajustar aos moldes da comunidade de recepção, ainda que queira manter a fidelidade à sua comunidade linguística. É dessa forma que se explica a formação do léxico brasileiro, já que tanto os que habitaram o Brasil por algum período, os africanos, os portugueses entre outros, ou os que já o habitavam em 1500, os índios, quando da chegada dos portugueses, tiveram esse triste desconforto de se adaptarem linguisticamente para tornar as relações linguísticas bem sucedidas por qualquer interesse.

Pensar em uma situação de contato tão mesclada, ou melhor, mista implica lembrar de um processo de adaptação vivido pelos membros da comunidade brasileira que durou séculos, tendo como resultado uma união linguística necessária entre a comunidade já existente e as recém-chegadas. O que de fato ocorre é uma ação unitiva, capaz de tornar fácil a comunicação entre os grupos em contato. Inconscientemente, os membros dos grupos buscam amenizar os conflitos linguísticos percebidos por meio de traços distintivos.

Nesse momento, os membros têm duas opções: a) recorrem ao vocabulário do outro para se achar dentro daquele grupo, pelo menos no momento de comunicação, de modo que satisfaça apenas as necessidades emergentes daquele contato e; b) reafirmam a sua origem linguística, mantendo as palavras ou expressões que fazem parte do conjunto vocabular de sua comunidade. Mas, esta última pode e gera muitos conflitos linguísticos, pois, ao resistir às

necessidades exigidas em determinado processo de comunicação entre os grupos em contato, acaba dificultado o entendimento entre as partes envolvidas e como resultado desencadeia uma situação conturbada. O que não se ajusta com facilidade e às comunidades em apreço acaba buscando as guerras como meio para defender a sua identidade cultural e linguística, reafirmando a posição assumida pelo grupo. Essa ação se efetiva como manifestação de escolha: deste vocabulário e não daquele.

Uma comunidade linguística, após todo o processo de formação do complexo e extenso conjunto vocabular disponível, se identifica, entende o mundo, conhece e se dá a conhecer ao outro através das palavras que usa para significar e nomear tudo ao seu redor. Enquanto no Brasil se usa a palavra **geladeira** para nomear o objeto que conserva e refrigera os alimentos; em Portugal, se usa **frigorífico** para significar o mesmo objeto e, em Moçambique e Angola, se chama **geleira**. O que de fato ocorre nesse exemplo é que estamos falando de palavras que fazem parte de conjuntos lexicais diferentes, constituídos de acordo com as coordenadas ditadas pelas necessidades de comunicação que surgiram em cada país. Então, o brasileiro vê o mundo a partir das combinações linguísticas escolhidas dentro das possibilidades permitidas pelo sistema linguístico usado no meio no qual se insere, pois ao entrar em território alheio ao seu sentirá as diferenças de imediato e por isso tenderá a reafirmar ou renegar as suas origens linguísticas, ainda que de modo inconsciente.

Segundo Antunes (2012, p. 27), o conjunto lexical é “um amplo repertório de palavras de uma língua, ou o conjunto de itens à disposição dos falantes para atender as necessidades de comunicação”. Ou seja, todo encontro linguístico exige que os participantes busquem palavras que lhes sirvam como transmissores significativos do que se pretende comunicar. Daí a importância do repertório vocabular que compõe o conjunto lexical de cada língua, respectivo a cada comunidade que a usa. Esse vasto repertório está à disposição de cada falante, podendo ele escolher o que melhor responde às suas necessidades no momento de comunicação.

Sendo assim, o léxico usado funciona para uma determinada comunidade como registro dos conhecimentos adquiridos sobre o mundo ao seu redor. Tudo que rodeia a comunidade é registrado através do léxico da língua em uso. Por isso, “as palavras têm a cor, o gosto da terra em que circula, da casa em que habitam” (ANTUNES, 2012, p. 47). Pertinentemente a cor das palavras caracteriza a comunidade representada. O léxico de uma língua se constitui em níveis diferentes, em locais diferentes, vez que depende das

coordenadas sociais e históricas para fundamentar as bases de formação de um conjunto lexical e é a partir daí que se constitui um léxico característico de comunidades distintas.

O léxico funciona como um banco de dados que permite aos usuários construírem enunciados; essa construção se dá a partir da combinação de unidades básicas fornecidas por um depósito de elementos de designação (BASÍLIO, 2006; FIORIN e PETTER, 1998). A título de exemplo, quando um brasileiro entra em contato com o outro, seja esse outro membro ou não do mesmo grupo, recorre ao acervo lexical e escolhe a palavra ou expressão que melhor representa ou traduz seus sentimentos, impressões etc., que no momento lhe interessam transmitir ao outro. Se ele deseja apenas cumprimentar a pessoa com quem contata diz-lhe: “Bom dia! Boa tarde! Boa noite!” e nesse caso vai buscar essas expressões no banco de dados que dispõe a língua em uso.

Caso um moçambicano queira comunicar-se com alguém sobre o transporte público, chamá-lo-á de **machimbombo**, pois o acervo lexical que a LP fornece aos seus usuários em Moçambique os permite reconhecer este veículo por este nome. Isso significa que a língua, como sistema de signos, permite ao falante a escolha da combinação mais adequada que responda à sua necessidade no momento da comunicação, ou seja, a escolha depende do que se quer comunicar, como se deseja comunicar e o que deseja que lhe seja comunicado.

A LP é um sistema linguístico que existe em diferentes culturas e por isso dispõe aos seus usuários bancos de dados lexicais diferentes que significam a realidade dos membros de cada comunidade que fala português. Daí a justificativa por existir no acervo lexical de Moçambique **machimbombo**, no Brasil **ônibus/coletivo/busão** e em Portugal **autocarro** (TIMBANE, 2014). Toda essa variação lexical é resultado do modo como foi implantada a LP em cada um desses espaços, vez que o todo que compõe esses países foi fundamental no momento da sua chegada e efetivação como língua oficial. Desta forma, cada falante de uma determinada língua que faça parte de um determinado grupo ou comunidade linguística tem à sua disposição um conjunto de palavras capazes de satisfazer sua sobrevivência no âmbito comunicacional. Uma vez que no processo comunicativo são revelados crenças, hábitos e costumes, o léxico usado nesse mesmo processo se configura como elemento denunciador de uma cultura linguisticamente constituída.

Importa lembrar que dentro de uma comunidade linguística existem subdivisões lexicais. Estas subdivisões dizem respeito aos vocábulos usados em regiões diferentes de um mesmo país, ou melhor, toda a comunidade faz uso do conjunto lexical maior e este se

constitui de subconjuntos lexicais que correspondem às necessidades de cada falante. Para entendermos melhor, o Brasil serve de exemplo, pois conta com um acervo lexical amplo, que se constitui de subconjuntos lexicais referentes a cada região.

É comum na região nordeste do Brasil o uso das palavras **macaxeira/ aipim** para representar ou significar as raízes que se extraem de uma planta tuberosa, enquanto que na região central a palavra que identifica esse alimento é **mandioca**. Entre outras palavras que representam o mesmo alimento: **castelinha, uaipi, mandioca-doce, mandioca-mansa, maniva, maniveira, pão-de-pobre, mandioca-brava e mandioca-amarga**. Isso indica que, dentro de uma mesma variedade, existem também variantes lexicais que compõem o todo lexical de uma determinada língua. Sendo assim, o conjunto lexical de uma língua se forma de vários subconjuntos lexicais, pois cada país se constitui de vários grupos linguísticos que se alojam em regiões diferentes dentro de um mesmo país.

A variação lexical é um fenômeno tanto interno como externo. Em outras palavras, o fenômeno é interno quando subgrupos linguísticos contatam entre si, ou seja, dentro do grupo brasileiro existem subgrupos linguísticos, a saber: os baianos, os gaúchos, os goianos, os paraenses etc. Quando um baiano contata com um gaúcho sente de imediato a diferença linguística e, claro, a variação lexical, percebendo, por exemplo, que a palavra usada para nomear **uma espécie de planta tuberosa da família das euforbiáceas – *Manihot esculenta***, utilizada principalmente para a fabricação de farinha não é idêntica nos dois subgrupos: no primeiro, usa-se macaxeira e no segundo, mandioca ou aipim, como já mencionado acima. Agora, quando o brasileiro se contata com um português, um moçambicano ou outro grupo lusófono, percebe também que existe entre eles uma diferença linguística considerável. Nesse caso, a variação lexical é externa e interna, porque o contato se desenvolve a partir do contato entre grupos maiores e menores, onde um dos participantes está fora do espaço de pertencimento. Ou seja, a variação se dá entre variedades de uma mesma língua e/ ou no interior de uma mesma variedade. A título de exemplo dessa variação é o uso da palavra **geladeira** no Brasil e **frigorífico** em Portugal.

Ainda sobre a variação lexical externa, devemos pensá-la sob uma perspectiva mais ampla, pois as reais diferenças de uma determinada língua são evidenciadas de modo mais forte, uma vez que o acervo lexical disponível a determinada comunidade é revelado e percebido pela outra comunidade por meio das diferenças lexicais. Ou seja, numa situação de contato, as comunidades tendem a evocar o discurso para o seu universo cultural e linguístico,

mas como são representantes de universos diferentes, logo percebem que há uma incompatibilidade de vocábulos, embora, em muitos casos, um mesmo vocábulo possua significados diferentes em países diferentes. O léxico de uma língua tem o poder de significar um mesmo objeto de modo diferente ou objetos diferentes podem ser representado por um mesmo termo. No entanto, o homem como sujeito ativo no meio social faz uso da língua de acordo com as escolhas lexicais da comunidade de que faz parte.

Ademais, o posicionamento do falante fora do seu grupo mas dentro da comunidade linguística maior revelará aos demais diversidades linguísticas internas. As palavras usadas por um goiano quando em contato com um paulista pode revelar algumas diferenças, mas, ainda assim, não constitui uma situação de conflito em grau elevado, o que não descarta a possibilidade de surgirem conflitos linguísticos.

No âmbito externo, a variação se dá de modo mais intenso e isso se justifica no modo como foi formada cada comunidade e principalmente quais foram as bases linguísticas que deram sustentação à formação do acervo de palavras à disposição dos usuários. Se não há homogeneidade lexical dentro de uma mesma variedade linguística, imagine se haveria uniformidade entre variedades de mesma língua. O caso do Brasil, Portugal, Moçambique são exemplos dessa heterogeneidade lexical dentro de uma mesma língua, a LP.

Estudos direcionados a assuntos que envolvem o léxico de uma língua devem estar atrelados ao movimento social que condicionou e condiciona a existência do conjunto lexical respectivo. É na verdade, dar atenção à língua em sua realização concreta intimamente ligada ao usuário e ao meio de atuação, tendo em conta que as palavras são dependentes de um sistema linguístico que, por sua vez, só existe no homem e para o homem em comunidade. O homem não sobrevive só, depende socialmente da relação que mantém com o outro. Não há no meio social, só um “eu”, pois a existência deste depende de um outro. É assim que o ser humano interage com tudo ao seu redor. Tudo isso para dizer que o homem depende de uma língua que traduza as suas necessidades.

A comunidade em si é resultado da interação entre homens que de alguma forma perceberam a necessidade de interação social, como requisito necessário à própria evolução. E essa transformação só se efetiva de fato com a linguagem, a língua, as palavras etc., que a eles foram transmitidas pelos seus antecessores. Portanto,

o léxico, saber partilhado que se situa na consciência dos falantes de uma comunidade linguística constitui-se como o acervo do saber partilhado de um grupo sócio-linguístico-cultural. O léxico configura-se como caminho inicial para se ter acesso a um texto, uma vez que esse nível da língua reflete os valores, as crenças, os hábitos e costumes de uma comunidade, e também os avanços tecnológicos, as transformações sócio-econômicas e políticas que acontecem numa sociedade (OLIVEIRA, 2006, p. 25).

O acervo lexical à disposição dos membros de uma determinada comunidade funciona como saber partilhado. Essa afirmação é pertinente aos estudos linguísticos, já que os lexemas usados em diferentes grupos mostram o grau e o tipo de conhecimento que os usuários têm do mundo. Nesse caso, o léxico não só revela os valores sociais, afetivos, culturais e políticos, como também revela se a comunidade em causa é ou não conservadora, se mantém ou não vínculo com os avanços tecnológicos globais.

Uma comunidade linguística pode existir de modo mais restrito, passando e repassando o saber partilhado de geração para geração sem que sofra muita interferência do externo. Quando isso ocorre, o resultado é a transparência de um conjunto lexical menos evoluído, pois a prioridade é o uso de palavras mais antigas que ficaram conservadas nos usos linguísticos da comunidade. Por isso, comunidades mais abertas tendem a desenvolver um conjunto lexical mais amplo e diferenciado, que se renova sempre.

Nos dias atuais, as situações intercambiais são frequentes e se dão com maior facilidade e, por isso, as comunidades linguísticas que constituem o mundo podem contatarem-se com mais frequência, seja por presença física ou através da mídia e outros recursos tecnológicos. Tal situação proporciona a modificação do conjunto lexical de uma língua, vez que os falantes recorrem a empréstimos de palavras de outras línguas para acrescentar ao seu acervo, enriquecendo-o. Com isso, tem-se uma comunidade linguisticamente flexível e renovada, a depender das escolhas feitas pelos membros dos grupos em contato, já que a resistência nem sempre é a opção mais escolhida. No entanto, essa escolha é, em muitos casos, coercitiva.

As transformações linguísticas decorrentes da flexibilidade linguística da comunidade são importantes para os avanços sociais, tecnológico e políticos, uma vez que o movimento social de uma comunidade é conhecido mundo afora por meio da comunicação, e esta não acontece fora do uso de um sistema linguístico. Daí a importância do léxico para a efetivação da comunicação entre as diferentes comunidades no mundo, já que o léxico

se constitui como o conhecimento partilhado de um grupo sociolinguístico, inserido numa cultura, que situa-se na mente dos falantes, sendo responsável pelas mudanças e transformações da língua que norteiam a realidade e a cultura na história da humanidade (OLIVEIRA, 2006, p. 26).

Oliveira (2006), ao considerar que o léxico é responsável pelas mudanças e transformações da língua, convida-nos a crer que a realidade cultural de uma comunidade linguística é modificada a partir dos tipos de palavras, expressões etc., que vigoram no grupo. Isso quer dizer que realidades culturais distintas constituem o todo histórico da humanidade. Em outras palavras, seria dizer que os conjuntos lexicais existentes no universo como respectivos de cada comunidade são participantes ativos que condicionam a história social e cultural do universo.

Os costumes que são cristalizados no interior de um grupo social são traços evidentes da cultura que professam os membros deste mesmo grupo. Geralmente, os traços de uma determinada cultura se tornam mais evidentes e conhecidos quando do uso do léxico (SAPIR, 1969). Significa dizer que cultura, léxico e língua vivem uma relação íntima incapaz de se desvencilhar, até porque a cultura como agregadora de costumes e hábitos, só se torna significativa quando relacionada ao conjunto lexical vigente na comunidade, sendo o léxico responsável por dar sentido aos costumes cristalizados no interior do grupo. A união dos dois não existiria sem a participação da língua. Essa, como sistema de signos que possui possibilidades combinatórias, condiciona o modo como será significada a cultura, permitindo o uso ou construção de palavras e expressões que melhor representam a cultura de uma determinada comunidade.

É inegável que a vivência social não sobreviveria sem a presença de uma língua, sem a cultura e sem o léxico, já que tudo que rodeia o sujeito tem que ser interpretado por ele. Esta interpretação é útil ao ser conjugada com outras, até serem cristalizadas no meio onde vive o sujeito. Daí resulta a transmissão de conhecimento de mundo, de visão de mundo, das experiências mais ou menos intensas vivenciadas por cada membro do grupo e pelo grupo em si.

As palavras que constituem o todo lexical de uma língua em determinada comunidade funcionam como veículo que conduz a língua às especificidades da comunidade, tornando-a característica do grupo linguístico que a usa. Ou seja, é 'através do léxico, considerado como um conjunto sistemático e organizado de vocábulos de um sistema linguístico, que a língua manifesta características particulares de cada lugar específico, das crenças e dos

costumes de um determinado grupo social' (SIQUEIRA, 2015, p. 30, grifos da autora).

Partindo do raciocínio de Siqueira (2015), importa ressaltar que a língua possui um caráter eminentemente flexível no que diz respeito à sua adaptação ao meio de atuação. Tal característica vem a calhar com a expansão ou disseminação das línguas pelo mundo afora; a chegada língua em diferentes comunidades seria entediante e monótona se o sistema linguístico fosse, nesse sentido, fechado, inadaptável, pois a homogeneidade humana não seria nem um pouco atraente, apenas haveria grupos multiplicados pelo mundo sem diferenças significativas: seriam todos iguais.

Diante disso, é perceptível a importância de uma língua para se observar o que há de mais específico e particular em uma comunidade, sendo crucial no momento de distinção deste ou daquele grupo. Diante dessa afirmativa, pode-se dizer que estudar o acervo lexical da língua em uso é conhecer parte da história de um povo.

Portanto, a língua, em sua realização concreta, encontra sentido em cada espaço onde atua. As coordenadas sociais são fundamentais para condicionarem a adaptação do sistema linguístico, uma vez que este, ao se instalar em determinado espaço, tende a se modificar, parcialmente, adquirindo novos traços caracterizadores da comunidade que o usa. Sendo assim, não poderá existir língua sem sociedade e nem sociedade sem língua, pois a interação que se faz necessária entre os membros sociais depende do sistema linguístico para se desenvolver.

3.2 As bases sociais e históricas que sustentam a variação lexical nos dias atuais.

Nessa parte, terá atenção especial os empréstimos linguísticos das línguas indígenas e africanas ao PB que sustentaram e sustentam a variação lexical do PB.

3.2.1 Empréstimo linguístico das línguas indígenas e africanas

A possibilidade de renovação e ampliação sustenta a criação lexical, pois essa é uma característica fundamental de qualquer língua, até porque tal fato se dá por meio de diferentes recursos. A este estudo, merece atenção especial a formação lexical por empréstimo, vez que este é e foi um dos principais recursos responsáveis pelo acervo lexical do PB. No caso do

português falado no Brasil, a sua formação, variação e mudança se constituem como fatores fundamentais para se entender o seu distanciamento do PE e das demais variedades da LP. Portanto, o empréstimo linguístico tem participação fundamental na diferenciação do PB e na sua constituição como variedade da LP.

A essa discussão, é necessária uma definição breve do que é empréstimo linguístico, pois o entendimento desse fenômeno poderá melhorar a compreensão sobre a formação do PB. Este fenômeno ocorre quando uma língua toma como empréstimo palavras de outra(s) língua(s), incorporando-as ao novo contexto, de modo que sejam adequadas às regras gramaticais, semânticas e gráficas da língua receptiva. Ou seja, uma determinada língua traz para si vocábulos ou expressões pertencentes ao conjunto lexical da língua com que manteve o contato. Essa situação implica numa contextualização e adaptação aos moldes culturais, sociais e históricos da língua de recepção. Sendo assim, cada palavra, ao ser integrada na língua de acolhida, acaba por sofrer perdas/ganhos de traços fonéticos, gráficos e semânticos, podendo conservar em alguns casos a grafia e a pronúncia da língua de origem (ALVES; TIMBANE, 2016). Tal adaptação permite a incorporação coerente ao contexto da língua de acolhimento.

Em outras palavras, o fenômeno empréstimo linguístico pode ser entendido como um processo constituído por “palavras que já foram estrangeirismos e que ao longo do tempo se consolidaram na língua e sofrendo transformações a nível fonético ou ortográfico” (TIMBANE, 2013a, p. 5). Sob a perspectiva do fenômeno empréstimo linguístico, serão tratadas logo adiante as influências mais significativas desse fenômeno na formação do PB a nível histórico e atual, já que falar em empréstimos linguísticos das línguas africanas e indígenas correspondem a fatos históricos, motivados pela situação de contato na época da colonização do Brasil. Sob o mesmo prisma, essa abordagem se complementa com o assunto sobre os empréstimos do inglês, uma vez que este último representa o pilar atual que condiciona a incorporação de novas palavras alheias ao PB.

A LP chegou ao Brasil e encontrou as línguas indígenas, mas, ao invés de aquela influenciar as línguas de origem local, por ser ela a recém-chegada, ocorreu o contrário. Como a língua nova obteve força para se impor ao novo espaço, adquirindo suporte necessário para se perpetuar no novo terreno, foi ela a que sofreu influências das outras línguas em contato. Tal fato prova que nem sempre as influências vêm da língua imposta, podendo ocorrer o

contrário. Nesse caso, a formação lexical brasileira se deu e se sustenta em bases históricas, vez que as línguas indígenas e africanas fazem parte do acervo histórico do Brasil.

Importa pensarmos que a constituição do português falado no Brasil é resultado de empréstimos linguísticos feitos das línguas provenientes da família tupi-guarani, africanismos, europeísmos etc. Estas línguas contribuíram para a existência do conjunto lexical disponível aos brasileiros (BIDERMAN, 2001). Alves e Timbane (2016, p. 130), fazem uma releitura de Biderman (2001) e reiteram que “o léxico de uma língua natural é o patrimônio vocabular de uma dada comunidade linguística acumulado ao longo de sua história, e assim reflete a realidade sociocultural de um grupo linguístico”. Ou seja, a língua se adapta aos moldes culturais e linguísticos da comunidade receptiva. Prova disso são os diferentes usos que fazem os falantes dessa língua, bem como as diferenças linguísticas existentes em cada comunidade lusófona.

Esta língua vai funcionar para a respectiva comunidade como veículo de comunicação. Caso essa adaptação não ocorra, certamente a língua será rejeitada, pois não há possibilidade de representação do universo de determinada comunidade sem as devidas adequações. Não ocorrendo tal adequação, a língua representará um contexto desatualizado e fora da realidade do local de atuação. Por isso, a LP se adequou aos moldes de cada local que a recebeu e, no caso do Brasil, não ocorreu diferente. Como a sua chegada ao Brasil se deu por intromissão, a situação de contato permitiu a ocorrência natural dessa adaptação. Na verdade, a sobreposição de uma das línguas em contato sobre as outras participantes influenciou a ocorrência do fenômeno de empréstimos linguísticos.

Aliás, Castilho (2010) propõe dois troncos indígenas importantes que agravavam as comunidades indígenas existentes no Brasil quando da chegada dos portugueses: o tronco macrojê e o macrotupi. Este tronco se constituía de índios mais arredios que aqueles do primeiro tronco. A maior contribuição das línguas indígenas no PB foi de ordem toponímica, pois “além da referencialidade, é preciso pensar o termo toponímico primeiramente como componente do léxico da língua, que, por um percurso onomasiológico converteu-se em locativo” (SIQUEIRA, 2015, p. 87). Em outras palavras, os topônimos representam não só o local físico, mas também o sentido atribuído ao mesmo local e tudo que o compõe, o seu todo. Em tempo serão mostrados no quadro 3 exemplos que evidenciam as influências dessas línguas no nível toponímico.

Do mesmo modo, Castilho (2010) discute a importância dos africanos integrados no Brasil e pertencentes há pelo menos duas culturas africanas: a sudanesa e a banto. Os membros do primeiro grupo, o sudanês, fixaram-se em Estados brasileiros: Rio de Janeiro, São Paulo, Minas Gerais, Pernambuco, Alagoas e Maranhão. Já os índios do segundo grupo se alojaram na Bahia. Mas os bantos vieram em quantidade maior.

Em relação às contribuições africanas, são comuns os empréstimos relacionados à culinária, ao religioso, aos vegetais, aos alimentos etc. Os empréstimos correspondentes a essas áreas em específico são justificados por não haver no PE equivalentes que significassem as coisas, alimentos etc., existentes no Brasil e não existentes em Portugal e demais países. Daí a necessidade de se fazerem empréstimos de outra língua, já que a comunicação para se efetivar necessita da contextualização do assunto tratado pelo locutor à realidade do interlocutor. Vejamos os exemplos abaixo:

Quadro 3 – Exemplos de algumas influências, toponímicas, das línguas indígenas e africanas na LP faladas no Brasil.

Empréstimos de línguas indígenas	Empréstimos de línguas africanas
Corumbá = cidade/ rio de Goiás	Angu, jiló, quiabo, dendê = alimentos
Caldas Novas = cidade de Goiás	Cachaça = bebida alcoólica
Ipameri = cidade de Goiás	Cachimbo = objeto
Araraquara = cidade de São Paulo	Moleque, quilombo etc. = substantivos comuns.

Fonte: Adaptada de Siqueira (2015, p. 92-93); Castilho (2010, p. 179-180).

Os exemplos apresentados no quadro 3 são palavras que foram emprestadas de dois grupos importantíssimos na formação do PB. Se a LP não tivesse se submetido aos empréstimos linguísticos não teria sofrido influências que determinaram as configurações que o PB tem hoje, continuaria a ser PE e não estaria de modo algum adequado à cultura brasileira, uma vez que a língua é um sistema que representa e apresenta a cultura da comunidade em que atua. Diante disso, percebemos que o léxico do PB não é estático e, por isso, continua a sofrer mudanças, já que seus falantes, como qualquer falante de qualquer outra língua, estão cada vez mais integrados na globalização.

A sociedade brasileira está inserida num mundo globalizado, onde a existência de recursos tecnológicos cada vez mais modernos proporciona o contato rápido e frequente entre os falantes de todo o mundo. Exemplo disso são os recursos usados pela tecnologia eletrônica, TVs, rádios, internet, redes sociais entre outros. Esses mecanismos são fundamentais para proporcionar uma situação de contato, podendo este ser intenso ou não. O contato é um dos condicionadores da mudança cultural e linguística. A mudança linguística é influenciada pelo contato entre falantes de diversas línguas e culturas. Esses fatores poderão mudar parcialmente ou por completo as características da língua alvo, pois,

há certas especificidades que cada língua exporta para outras, como se pode notar, por exemplo, nos empréstimos fornecidos ao português de algumas línguas: o vocabulário da música clássica e das massas é italiano, os termos de guerra são alemães, os técnicos - científicos são ingleses, etc. (SILVA, 2010, p. 308, grifos do autor).

Interessa-nos o estudo sobre questões desse cunho, porque o avanço tecnológico e a globalização são fundamentais para o crescimento da sociedade e sua modernização perante o mundo. O inglês é uma língua anglo-saxônica usada como referência na comunicação mundial e aceita, muitas vezes, como língua de “estilo”. Como esse mesmo sistema linguístico fornece palavras que nomeiam as novas tecnologias, não é de se estranhar que o Brasil vá buscar nele algumas palavras para representar os objetos ou coisas relacionados aos avanços da tecnologia.

Portanto, não se pode negligenciar a importância da informática para a consolidação desse fenômeno linguístico. Esta área é uma das principais portas de entrada de palavras pertencentes ao léxico inglês. Exemplo disso é o uso que fazemos de palavras como *hacker* = gênio em computação que consegue penetrar em outros computadores ou sistemas; *on-line* = ligado (o aparelho), estar na linha; *scanner* = dispositivo para cópia de documentos; *software* = programas e dispositivos com os quais se opera o computador; *drive* = unidade de disco; *mouse* (pronúncia /mauz/), etc. Esta última palavra conserva a mesma grafia da língua de origem, sofreu modificação na pronúncia de origem, porém já foi introduzida no acervo lexical brasileiro e conta com definição em dicionário (HOUAISS; VILLAR, 2009, p. 654): “dispositivo manual que controla a posição do cursor sobre a tela e é capaz de selecionar ícones no menu do programa”. A definição que traz o dicionário citado é pertinente ao que

entendemos sobre o objeto em causa. Vejamos abaixo alguns exemplos de palavras emprestadas da língua inglesa.

Quadro 4 - Palavras emprestadas da língua inglesa.

Palavra na língua inglesa	Palavra inglesa na língua portuguesa
<i>Shopping</i>	Shopping
<i>Slide</i>	Eslaide
<i>Basket ball</i>	Basquetebol
<i>Sandwich</i>	Sanduíche

Fonte: Adaptada de Alves e Timbane (2016, p. 92-93).

O quadro 4 mostra algumas das palavras do léxico inglês que foram incorporadas ao conjunto lexical brasileiro por meio de empréstimo linguístico. É fácil perceber que são palavras de ordem tecnológica, esportiva, alimentar e da área da informática. Essas áreas constituem, hoje, um dos fatores que mais se modernizam e, por isso, as sociedades se sujeitam à integração, cada dia mais, aos novos moldes tecnológicos. Nesse sentido, o contato com objetos respectivos dessas áreas resulta na interação do falante da LP com o léxico da língua inglesa respectivos desta área, visto que, em alguns casos, não existe correspondente na LP das palavras que os representa, como mostrado no quadro 4. Para significar tais objetos, os falantes da LP acabam emprestando do inglês algumas palavras, utilizando-as de modo adequado à variedade portuguesa da qual fazem uso, integrando-as ao contexto linguístico vigente no interior da comunidade da qual fazem parte, o que significa dizer que

os estrangeirismos podem estar integrados no léxico da língua sem que estejam dicionarizados dependendo em muitos casos do sentimento neológico dos falantes. Na nossa opinião não é o dicionário que define se uma unidade lexical está integrada no português. Há, no entanto, muitas palavras que não estão dicionarizadas, mas que fazem parte do dia a dia na fala dos lusófonos (TIMBANE, 2013b, p. 156).

Portanto, os empréstimos linguísticos podem ser entendidos, a nosso ver, como uma necessidade que constitui a inclusão dos avanços tecnológicos e/ ou a falta de referente na

língua de origem, no interior das comunidades exteriores às responsáveis por inovações tecnológicas informatização no mundo em si.

O capítulo que se segue, trata dos procedimentos metodológicos fundamentais ao desenvolvimento desta pesquisa. Nesse capítulo, detalharemos os passos necessários para a constituição do *corpus*, à seleção dos sujeitos da pesquisa, ao método aplicado à recolha dos dados, à formalização da pesquisa em si e à apresentação e análise dos dados.

IV. PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Este estudo se caracteriza como uma pesquisa de campo cujo percurso metodológico se desenvolveu com base na análise e interpretação dos dados obtidos por meio da aplicação de questionários a nove alunos, vinculados à Universidade Federal de Goiás, distribuídos entre as regionais Catalão, Goiânia e Jataí. Esses alunos participaram do PLI, programa financiado pelo Governo Federal e coordenado pela Capes (no período de 2012 a 2014) como alunos regulares em universidades portuguesas.

O critério fundamental para a escolha dos inquiridos foi justamente o vínculo com o PLI, no período mencionado, não havendo restrição alguma no momento da seleção dos participantes no que diz respeito ao sexo, idade ou curso. Ademais, a opção pela pesquisa de campo se justifica por permitir ao pesquisador a oportunidade de observar o fenômeno em ocorrência a partir da experiência ou indícios dela em respostas obtidas através de questionários interligados com os objetivos que envolvem a temática da pesquisa em si.

Outrossim, a junção de um método e de um objeto de estudo, passível de investigação, resulta no conhecimento científico, porquanto, a “ciência moderna nasce [...] com a determinação de um **objeto** específico de investigação e com o **método** pelo qual se fará o controle desse conhecimento” (RAMPAZZO 2011, p. 19). Sendo assim, não poderá uma pesquisa adquirir consistência sem a aplicação metodológica necessária ao teor específico exigido em situações diversas que abrangem cada estudo em apreço.

Consideramos também que “não existe conhecimento científico sem a assistência do método (...) a escolha de um método em vez de outro deverá ser pensada de forma direta e estará condicionada pela própria natureza da pesquisa” (SERRANO, 2011, p. 144-145). Assim, neste estudo, o saber científico não deve ser apenas baseado na experiência e observação dos dados obtidos, mas na investigação do fenômeno da variação lexical que, na linguística, corresponde a um dos fenômenos importantíssimos à variação linguística respectiva a uma determinada língua(gem) em inquestionável relação com as culturas por ela(s) manifestadas.

Anterior à proposta que versa este estudo, foram fundamentais os conhecimentos teóricos aprendidos em disciplinas cursadas, cuja abordagem temática nos proporcionou indagações sobre a relação entre língua, sujeito e meio dentro dos estudos da linguagem. Assim, foi muito importante a conclusão das disciplinas que deram ênfase ao estudo da língua

em consonância com a cultura e a identidade do falante para darmos cabo às discussões científicas sobre a identidade dos alunos brasileiros, bem como sobre a variação léxico-cultural entre as variedades brasileira e portuguesa.

É importante deixar claro que os resultados da presente pesquisa refletiram a realidade da variedade portuguesa da LP, independentemente da variante. Sabe-se que os alunos da UFG provêm de diferentes partes do Brasil e assim, a seleção de alunos nacionais trouxe a realidade sociolinguística brasileira. Foram excluídos da pesquisa alunos estrangeiros e alunos brasileiros que não fizeram parte do grupo do PLI. Dessa forma, vamos, nesta seção, mostrar os caminhos percorridos para o alcance dos objetivos fundamentais à pesquisa.

4.1 Dos sujeitos da pesquisa

A pesquisa foi realizada, no Estado de Goiás, na Universidade Federal de Goiás das cidades de Catalão, de Goiânia e de Jataí, com a participação de nove (9) estudantes brasileiros dos cursos de Letras-Português/Português-Inglês/Física e Química, que estiveram vinculados ao PLI de 2012 a 2014, e que estudaram em universidades portuguesas. Esses alunos constituem os sujeitos desta pesquisa e, como já foi dito, a escolha dos mesmos não se baseou em critérios relacionados ao sexo, gênero, idade e/ou curso ao qual estavam vinculados. Por isso, os participantes são homens e mulheres entre 23 e 50 anos de idade. Lembrando que o fato destes alunos estarem vinculados à Universidade Federal de Goiás não significa que teriam de ser naturalmente goianos, uma vez que a universidade acolhe estudantes de qualquer parte do Brasil, desde que fossem brasileiros.

O perfil dos participantes foi analisado mediante a proposta temática que envolve a variação léxico-cultural entre as variedades brasileira e portuguesa, bem como o contato de alunos brasileiros com o PE. Diante disso, o convite aos alunos foi feito mediante presença, àqueles vinculados à Regional Catalão, e por *facebook*, *e-mail* e *whatsapp* aos vinculados às regionais Goiânia e Jataí. A escolha dessas tecnologias na recolha dos dados se justifica pela exiguidade dos recursos financeiros, bem como à economia de tempo, o que nos permitiu obter, em curto espaço de tempo, os questionários respondidos, apesar de sabermos das desvantagens, atraso no envio, dificuldades provenientes do sistema computacional etc., do seu uso como instrumento de coleta de dados.

Assim, a participação dos alunos brasileiros selecionados foi primordial para a obtenção dos dados, como experiências reais capazes de mostrar a dimensão do fenômeno da variação léxico-cultural entre o PB e PE. Com base nas experiências desses sujeitos, a pesquisa pôde ser desenvolvida sob a integridade que todo estudo científico requer para ser fiável. Essa fiabilidade é resultado do caminho compreendido desde o início ao fim da pesquisa. Por isso, a formalização da pesquisa é também um item importante que traz credibilidade para qualquer estudo científico. Essa questão será tratada com mais detalhes a seguir.

4.2 Da formalização da pesquisa

A verificação dos dados obtidos como garantia de credibilidade ética, pela formalização deste trabalho faz parte dos procedimentos metodológicos usados para a delimitação e composição do *corpus* desse estudo. As respostas escritas fornecidas pelos participantes constituem as bases deste trabalho. Assim, as respostas foram obtidas por meio da aplicação de um questionário, composto por vinte e duas questões dos tipos fechadas, foram sete (7) e abertas, foram quinze (15). Essas respostas compõem o material pelo qual contamos as experiências dos alunos brasileiros durante o período que participaram do PLI. Obtê-los por este meio nos proporcionou o contato direto com as experiências relatadas pelos próprios alunos. Os relatos denunciam momentos marcantes para cada participante, ainda que estivesse em uma mesma situação de intercâmbio.

A autorização junto ao Comitê de Ética em Pesquisa da UFG (CoEP) para a obtenção das respostas dos inquiridos ao questionário consistiu na etapa de formalização da pesquisa cujo número do parecer foi **1.622.922**¹⁰. Nesse processo de formalização da pesquisa, todas as precauções foram tomadas para a garantia do sigilo, imparcialidade e uso exclusivo das informações fornecidas pelos alunos para fins meramente acadêmicos, pois, juntamente com o questionário, seguiram o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE)¹¹ para assinatura dos respectivos participantes. No TCLE constam todas as informações relacionadas à pesquisa e suas etapas, bem como a liberdade e os direitos dos participantes, ou seja, o

¹⁰ O documento se encontra anexado nas páginas finais deste trabalho.

¹¹ Apêndice B.

termo citado foi elaborado para resguardar a identidade de cada inquirido, sendo submetidas à análise apenas as informações prestadas pelos mesmos com consentimento próprio.

Outrossim, os participantes não serão identificados em nenhum momento da pesquisa, mesmo quando os resultados da pesquisa forem divulgados sob qualquer forma e suporte, apesar de não terem feito restrição alguma em relação à sua identificação. Portanto, os dados utilizados e posteriormente publicados compreenderão aqueles que não representam ofensa ou informação pessoal e privada de qualquer envolvido, direta e/ou indiretamente, na pesquisa.

Todas as informações pessoais coletadas neste estudo são estritamente sigilosas, sendo divulgadas apenas as relativas ao teor da pesquisa, ou seja, as respostas que constituem o objeto deste estudo. Somente os pesquisadores responsáveis pela pesquisa terão conhecimento dos dados obtidos. Assim, os participantes serão referidos, neste trabalho, por meio de um código que visa a facilitar a compreensão da distribuição dos dados obtidos. Sendo assim, a identificação dos participantes será da seguinte forma: a) sequência de exposição (ex. 01); b) sexo ou gênero (F/M); c) idade (ex. 40). Ou seja, para identificar o participante da primeira exposição de respostas, utilizaremos o seguinte código: **01M25**. Em outras palavras, o código anterior diz respeito ao participante de primeira exposição de respostas nesta seção, do sexo masculino e tem 25 anos de idade. Adiante, mostraremos os passos que deram origem à constituição do *corpus*.

4.3 O *corpus* em si

Ao longo desse subcapítulo terá atenção especial o modo como se constitui o objeto de pesquisa, sendo esse o escopo de análise; apresentação dos dados obtidos e, por fim, a análise dos dados obtidos. A referência aos dados foi feita por meio da transcrição das respostas tal como responderam os participantes. Em relação as porcentagens apresentadas nos gráficos se referem ao quantitativo de respostas e não a totalidade de participantes, visto que os esses puderam optar por mais de uma opção de resposta.

4.3.1 Da constituição do objeto de pesquisa

A constituição do *corpus* se deu com base em perguntas feitas aos alunos brasileiros, sujeitos da pesquisa, através da aplicação de questionários, que se encontram detalhado no

apêndice A. O questionário foi composto por vinte e duas questões, as quais dizem respeito à variação lexical do PB em contato com a do PE, de modo a evidenciar os aspectos mais marcantes da cultura e identidade linguística brasileiras no contexto europeu. As perguntas que constituem o questionário foram elaboradas com atenção aos objetivos principais desta pesquisa. Portanto, optamos por elaborar questões abertas e fechadas, uma vez que aquelas concedem uma certa liberdade aos inquiridos a darem respostas mais abrangentes e menos limitadas aos temas que permeiam a experiência em terras lusitanas. É importante pensar que nem sempre as questões fechadas trazem com precisão as experiências mais marcantes do sujeito experienciador, mas o conjunto das questões abertas e fechadas podem responder com mais precisão aos comandos das questões.

Os participantes da pesquisa tiveram um prazo de quinze dias para responder o questionário e enviá-lo aos responsáveis pela pesquisa, lembrando que a devolução do questionário foi feita juntamente com o TCLE. Como o contato com a maioria dos participantes se deu por meio eletrônico, a devolução também o foi. Essa possibilidade facilitou a eficiência dos alunos no momento de responder às perguntas e na devolução do questionário aplicado. Estamos cientes das possíveis interferências externas no momento em que os alunos resolveram o questionário, uma vez que não foi possível a aplicação presencial deste a todos os alunos participantes. Após a recolha dos dados, os mesmos foram selecionados e organizados em forma de quadros e tabelas, de modo que o fenômeno em estudo ficasse claramente identificado. A seguir, mostraremos os dados obtidos e que pareceram mais significativos ao teor da pesquisa.

4.3.2 Apresentação dos dados

A apresentação dos dados a seguir refere-se às respostas dos inquiridos às perguntas feitas a eles por meio da aplicação de questionários. Foram enviados nove questionários cujo intuito era o de analisar as respostas mais significativas. Ao fim do recebimento dos mesmos, os nove participantes responderam os questionários aplicados.

Os dados obtidos através dos questionários foram selecionados e organizados em forma de tabelas e quadros para que fossem mais visíveis e interpretáveis, de modo que a análise evidenciasse o fenômeno em estudo. Sendo assim, essa visibilidade há de permitir a compreensão de diversos aspectos culturais e linguísticos capazes de determinar a construção

ou reconstrução da identidade linguística brasileira em espaço europeu. Para tanto, esse momento se reserva à distribuição dos principais dados obtidos através das informações prestadas pelos inquiridos no âmbito da variação léxico-cultural.

A título de organização, a apresentação dos dados será em grupos correspondentes ao conjunto de questões de mesmo teor. As respostas do Grupo 1 dizem respeito às questões de múltipla escolha, que compreendem as perguntas de números 1, 2, 4, 7, 11, 12, 15 e 18, já o Grupo 2 contempla as questões abertas, de números 3, 5, 6, 8, 9, 13, 14, 20 e 21. E, por fim, o Grupo 3, que prioriza as questões abertas com justificativas e corresponde às de números 10, 16, 17, 19 e 22. Assim, com os dados previamente selecionados, os expusemos da seguinte forma: Grupo 1 – Questões de múltipla escolha, Grupo 2 – Questões abertas; e o Grupo 3 – Questões abertas com Justificativas.

O uso de questões de múltipla escolha no questionário é interessante porque permite, ao pesquisador, de modo que as mesmas estejam ligadas ao tema da pesquisa e aos objetivos que a permeiam. No caso deste estudo, as questões com essa característica nos permitiram direcionar as respostas dos alunos brasileiros a opções mais objetivas e diretas, pois os participantes tiveram toda a liberdade no momento da escolha da opção que melhor representasse as experiências vividas em Portugal. Pensando nisso, observemos os dados a seguir.

Grupo 1 – Questões de múltipla escolha

Nesta parte, serão apresentadas as respostas dadas pelos alunos brasileiros às perguntas relacionadas abaixo. Então, para facilitar a compreensão dos dados obtidos serão apresentadas, em primeiro lugar, as perguntas e posteriormente as respostas de todos os participantes, seguidas do código identificador dos mesmos. Vejamos:

Quest. 01: O que achou da fala dos portugueses na primeira semana que o/a Sr./Sra. chegou em Portugal? Assinale com “X” nas opções que considere adequadas:

difícil () complicado () incompreensível () fácil () sotaque bom () sotaque difícil ()
compreensível ()

Resp.: sotaque difícil/fácil **01M25**; compreensível/ fácil **02M43**; difícil/ complicado/ incompreensível **03F23**; complicado **04M23**; compreensível **05F25**; complicado/

incompreensível **06F32**; compreensível **07F24**; sotaque bom **08M50**; sotaque difícil/compreensível **09F33**.

Quest. 02: Assinale com “X” as palavras que usou na primeira semana em Portugal:
rebuçado () xícara () trem () hospedeira de bordo () aeromoça () geladeira () casa de banho () geladeira () banheiro () telemóvel () peúgas () celular ()

Resp.: telemóvel/ trem/ banheiro/ celular **01M25**; xícara/ trem/ geladeira/ banheiro/celular **02M43**; casa de banho/ trem/ geladeira/ banheiro/ celular/**03F23**; trem/ banheiro/ celular **04M23**; geladeira/ trem/ banheiro/ celular **05F25**; trem/ geladeira/ banheiro/ celular **06F32**; casa de banho/ telemóvel **07F24**; casa de banho/ xícara/ trem/ geladeira/ banheiro/ celular **08M50**; xícara/ trem/ banheiro/ celular **09F33**.

Quest. 04: Assinale com “X” as palavras que entendeu facilmente nos primeiros dias:
autocarro () guarda redes () sumo () chumbar() comboio () sandes() paragem () portagem ()

Resp.: autocarro/ comboio/ guarda redes/sumo **01M25**; sumo/ paragem/ autocarro/ portagem **02M43**; sumo/ autocarro/ comboio **03F23**; autocarro/ comboio/ sumo/ paragem **04M23**; autocarro/ comboio/ sandes/ sumo/ paragem/ portagem **05F25**; comboio/ paragem **06F32**; autocarro/ comboio/ sumo/ paragem **07F24**; autocarro/ comboio/ paragem **08M50**; autocarro/ guarda redes/ comboio **09F33**.

Quest. 07: O Sr./ Sra. acha o português de Portugal complicado em que aspecto? Assinale a(s) opção(ções) abaixo:
fala/sotaque () gramática () léxico/vocabulário () semântica (sentido das palavras) () ouvir/compreender ()

Resp.: fala/sotaque **01M25**; fala-sotaque/ gramática/ semântica/ léxico-vocabulário **02M43**; fala-sotaque/ semântica/ ouvir-compreender **03F23**; gramática **04M23**; fala – sotaque/ ouvir – compreender **05F25**; semântica **06F32**; léxico-vocabulário **07F24**; fala-sotaque/ gramática/ semântica **08M50**; fala – sotaque **09F33**.

Quest. 11: Assinale com “X” o nível de tolerância dos professores portugueses com relação ao português brasileiro:
bom () ruim () péssima () ótima () regular ()

Resp.: péssima **01M25**; regular **02M43**; regular **03F23**; bom **04M23**; bom **05F25**; bom **06F32**; ótima **07F24**; ótimo **08M50**; bom **09F33**.

Quest. 12: Agora que o/a Sr./Sra. voltou para o Brasil qual (ais) das palavras abaixo são recorrentes em sua fala. Assinale com “X” nas opções.

lanchonete () vs café ()

bica () vs cafezinho ()

preservativo () vs durex ()

esquadra () vs delegacia de polícia ()

ônibus () vs autocarro ()

sida () vs aids ()

Resp.: lanchonete/ preservativo/ ônibus/ cafezinho/ delegacia de polícia **01M25**; lanchonete/café **02M43**; lanchonete/ cafezinho/ delegacia de polícia/ sida/ ônibus **03F23**; café/ cafezinho **04M23**; não respondeu **05F25**; café/ preservativo/ ônibus/ cafezinho/ delegacia de polícia **06F32**; lanchonete/ preservativo/ ônibus **07F24**; lanchonete/ preservativo/ ônibus/ cafezinho/ delegacia de polícia **08M50**; ônibus/ autocarro **09F33**.

Quest. 15: Assinale com “X” as palavras que possuem significados diferentes no Brasil e em Portugal que te causaram transtorno ao usá-las no contexto do português europeu: banheiro () camisola () camisa () calcinha () cueca ()

Resp.: cueca **01M25**; banheiro/ camisola/ camisa/ calcinha/cueca **02M43**; banheiro/ calcinha/ cueca **03F23**; camisola **04M23**; banheiro/ calcinha **05F25**; banheiro/ camisola/camisa **06F32**; banheiro/ camisola/ calcinha/ cueca **07F24**; banheiro/ camisola/ calcinha/ cueca **08M50**; banheiro/ camisola/ cueca **09F33**.

Quest. 18: Escreva duas palavras ou duas expressões do português de Portugal que ainda usa na sua fala aqui no Brasil.

Resp.: gajo/gaja **01M25**; pois/ força **02M43**; pois **03F23**; levantamento/ se faz favor **04M23**; contacto/ bocadinho **05F25**; giro/ estais – tais a ver? **06F32**; pois **07F24**; então **08M50**; é pois **09F33**.

Com a apresentação das respostas dos participantes em relação às questões do grupo 1, é perceptível que todos os inquiridos responderam às perguntas desse grupo. Essa ocorrência mostra a eficácia da aplicação de questões cujas características são as de múltiplas escolhas, porque quando o participante tem à sua vista opções que possam traduzir os seus sentimentos relacionados a determinada experiência, a escolha por uma delas é de imediato. Contudo, para esse estudo, especificamente para este grupo, a opção por questões desse teor permitiu a obtenção das respostas sem a extrapolação ou desvio do que de fato tenciona cada pergunta.

Dando continuidade à apresentação dos dados obtidos através de perguntas elencadas em questionário, vamos seguidamente mostrar as respostas dos alunos brasileiros às perguntas que compõem o grupo 2. Essas perguntas foram feitas por escrito, como todas as outras, mas com teor aberto, ou melhor, subjetivo. Nesse sentido, os participantes tiveram uma liberdade maior em relação às perguntas apresentadas anteriormente, uma vez que questões com essa característica permitem aos inquiridos o relato de experiências de acordo com seu entendimento, subjetivo, até porque não lhes foi apresentada nenhuma opção como resposta, o que não dá margem para respostas que não sejam pertinentes ao comando das questões, já que estas foram elaboradas e direcionadas ao que se pretende saber dos participantes em relação à experiência cultural e linguística em terras portuguesas.

A escolha por questões abertas se justifica por facilitar a descontração do participante em relação ao que se pergunta. Isso porque sabemos que situações como essas acabam deixando os participantes retraídos ou inibidos, já que se tratam de relatos de experiências próprias e que nem sempre são de cunho positivo. Ademais, acreditamos na veracidade das informações prestadas, uma vez que questões abertas podem induzir os participantes a omissão ou acréscimo de informações que podem ser pertinentes ou não ao teor da pesquisa. Nesse caso, os participantes tiveram toda a liberdade para responderem às questões, obedecendo apenas os critérios que o próprio comando da questão impunha. Então, observemos as respostas que serão apresentadas a seguir.

Grupo 2 – Questões abertas

As perguntas relacionadas a seguir serviram de direção para que os alunos brasileiros pudessem relatar suas experiências, em relação ao PE, de modo que os sentimentos desenvolvidos a partir dessa experiência fossem evidentes em seus relatos. Portanto, a seguir são mostradas as respostas respectivas as perguntas relacionadas. Como no grupo anterior, serão apresentadas as respostas seguidas dos códigos respectivos aos participantes que as forneceram. Vejamos:

Quest. 03: Sentiu algum desconforto ou incômodo quando não conseguia falar o português de Portugal? Por quê?

Resp.: Não. Na realidade nunca tentei mudar meu sotaque. Apenas troquei as palavras que Na região/ país denotam promiscuidade. **01M25;** Não senti nenhum desconforto, pois a

comunicação foi bem tranquila e mediada. **02M43**; Não senti nenhum desconforto, porque deixei claro sobre minha origem. **03F23**; Sim, pois percebia que muitas coisas que eu não entendia pareciam óbvias. **04M23**; Não senti nenhum incômodo por não conseguir falar o português de Portugal, até porque eu não tentei. As pessoas me entendiam bem, assim como eu a elas. **05F25**; Sim, pois nem todos os portugueses são receptivos e entendem as diferenças linguísticas. **06F32**; Não, pois não houve necessidade de adaptação da língua, visto que a comunicação ocorreu de forma compreensível em ambas variedades para ambos falantes. **07F24**; Não. Porque não tive problemas na comunicação com os portugueses, quando não entendia perguntava para entender. **08M50**; Em falar não, porque usei o português brasileiro normalmente. Achei desconforto por não saber o significado de algumas palavras que não faz parte do vocabulário português brasileiro e, também por vezes a mesma palavra ter significado diferente nos dois países. **09F33**.

Quest. 05: O Sr./ Sra. acha que os portugueses (pelo menos aqueles com quem manteve contato) entendiam quando falava o português brasileiro (PB)? Justifique.

Resp.: Sim. Contudo, devido à presença na minha linguagem de expressões regionais tais como “dou conta não”, “trem”, “cê”, tive que evitar o usos dessas palavras/expressões. **01M25**; Sim. Pelo fato de que eles já tinham o contato com o português brasileiro através de nossas novelas que são exibidas em Portugal, e também pela quantidade de brasileiros que para lá se mudam com o objetivo de estudar ou trabalhar. **02M43**; Sim. Então como tinha algumas palavras que ambos não entendiam eles perguntavam o significado como eu também perguntava, acabava que era troca de conhecimento. **03F23**; A maioria das palavras sim, pois como já convivem com brasileiros frequentemente, já sabem muitas palavras da nossa variedade. **04M23**; Claro que entendiam bem o português. Estavam acostumados com estudantes brasileiros e possuem amplo contato com nossa cultura através de filmes telenovelas etc. Não havia como e nem porque não nos entender, só se fosse por questões de má vontade. **05F25**; Em sua maioria sim. Quando não entendiam, perguntavam. **06F32**; Sim, apesar de variedades diferentes, a comunicação é perfeitamente possível e, portanto, ambos se entendiam com facilidade. **07F24**; Sim. Pois consegui manter diálogo com muitos. **08M50**; Sim. Sempre conversava com alguns portugueses eles diziam que era fácil entender a língua brasileira (como diziam eles) por causa das muitas novelas brasileiras que lá passavam. Além disso o português de Portugal falavam o português muito próximo ao nosso. **09F33**.

Quest. 06: Quando um(a) português(a) ao ouvir o Sr./ Sra. falar o português brasileiro e não entendia como você procedia?

Resp.: Repetia novamente, porém lentamente. **01M25**; Em geral isso não aconteceu, mas na dúvida de alguma palavra que eu disse eu tentava me explicar de outra forma. **02M43**; Eles perguntavam o que significava eu tentava explicar da melhor maneira o significado, se eles mesmo assim não entendiam procurava no Google alguma imagem e mostrava ai sim conseguiam entender o verdadeiro significado. **03F23**; Não respondeu. **04M23**; Quando, em uma mera hipótese, algum português não entendia alguma palavra, gíria, na maioria das vezes, que eu falava, eu repetia a palavra. Quando necessitava de explicação, eu explicava. **05F25**; Repetia o que havia dito, explicando seu conceito. Assim chegava-se à palavra correspondente do português europeu. **06F32**; Explicava de outras formas o sentido do determinado termo, expressão. **07F24**; Eu não tive problema de comunicação, pois quando eles não entendia procuravam saber o que eu estava querendo dizer, eles apenas pediam para falar mais devagar. **08M50**; Perguntava como dizia algo parecido e tentava buscar outra expressão que aproximasse a deles. Tentando explicar de outras maneiras. Mas, o não entendimento do português brasileiro não era comum entre os portugueses. **09F33**.

Quest. 08: Acha que os portugueses gostam do português brasileiro? Justifique. (Fale da sua própria experiência).

Resp.: Não. Não gostam. Na minha opinião o egocentrismo perpetua no cidadão lusitano, desde o idioma a outros aspectos do cotidiano. **01M25**; Não. Os portugueses são um povo que preza a sua língua, cultuam o seu idioma, as suas características, por isso não gostam do nosso português, para eles corrompido. **02M43**; Não acho. Acredito que nós brasileiros gostamos mais da nossa linguagem eles também gostam mais e adaptam-se melhor para sua cultura. **03F23**; É uma questão complicada, porque muitos eu via que se interessava pela nossa variedade, principalmente os mais jovens. Outros, principalmente os mais velhos, ainda conservam a ideia da pureza do português europeu. **04M23**; Penso que não os desagradavam. **05F25**; Alguns portugueses os quais tive contato diziam que o português brasileiro era mais agradável de se ouvir do que o europeu ou o africano. **06F32**; Não tenho opinião sobre isso, no entanto não percebi nenhuma aversão ao português brasileiro. **07F24**; Pela que vi lá não, pois eles dizem que o português original é o de Português que o nosso é uma cópia e mal feita. **08M50**; Tive contato com pessoas mais simples e eles sim diziam que gostavam do sotaque brasileiro. Já quem era um pouco mais estudado (normalmente dentro da

Universidade), não gostavam, faziam muitas críticas. Principalmente depois da implementação da nova ortografia deles, que aproximava a nossa ortografia, nessa época ouvi bastante coisa que chegava a ser ofensivas. **09F33**.

Quest. 09: Na sua opinião, o que provocava a má compreensão de palavras no português de Portugal?

Resp.: O som das letras X, C e CH. Geralmente acompanhado de um “chiado”, como por exemplo no nome “PriscHHHHiiiiiiila”. **01M25**; É a forma como é pronunciada, que assim como aqui no Brasil, tem suas variações dependendo da região em que se está. **02M43**; À coisas simples simples, o significado das nossas palavras em Portugal tinha um outro sentido, isso era constrangedor. **03F23**; O meu conhecimento. **04M23**; A má compreensão, a meu ver e no meu caso, se dava pelo mínimo contato anterior com a cultura portuguesa. Nunca antes havia escutado um português de Portugal pronunciar qualquer palavra. Então, ao chegar em terras lusitanas houve um choque de língua e cultura. **05F25**; Primeiramente a rapidez com que são pronunciadas. Acredito que o fato de terem sons mais “fechados” também colabore, assim como o significado das palavras que por vezes divergem do nosso. **06F32**; Foram poucos termos que inicialmente provocou a má compreensão, por terem outros vocábulos na língua brasileira como: ananás, fiambre, comboio e etc. Mas, facilmente foram aprendidos no decorrer da convivência. **07F24**; Eu quase não tive este problema, porque os portugueses na cidade em que eu morava assistiam muitas novelas brasileiras. **08M50**; O falar rápido demais e algumas palavras que não faz do português brasileiro. **09F33**.

Quest. 13: Acha que a cultura portuguesa é semelhante a cultura brasileira? Se não, o que mais as diferencia?

Resp.: Em parte, sim. Devido a diversidade cultural brasileira em função ao grande território geográfico e influência de outros países da Europa creio que jamais será 100% semelhante. **01M25** ; A cultura portuguesa é bem diferente da cultura brasileira. Um grande fator que nos diferencia é o respeito ao meio ambiente. Em Portugal é mais do que obrigatório a reciclagem, enquanto aqui no Brasil isso é algo impensável pela maioria. Os portugueses também são muito conservadores e fechados, de difícil abertura para outros povos, especialmente os brasileiros. **02M43**; Tem uma semelhança sim, mas possui coisas bem diferente como as músicas, o sotaque, as comidas típicas deles e os costumes das festas, as comemorações e os feriados são diferentes. **03F23**; Há muitas coisas semelhantes que são vistas na literatura, nas artes, na visão de mundo ocidental... Há também outras diferentes,

como a noção de espaço e distância é costumes do dia a dia envolvem isso. As festas também geralmente são diferentes, apesar de que em Coimbra tocava-se muitas músicas brasileiras. **04M23**; Sim, há semelhanças sim entre nossas culturas, pois uma se ramificou da outra. Mas também há diferenças, claramente. **05F25**; A língua pode se assemelhar, mas a cultura é diferente. **06F32**; São distintas, culinária diferente, tradições diferentes. **07F24**; Não. Os portugueses cultuam muito sua cultura, um dos fatos que mais me marcou é o fado que eles veneram e em todas as ocasiões eles sempre tinham uma apresentação de fado. **08M50**; Portugal é um país engraçado, mas ao mesmo tempo estranho. Achei as pessoas muito fatalistas, incapazes de se revoltar de fatos contra aqueles que diz serem os seus opressores, individualistas e materialistas, digo isso baseado na vivência que tive com alguns portugueses e não no geral. Já o povo brasileiro, são muito mais otimista, mas ao mesmo tempo mais exigente quanto à cobrança por seus direitos, feita todos os dias. São solidários e coloca-se no lugar do outro e com isso torna-se mais humano por sentir a dor do próximo. Contudo, acho que a cultura folclórica e Portugal é mais forte e mais respeitada. **09F33**.

Quest. 14: Em algum momento o/a Sr./Sra., tentou imitar o sotaque português? Por quê?

Resp.: Diversas vezes! Nas rodas de piadas e conversa. Era uma das diversões. Formalmente nunca. **01M25** ; Não necessariamente imitar. Ao longo da convivência com o sotaque português acaba sendo inevitável não agregar ao nosso modo de falar alguns signos linguísticos de Portugal. É automático, quando se percebe já se está falando o português europeu. Alguns de forma tímida, outros de um jeito mais acertado. **02M43**; Em nenhum momento tive interesse do sotaque português. **03F23**; Sim, até hoje, porque gosto de interpretar. **04M23**; Não. **05F25**; Sim. Mas não como forma de me comunicar com os demais, apenas, porque achava interessante algumas palavras. Nada além disso. **06F32**; Não achei necessário, apenas em situações informais com amigos como descontração, mas sem ser no sentido preconceituoso ou algo do tipo. **07F24**; Nunca tentei, vivi dois anos com eles e não peguei nenhum sotaque. **08M50**; Sim, por brincadeira com amigos portugueses mesmo. **09F33**.

Quest. 20: Acha que no Brasil se fala bem o português? Por quê?

Resp.: Não, não falamos bem o português gramaticalmente correto. O porquê gira em torno do contexto social e cultural do brasileiro. Explicar isso de forma específica seria inviável. **01M25**; No Brasil, em cada canto, se fala a sua variedade linguística. É difícil

determinar se aqui falamos bem o português, pois os recursos linguísticos usados pelas comunidades variam de um lugar para o outro. **02M43**; Acredito que sim. Porque mesmo que utilizamos a terceira pessoa no nosso país é correto o nosso português, porém mais difícil. **03F23**; Sim, porque em qualquer comunidade linguística há bons falantes. **04M23**; Há uma distância sabida entre a fala corrente, a norma culta falada e a escrita, e sabemos que isto se dá por vários fatores. No entanto, sabemos, também, que não há o “certo” ou “errado” ao se falar uma língua. Há um enunciador que precisa da linguagem para transmitir uma mensagem a um interlocutor; se há compreensão da mensagem, então, o ciclo se completa com sucesso. **05F25**; Tanto na escrita quanto na fala percebemos que o brasileiro não somente escreve muito mal, como também fala mal. Mas, penso eu, se a intenção maior for a comunicação, não vejo o porquê dizer que falamos mal, uma vez que reproduzimos a fala de um povo e seus costumes e romper com isso trataria certos desconfortos/ conflitos que talvez não compense iniciar. **06F32**; Com certeza, a comunicação é perfeitamente possível, portanto, fala-se a língua da forma que deve ser falada. **07F24**; Não. Porque usamos muita gíria e a cultura portuguesa em Portugal. **08M50**; Não, porque na grande maioria acha até engraçadinho falar errado e com isso pecam por hábito de também escrever errado. Não levam a ortografia a sério. Mas gosto da nossa pronúncia no gerúndio, que é uma das coisas que nos diferencia bastante dos portugueses. **09F33**.

Quest. 21: Faça comentários adicionais sobre a língua e a cultura portuguesa em Portugal.

Resp.: No geral, a cultura portuguesa é extremamente rica, especialmente no que se refere a valorização das situações vividas no passado. O português se prende bastante as músicas marcantes, situações marcantes e fatos marcantes. Penso eu que o português busca manter o pouco da sua origem que ainda existe, visto que a população possui uma baixa taxa de natalidade e que muitos de seus cidadãos estão migrando para outros países em virtude dos mais variados motivos. **01M25**; Os portugueses amam a sua língua, a sua cultura e as suas tradições. São um povo que tentam manter inalterados o seu modo de viver e por isso são muito fechados. Gostam de levar a sério os seus mitos, como o dom sebastianismo, por isso tão diferenciados de nós brasileiros. **02M43**; A língua portuguesa de Portugal é bem interessante a forma da pronúncia, a forma de não conjugar os verbos e as próprias gírias que o país possui. A cultura é simplesmente incrível, gostei muito da culinária por adaptar muito ao bacalhau, aos vinhos, à sobremesa serra dura, são coisas simplesmente incrível, aos fados e

a semana acadêmica tudo tão diferente do nosso país, e os trajes que os alunos utilizam nas Universidades e o respeito deles pelo curso que faz. **03F23**; Como qualquer língua e cultura, há comportamentos os quais eu achei interessante – a organização da cidade, a boa educação de algumas pessoas, as festas [...] Outras questões odiei, como o racismo e a xenófoba, principalmente contra brasileiros. **04M23**; Não respondeu. **05F25**; Não respondeu. **06F32**; A experiência em terras portuguesas foi extremamente enriquecedora, pois conhecemos uma cultura consideravelmente diferente, mesmo sendo aquela que influenciou inicialmente a cultura e formação do povo brasileiro. O mais interessante é perceber a diversidade dentro do que seria a unidade, uma mesma língua pode ter diversas especificidades mesmo dentro de um mesmo país, imagine então em países diferentes, continentes distintos. **07F24**; O que achei interessante na cultura portuguesa é que na cidade onde morava eles pronunciavam o português corretamente e quando dizíamos alguma coisa fora da concordância eles nos questionavam. Outra coisa que gostei muito foi a forma que eles comemoram a chegada de novos alunos na Universidade, a latada, era um mês se preparando pra fazer o desfile dos calouros dividido em seus devidos cursos e acompanhado por todos os alunos da Universidade, eu só achei estranho o tanto que eles bebiam sangria. **08M50**; Assim como o português brasileiro, a língua portuguesa de Portugal possui regionalismo. Logo em partes do país até tem uma fala que se aproxima da nossa, em outras o português é tão enrolado que se entende muito pouco e já tem regiões como onde morei na região centro o sotaque é até prazeroso. **09F33**.

Ao fim da apresentação dos dados obtidos através das perguntas que compõem o grupo 2, a seguir serão mostradas as respostas fornecidas pelos alunos brasileiros às perguntas de cunho abertas com possibilidades de justificação, ou seja, que compõem o grupo 3.

As justificativas, quando ocorrem, possibilitam um maior esclarecimento por parte dos alunos sobre o que se pede nas questões e, com isso, facilita a compreensão do fenômeno linguístico em evidência no momento da análise dos dados. Com essas questões, tencionamos induzir os participantes a relatarem experiências a mais sobre o que se pede em cada questão, manifestando opiniões próprias sobre as mesmas. Nessas questões os alunos além de poderem relatar suas experiências, puderam também justificar o seu entendimento em relação ao que se pedia em cada pergunta.

Nesse caso, o fato de os alunos terem tido a oportunidade de manifestarem suas opiniões nos permitiu uma amplitude maior em relação ao fenômeno estudado, uma vez que

as opiniões são entendimentos individuais e coletivos que estão arraigados à cultura e à variedade de origem. Sob essa perspectiva, vejamos o quadro 5.

Grupo 3 – Questões abertas com Justificativas

As perguntas e as respostas respectivas foram relacionadas a seguir, de modo que a exposição das mesmas proporcionassem uma visibilidade maior para facilitar o entendimento das respostas obtidas em cada questão. Por isso, o uso do quadro como forma de organização, para os dados deste grupo, foi fundamental para tornar mais clara a ocorrência ou não das justificativas relacionadas a cada resposta, por cada participante. Vejamos:

Quadro 5 - Grupo 3 – Questões abertas com justificativas

Participante	quest. 10: Escreva quatro palavras que o/a Sr./Sra. achou engraçadas no português de Portugal e comente.	quest. 16: Escreva 4 palavras que foram rejeitadas pelos professores universitários em Portugal.	quest. 17: Por que acha que os professores rejeitaram as quatro palavras citadas na pergunta 16?	quest. 19: Como são chamadas as seguintes realidades no português de Portugal. Se não souber a resposta escreva "NAO SEI": borracharia; chapelaria; flanelinha; chapeiro.	quest. 22: Das palavras do português de Portugal transcritas abaixo indique a palavra correspondente no brasileiro. Se não souber a resposta escreva "NAO SEI". Jesuíta; justa; falhanço; seiras.
01M25	Bicha: no Brasil tem outro significado. Trombada : em Portugal denota ato vinculado ao sexo. Desculpe lá: a pronúncia é engraçada.	Não respondeu.	Não respondeu.	Não sei.	Não sei.
02M43	Durex: trata-se de camisinha. Chávena: a nossa xerox. Rapariga: moça aqui para nós. Puto: criança aqui no Brasil.	Não respondeu.	Não respondeu.	Não sei.	Não sei.

03F23	<p>Rebuçado: nunca imaginei que era balinha. Comboio: nunca nem tinha dito essa palavra. Eletrões: a escrita bem diferente da nossa. K: a pronúncia dessa consoante custei a entender.</p>	Letra K; elétrons; íons; prótons.	Porque gera confusão ao explicar o conteúdo.	Não sei.	Não sei.
04M23	<p>Casa de banho: mesmo não sendo para banho, assim o chamam. Fino: em algumas cidades, ex.: Coimbra, é assim que chamam um copo de cerveja. Levantar: não vejo associação direta com “sacar” dinheiro. Putos: fico com pena das crianças.</p>	Xerox	Como eu disse, não tenho lembranças de rejeição por parte dos professores, então só me lembro de que diziam “fotocópias” ao invés de xerox, por questão de costume.	Não sei.	Não sei.
05F25	<p>Bicha: equivale a fila no português brasileiro. Boceta: equivale à caixa, caixinha, caixa pequena no português brasileiro. Rapariga: equivale a moça, mocinha, menina no português brasileiro. Agrafador: equivale à grampeador no português brasileiro.</p>	Não me lembro de nenhuma palavra que foi rejeitada por algum professor universitário em Coimbra.	Não acho que rejeitaram palavras do português brasileiro. Pode haver algumas que não estão habituados, mas rejeição não se aplica em meu caso.	Não sei.	Não sei.
06F32	<p>Rebuçado: parece um xingamento. Puto: também parece um xingamento. Palhinha: canudinho, achava que era palha. Giro: achava que era igual ao PB.</p>	Não me lembro.	#0#	Não sei.	Falhanço: falhar. Não sei o restante.

07F24	Fiambre: é o presunto. Ananás: abacaxi. Telemóvel: celular.	Não respondeu.	Não me recordo de palavras rejeitadas.	Não sei.	Não sei.
08M50	Rebuçado: pra nós é balinha, achei diferente. Tô: quando atende o telefone. Comboio. Autocarro.	Prótons; Kapa (Ka).	Prótons porque para eles é protões, pra nós é Ka e para eles Kapa.	Não sei.	Não sei.
09F33	Ir aos copos: acho estranho, por dizer que vai beber. Panelheiro: homossexual. É pois: soa deboche. Fato: por se tratar de vestuário.	Nitrogênio (era: Azoto); Presidenta.	Eles justificavam que não se diziam assim as palavras e eles não aprovavam o português brasileiro. A maioria acha que falamos tudo errado. Principalment e quando o acordo ortográfico deles se aproximou ao nosso português.	Não me recordo.	Não sei.

Fonte: Elaboração própria.

Feita a apresentação dos dados, daremos início à análise dos mesmos, pois o entendimento do fenômeno em estudo depende de um olhar atento para os dados obtidos, relacionando-os à teoria que permeia este estudo.

4.4 Análise e discussão dos dados

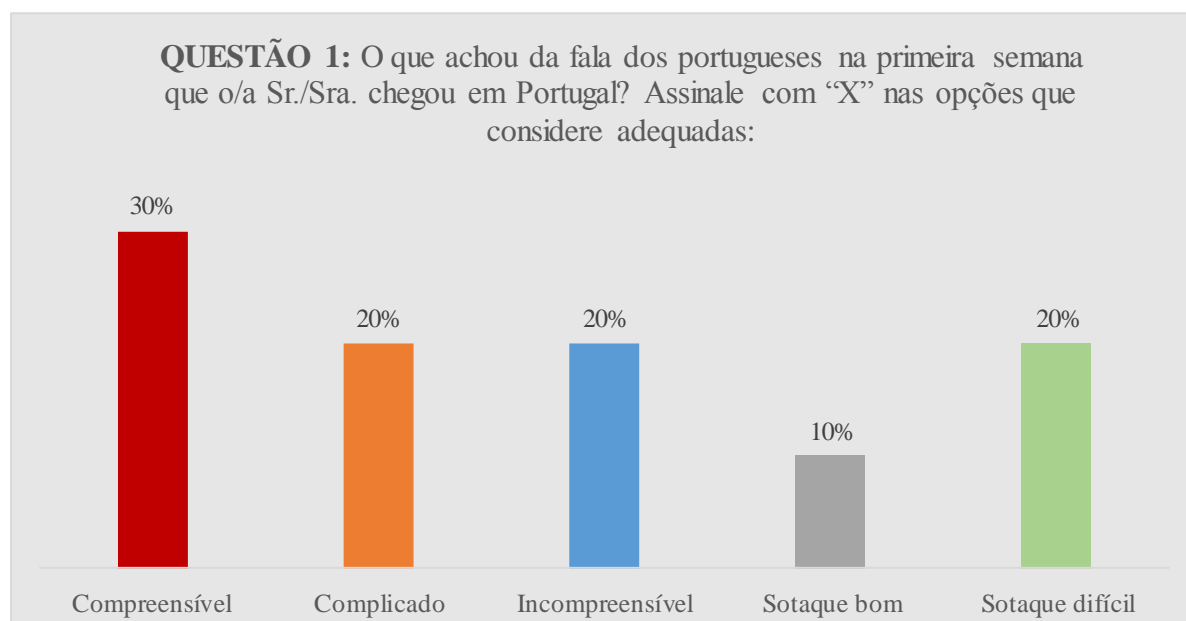
Nesta seção, propusemos a discussão dos dados apresentados na seção anterior, de modo que a análise dos mesmos seja com base na teoria fundamental a essa pesquisa. Nesse sentido, importa pensarmos que o fio condutor das experiências relatadas pelos inquiridos se

deve ao processo de intercâmbio linguístico e cultural que se deu em espaço lusófono. Essa situação proporcionou várias experiências entre alunos brasileiros e portugueses, o que significativamente motiva qualquer sujeito em contato com o “outro”. Sendo assim ao contatar com o “outro”, o “eu” se deixa envolver por julgamentos que mediam o relacionamento com o outro, podendo ser uma mediação marcada por julgamentos positivos ou negativos.

Quando o contato se dá no espaço de origem do “eu”, a mediação parece agradável, pois o receptor tende a instruir, ainda que inconscientemente, o recém-chegado aos hábitos culturais e linguísticos comuns ao seu grupo de origem. Mas, se essa situação se desenvolve em terras externas à de origem do “eu”, o estranhamento é inquestionável no momento da interação entre as partes envolvidas na situação. Ou seja, estar em espaço alheio traz, de certa forma, um estranhamento, a partir do qual se desencadeiam os julgamentos positivos ou negativos. Quando positivos, significa o sucesso interacional ou a interação bem sucedida entre as partes em contato. O contrário ocorre quando há interferências que prejudicam a interação. Isso quer dizer que, em situações como essa, os aspectos culturais e linguísticos que acompanham os envolvidos na situação são elementos cruciais para interferir na mediação relacional, uma vez que as diferenças sobressaem nitidamente nesses aspectos.

Em relação a essas questões, os dados apresentados no gráfico 1, respectivos à questão de número 1, do grupo 1, representam alguns aspectos que interferiram na interação entre os alunos brasileiros e portugueses. Nesse caso, os aspectos mais marcantes foram os linguísticos, visto que a língua é e foi para eles o primeiro elemento mediador do relacionamento com o grupo receptivo, no primeiro momento. A título de explicação, as expressões **sotaque difícil/ sotaque bom**, utilizadas como opções de respostas no questionário, foram assim escolhidas ao invés da palavra **pronúncia** para facilitar o entendimento dos alunos brasileiros participantes da pesquisa, visto que as duas expressões são frequentemente utilizadas nos diálogos informais. Temos ciência de que as expressões referidas anteriormente são de cunho informal, mas sabemos também que o seu uso facilitou a compreensão rápida dos alunos em relação à pronúncia dos portugueses. Observemos o gráfico a seguir:

Gráfico 1 – Juízos de valor, dos participantes, sobre o PE na primeira semana de contato.



Fonte: Elaboração própria.

Por serem grupos em contato que representam culturas e culturas linguísticas diferentes, é natural que os mesmos notem algum estranhamento ao contatar pela primeira vez com o outro e sua cultura. Claro que a estranheza é intensificada quando em território contrário ao de origem. No caso dos alunos participantes da pesquisa, o contato com portugueses se deu no espaço de origem do outro. Isso provocou estranheza, pois os portugueses fazem parte de culturas diferentes das dos alunos brasileiros. Essa situação desencadeou algum tipo de julgamento sobre o impacto inicial ao contatar com a língua, pronúncia ou a linguagem do outro.

O intercâmbio linguístico ocasionado pelo primeiro contato entre grupos diferentes pode desencadear julgamentos diferentes em cada participante, isso porque cada sujeito experimenta ou sente as situações de acordo com o conhecimento de mundo que tem. Por isso os dados dispostos no gráfico já mencionado trazem julgamentos diferentes, já que 30% dos participantes escolheram para tradução dessa primeira experiência a palavra compreensível. Tal escolha mostra que o impacto linguístico foi positivo e a interação verbal, num primeiro momento, bem sucedida.

No entanto, a mesma experiência não foi igual aos demais participantes, uma vez que 60% das respostas dizem respeito a julgamentos negativos e estes são representados pelas palavras: incompreensível, sotaque difícil e complicado. Essas palavras representam a

insatisfação dos alunos brasileiros em relação à interação verbal durante o contato com o PE, num primeiro momento. Essa insatisfação se justifica na questão de que as duas variedades pertencem a culturas diferentes e, por isso, é natural a ocorrência do estranhamento linguístico durante situações de contatos, inicialmente.

Ademais, naturalmente ao pertencer a determinada variedade, aprendemos a identificar quem de fato pertence ao grupo que nos é comum, bem como aqueles que não partilham da nossa variedade. Como bem reitera Fiorin (2013), o uso de uma determinada variedade marca a inclusão do sujeito em um determinado grupo social, pois a identidade linguística desse indivíduo deve-se também ao uso dessa ou daquela variedade.

As palavras incompreensível, complicado e sotaque difícil refletem a situação de conflito linguístico proveniente da interação verbal entre o grupo brasileiro e o PE, uma vez que ‘incompreensível’ significa que não houve possibilidade de entendimento linguístico, já a palavra ‘complicado’ está relacionada a uma situação de confusão linguística e a terceira evidencia uma certa dificuldade no uso do PE. A ocorrência dessas duas palavras evidenciou que as experiências não são homogêneas, ou seja, podem os sujeitos experimentar situações idênticas, mas sua percepção sobre elas nem sempre são as mesmas.

Em relação aos julgamentos positivos, 30% das respostas dizem respeito à opção ‘compreensível’. A escolha dessa opção corresponde a uma situação interacional em que o contato linguístico não foi prejudicado pela diferença ou pertença a diferentes variedades, apesar da escolha pela palavra compreensível é literalmente dizer que o PE foi entendido com facilidade, inicialmente, pelos participantes representados pelo quantitativo mencionado acima.

Outro fato evidenciado no gráfico apresentado diz respeito à pronúncia do PE, pois segundo 20% dos participantes, a pronúncia do PE é difícil. Tal ocorrência se justifica na existência das diferenças linguísticas do PE em relação ao PB e ainda por existirem diferenças linguísticas internas também no PE, o que é comum em qualquer variedade. Esse quantitativo é significativo, pois os relatos dos participantes representam experiências diferentes e perspectivas heterogêneas em relação à visão dos alunos brasileiros sobre o PE.

Outrossim, no gráfico 1, percebemos que, embora a maioria dos participantes tenha experienciado uma situação de contato inicialmente negativa, houve convergência entre as demais experiências dos outros participantes, que resultaram em julgamentos positivos. Tal análise prova que o modo de ver, encarar ou observar o outro é sempre heterogênea, de modo

que a experiência se concretize de maneira diferenciada, pois, como já dissemos, cada pessoa experiência o mundo e as situações de acordo com sua cultura e com o modo como interpreta a mesma.

Portanto, superficialmente, o gráfico apresenta um quantitativo de 39% dos julgamentos, feitos pelos alunos brasileiros ao PE como positivos. Aparentemente, há uma sobreposição do sucesso interacional desenvolvido durante o intercâmbio linguístico entre brasileiros e portugueses, mas é nítido que os julgamentos negativos influenciaram fortemente a interação verbal de 60% dos participantes da pesquisa. Este dado provoca a sobreposição dos julgamentos negativos que nomearam a experiência dos mesmos na situação de intercâmbio. Contudo, a experiência do grupo em contato é heterogeneamente marcada pelo grau de conhecimento que tem cada participante sobre o grupo de recepção. Embora ambos os grupos pertençam ao grupo de falantes da LP, constituíram-se em espaços diferentes que os tornaram partes de grupos linguisticamente diferenciáveis.

Assim, ao se concretizar a interação, parte-se ao processo de diferenciação das culturas linguísticas para que os recém-chegados sejam incluídos ou não no espaço alheio. Quando a interação verbal é positiva, o processo de diferenciação permite ao sujeito a sua integração pacífica no interior do grupo receptivo. No caso dos participantes que consideraram linguisticamente compreensível ou como sotaque bom o primeiro contato linguístico com os portugueses, muito provavelmente se integraram ao grupo português pacificamente, tentando adaptar a cultura de origem à partilhada no seio do grupo receptivo.

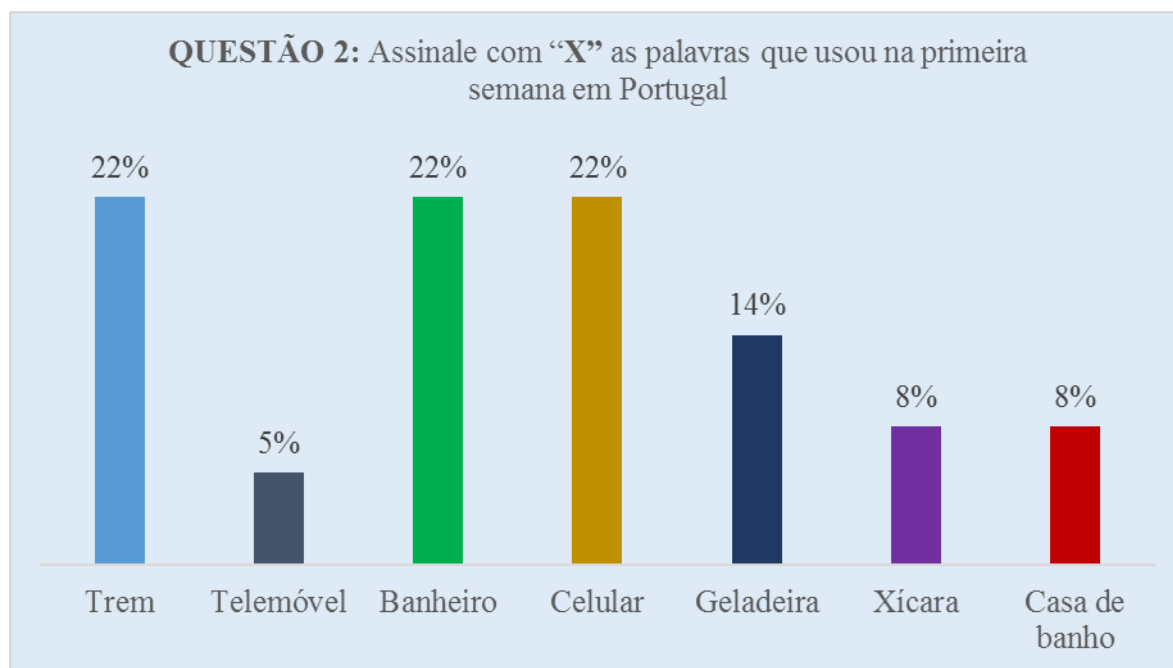
Mas, se a interação verbal não for positivamente efetivada, o processo de diferenciação permite ao sujeito integrar-se ao grupo receptivo coercitivamente, pois a estranheza inicial traz certas dificuldades relacionais e, por isso, a escolha das palavras que compõem o léxico alheio é fundamental para traduzir o interesse do sujeito ao grupo acolhedor. Quando o grau de conhecimento do léxico deste último é reduzido, o recém-chegado acaba por buscar palavras do conjunto lexical de sua origem.

Quando o contato vai se intensificando, os membros do grupo recém-chegado acaba fortalecendo o contato com o léxico do PE, de modo a introduzi-lo pouco a pouco em seu cotidiano. Contudo, em situações de intercâmbio, é inevitável ao falante o uso do léxico da variedade de uso do grupo de recepção, uma vez que a interação depende da disponibilidade linguística das partes envolvidas na situação de contato. Isso quer dizer que em situações de interação verbal, é natural o uso do novo léxico como possibilidade de inclusão, já que o

sujeito recém-chegado tende a se familiarizar com o léxico do novo grupo para conviver linguisticamente de modo harmônico e compreensível com o novo grupo, ainda que essa convivência seja por um período determinado. Importa ressaltar que a tentativa de familiarização com o novo léxico é importante, até mesmo para facilitar a compreensão no momento do diálogo, pois muitos conflitos linguísticos são sanados com o conhecimento prévio, por parte do recém-chegado, do novo conjunto lexical.

No gráfico que se segue, são apresentados os resultados quantitativos das palavras do contexto do PB e do PE que supomos terem ocorridos com maior frequência dentre as sugeridas, no primeiro contato dos alunos brasileiros com o PE em espaço português.

Gráfico 2 - Palavras dos contextos do PE e do PB usadas, pelos participantes, na primeira semana de contato com o PE.



Fonte: Elaboração própria.

Repare que as palavras **trem**, **banheiro** e **celular** compõem o léxico do PB e são apresentadas no gráfico como quantitativo mais significativo entre as preferências de uso durante a interação verbal, quando do intercâmbio linguístico. Essas mesmas palavras foram utilizadas pelos alunos brasileiros em contexto do PE, sendo que seus respectivos correspondentes **comboio**, **casa de banho** e **telemóvel**, no PE, foram usados com menor ocorrência. A palavra telemóvel ocorreu em 5% das respostas, ou seja, quantitativamente essa

frequência é bem inferior às demais palavras apresentadas como opção nas respostas dos alunos brasileiros. Ainda sobre o baixo índice de uso das palavras apresentadas no gráfico 2, podemos dizer que as palavras **xícara** e **casa de banho** ocupam quantitativamente 16% das palavras mais usadas no contexto do PE. E por fim, a palavra **geladeira** foi a preferência de 14% das respostas. Esse quantitativo é o que mais se aproxima das três palavras, mencionadas acima, como as mais utilizadas pelos alunos brasileiros em contexto do PE.

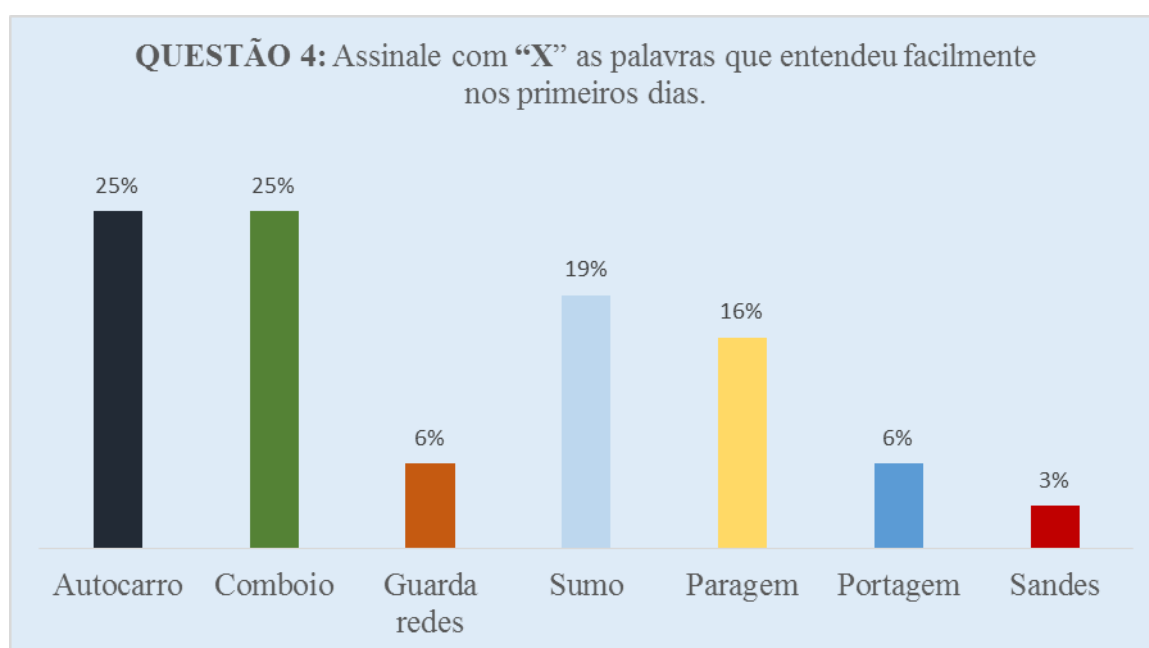
Em relação à análise do gráfico 2, observamos que os dados apresentados demonstram que os alunos brasileiros priorizaram o léxico do PB, sendo que 88% das palavras apresentadas no gráfico foram usadas por eles durante o intercâmbio linguístico e fazem parte da realidade do PB. Essa predominância pode ser explicada na ideia de que o léxico é constituído como saber linguístico, conhecido e partilhado por determinado grupo sociolinguístico (OLIVEIRA, 2006).

Essa situação é provocada pelo processo de diferenciação dos grupos e pela conveniência linguística que emerge da situação de contato. Isso quer dizer que o baixo índice do uso do léxico do PE é devido à tentativa de reduzir o conflito linguístico, por parte dos alunos brasileiros. Em outras palavras, o conhecimento prévio do léxico das variedades dos participantes em contato inibe o desenvolvimento de conflitos linguísticos. Então, quando o sujeito recorre ao léxico da variedade do outro pode ser uma tentativa de facilitar a interação verbal, sem a menor pretensão de abandono do léxico da variedade de origem, visto que a cultura linguística se impõe ao usuário. Se o sujeito se encontra em contato com o grupo de acolhimento, naturalmente busca recursos linguísticos para facilitar a interação verbal, ainda que não haja intenção de abandono do léxico da variedade de origem. Daí a justificativa para a predominância do léxico do PB e o baixo índice do uso do léxico do PE.

Portanto, o fato de a ocorrência maior centrar-se em palavras que compõem o léxico brasileiro não descarta o uso de palavras que compõem o conjunto lexical português como atitude que visa à adaptação do grupo de origem brasileira ao de origem portuguesa, já que o sujeito, quando inserido em contexto alheio, tende ou não a se adequar aos moldes culturais e linguísticos deste novo espaço. Nesse caso, os alunos brasileiros buscaram mais o léxico do PB que do PE, apesar deles estarem inseridos no contexto do PE. Isso não descarta a possibilidade de tentativas de soluções de conflitos linguísticos, provenientes das diferenças subjacentes entre as duas variedades, ainda que a interação verbal seja num período determinado, como foi o vivido pelos participantes desta pesquisa.

No próximo gráfico, predomina a exposição de algumas palavras que não ofereceram estranheza aos brasileiros, ou melhor, foram entendidas facilmente no momento do intercâmbio linguístico, como **autocarro** e **comboio** ocuparam o topo das palavras preferidas, no que diz respeito à facilidade de compreensão linguística. Veja que são palavras do léxico do PE e que não fazem parte do conjunto lexical brasileiro, mas essa diferença não impediu a compreensão das mesmas no contexto português. Provavelmente, isso se justifica pela associação da palavra com o objeto ao qual se refere, ou mesmo pelas situações diárias que incluem o uso dos veículos nomeados pelas palavras **autocarro** (ônibus) e **comboio** (trem ou metrô). Esses veículos são os mais acessíveis financeiramente, que possibilitam a locomoção de um recém-chegado as várias cidades compõem o país. Vejamos:

Gráfico 3 - Palavras do PE que foram entendidas com facilidade.



Fonte: Elaboração própria.

As palavras **guarda-redes**¹² e **portagem**¹³ fazem parte de 12% das respostas dadas pelos inquiridos. Essas escolhas podem ser explicadas pelo fato de que essas **palavras** requerem situações específicas para ocorrerem, o que não nos parece ocorrerem com frequência no cotidiano, a menos que os interlocutores estejam inseridos em circunstâncias

¹² Se refere a pessoa que, no mundo do futebol, atua como goleiro.

¹³ Diz respeito a praça de pedágio.

diárias e específicas que dizem respeito ao contexto de futebol/ esporte ou viagens de carro. Embora a palavra **sandes** faça parte de opções de lanches diários, as ocorrências mostradas no gráfico 3 mostram não ter sido fácil aos entrevistados identificar o seu significado num primeiro momento; apenas 3% dos inquiridos disseram entendê-la com facilidade. Já as palavras **sumo** e **paragem** se encontram quantitativamente num ponto intermediário em relação ao entendimento linguístico do PE, pois 35% das respostas correspondem a elas. Esta última depende da existência de um **autocarro** para ser referenciado, pois o **autocarro** possui pontos específicos, **paragem**, onde se apanham e deixam pessoas. Isso quer dizer que no contexto do PB **autocarro** significa ônibus e, a última **ponto de coletivo** ou **parada**. Outrossim, as palavras **autocarro** e **comboio** quantificam um total de 50% das escolhas dos participantes e, por isso, foram as preferidas no quesito de fácil compreensão.

A visão de mundo que tem um falante brasileiro diz muito sobre o modo como interpreta o outro com o qual se contata, uma vez que linguisticamente o grupo brasileiro se constituiu através de uma variedade da LP moldada em espaço não europeu. Nesse caso, o contato entre brasileiros e portugueses em contexto lusitano exige a superação dos problemas diários provocados pela situação de intercâmbio, o que permite a identificação dos aspectos que mais dificultam à sua adaptação linguística ao grupo linguístico de recepção, por parte dos recém-chegados.

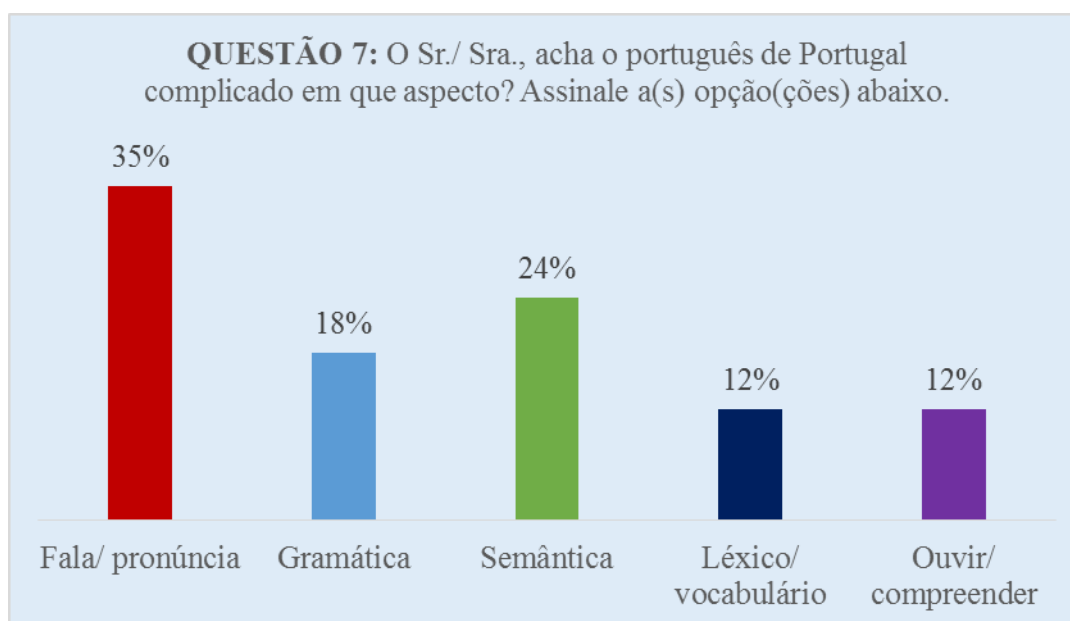
Contudo, os resultados informados no gráfico 3 reforçam a ideia de que o léxico de uma variedade só se torna significativo a determinada comunidade quando está intimamente relacionado à realidade linguística e cultural dessa variedade, se pensarmos que cada palavra possui sentidos respectivos à realidade dos seus usuários. No entanto, é no interior da comunidade linguística que o léxico representa cada elemento que a compõe, até porque como disse Antunes (2012), o léxico faz parte de um amplo repertório de palavras que integra a língua ou a variedade à disposição dos membros de uma determinada comunidade. Esse conjunto lexical serve à comunidade, atendendo-a em suas necessidades comunicacionais.

Assim, as variedades são reflexos das comunidades que as usam, por isso, falar em PB, PE ou de qualquer outra variedade da LP, é, inevitavelmente, fazer uma releitura das infinitas maneiras de interpretação da realidade pelo homem. Daí serem tão caras a este estudo as experiências dos alunos brasileiros, enquanto relatos embasados na situação de contato entre eles e o PE. Seguindo o raciocínio de Perini (2004) a língua de fato é um retrato

do mundo que revela algo sobre a própria mente do homem. É, na verdade, um reflexo da realidade que circunda o sujeito no meio social sob o ponto de vista dele mesmo.

Dando continuidade à análise proposta nesta seção, no gráfico 4 são apresentados os aspectos linguísticos que pareceram aos alunos brasileiros serem os mais complicados, no que diz respeito ao PE. Esses dados são interessantes porque evidenciam a ocorrência do fenômeno da variação linguística em relação à variedade portuguesa. Os dados apresentados no gráfico mostram uma visão geral e ampla da variação observada na comparação entre aspectos do PB em relação ao PE, esses dados estão de acordo com os resultados desta pesquisa. Então, lancemos um olhar atento sobre o gráfico a seguir.

Gráfico 4 - Aspectos linguísticos do PE que soaram como sendo os mais complicados.



Fonte: Elaboração própria.

Com a análise do gráfico 4, percebemos que o aspecto linguístico fala/pronúncia foi considerado pelos participantes da pesquisa como sendo o mais complicado no momento do contato de falantes do PB e com o PE. Esse aspecto ocupa a posição de preferência com 35% das escolhas, sendo que essas dizem muito sobre a visão ou impressão que tiveram os alunos brasileiros em relação ao PE. O aspecto semântico foi o segundo preferido, com 24%, considerado um dos mais difíceis aspectos linguísticos do PE. Esses dois quantitativos evidenciam que os fenômenos fonéticos e semânticos são os que mais variaram, na visão dos inquiridos. Isso se justifica na ideia de que a língua, as variedades e o léxico representam a cor

e o gosto do local onde atuam ou são empregados (ANTUNES, 2012), ou seja, os sentidos que as palavras adquiriram ou a elas foram concedidas só é pertinente à comunidade se estiver ligado à realidade da comunidade em si.

Se as mesmas palavras são empregadas em países diferentes, tendem a representar cada um de modo muito peculiar, por exemplo: **banheiro** no Brasil e à **banheiro** em Portugal, no primeiro, significa local apropriado para necessidades fisiológicas e higiene pessoal e, no segundo, seria o mesmo que “salva vidas de praia”. Esses exemplos evidenciam o fenômeno da variação semântica entre as duas variedades. O aspecto gramática ocupa o terceiro lugar, com 18%, já os aspectos léxico/vocabulário e ouvir/compreensão foram as opções escolhidas por 12% dos participantes como aspectos linguísticos do PE que soaram mais complicados.

A variação linguística é uma ocorrência muito natural entre as variedades de uma mesma língua, pois o processo de diferenciação de uma comunidade linguística em relação a outra é perceptível e aceitável, até porque a diferença é fundamental ao significado (HALL, 2011). Afirmações como essas corroboram com a análise que temos feito até agora, porquanto são evidentes as diferenças que permeiam uma situação de intercâmbio. Além do mais, a LP coexiste em culturas diferentes e em espaços geograficamente distantes. Tal fato consegue explicar a necessidade de adequação do sistema linguístico as necessidades dos seus usuários. Certo é que em todas as comunidades linguísticas existem necessidades comunicacionais, mas a cultura local, os valores e as crenças fazem toda a diferença no momento de uso desta ou daquela variedade. São essas diferenças linguísticas que fazem às variedades serem especiais as comunidades respectivas.

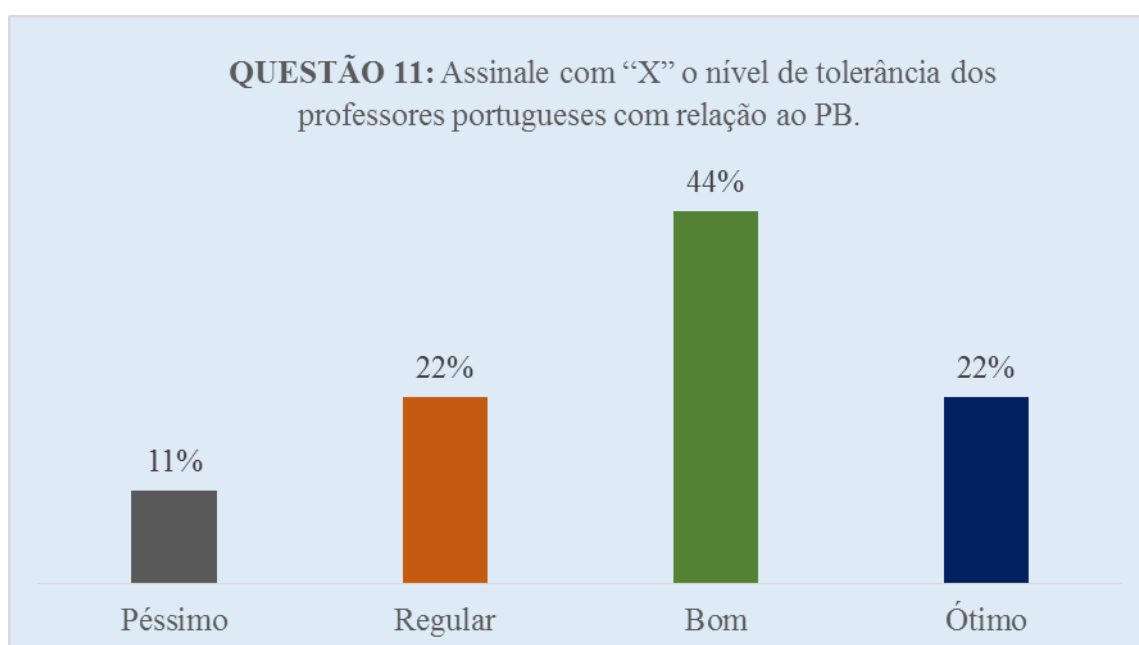
Outrossim, a língua é um instrumento de comunicação que permite ao sujeito se representar e apresentar-se ao mundo por meio da interação verbal, se pensarmos que é através dela que o homem se locomove linguisticamente no meio social, caso contrário a vida social seria um caos total. Desta forma, é fácil entendermos que a língua é parte da cultura de um povo, está nele e dentro dele e, por isso, é ela o ambiente social que circunda o homem dentro de uma comunidade específica (BAGNO, 2014).

Sob essa perspectiva, os resultados apresentados no gráfico 4 evidenciam a existência da LP em diferentes culturas e espaços geográficos diferentes, uma vez que, ao falarmos em PB e PE, estamos falando de uma LP adaptada, que significa a realidade aos membros dessas comunidades de acordo com o meio que as circunda. E, por isso, é tão perceptível a variação ou as diferenças linguísticas do PE pelos alunos brasileiros. Ainda que o sujeito não tenha

noção das razões que justificam a variação linguística, ou melhor, a ocorrência de fenômenos linguísticos que diferenciam uma variedade da outra, conseguem identificar essas diferenças.

Portanto, as diferenças são essenciais sim, mas muitas vezes despertam um certo nível de (in)tolerância do grupo receptivo para com o grupo recém-chegado. Nesse sentido, o gráfico abaixo traz uma mensuração do nível de tolerância dos portugueses, professores, em relação ao PB, uma vez que os representantes do grupo brasileiro passaram boa parte do tempo em alguma das universidades portuguesas. Vejamos:

Gráfico 5 - Avaliações dos alunos brasileiros em relação à tolerância dos professores portugueses sobre o PB.



Fonte: Elaboração própria.

Sabemos que a situação comunicativa exige adequação linguística, isto é, o meio acadêmico pressupõe que a comunicação seja formalmente adequada. Mas, quando essa situação ocorre fora do contexto de origem do recém-chegado, é evidente o nível de tolerância dos membros do grupo acadêmico receptivo em relação à variedade do recém-chegado, ao passo que os gestos de acolhida dizem muito sobre a tolerância para com a cultura linguística do diferente.

O gráfico 5 nos mostra que 44% dos entrevistados mensuram o nível de tolerância dos professores portugueses como bom, 22% como ótimo e 22% como regular, o que demonstra

que houve uma relação relativamente boa entre professores portugueses e alunos brasileiros. Não podemos ignorar que cada pessoa vive as mesmas experiências de modos diferentes e, por isso, 11% dos participantes julgaram o nível de tolerância dos professores portugueses em relação ao PB como sendo péssimo. Esse quantitativo reforça a ideia que temos dito ao longo desta seção, a de que os indivíduos inseridos num mesmo contexto ou situação tendem a experienciá-los de maneiras diferentes. Nem sempre o que é bom para um é para outro.

Ademais, com a análise dos dados, percebemos que nem todos os alunos brasileiros tiveram a sorte de compartilharem a mesma experiência, uma vez que, em situações de intercâmbio, existem vários fatores que podem ter influenciado o grau de tolerância ou aceitação do PB pelos professores portugueses, no meio acadêmico. O fato dos alunos brasileiros não terem vivido numa mesma cidade portuguesa, a própria condição de aluno e até mesmo a aceitação da existência de variedades de uma mesma língua por esses professores são exemplos de fatores que podem ter influenciado a aceitação ou não do uso do PB no meio acadêmico. Com isso, se percebe a existência de uma certa imposição linguística, seja para manter a condição professor/aluno ou para impor a cultura linguística da variedade do novo grupo.

Em relação aos dados da pesquisa, a avaliação feita pelos participantes desta pesquisa foi relativamente positiva, pois se observarmos bem o gráfico 5, notamos que o quantitativo positivo soma um total de 88%, ainda que não se possa desprezar os 11% que correspondem a avaliações negativas. Desta forma, podemos pensar também que o contato entre grupos de diferentes variedades em espaço de uma dessas variedades acaba condicionando o desenvolvimento de conflitos linguísticos e até mesmo a exclusão do recém-chegado. Isso quer dizer que em situações de contato é possível a ocorrência de circunstâncias que tanto podem incluir o recém-chegado, como podem excluí-lo.

Nesse caso, os alunos brasileiros que fizeram uma avaliação positiva provavelmente não se sentiram excluídos do grupo dos portugueses, no que diz respeito à aceitação do PB pelos professores portugueses, até porque recriminar a língua(gem) do sujeito é rejeitar a própria identidade dele. Contudo, os participantes que fizeram uma avaliação negativa, certamente, sentiram a sua própria identidade linguística atingida, uma vez que, as experiências do intercâmbio não foram as mesmas para todos os alunos. Portanto, em uma única comunidade linguística é possível que o modo como os falantes vivem as circunstâncias

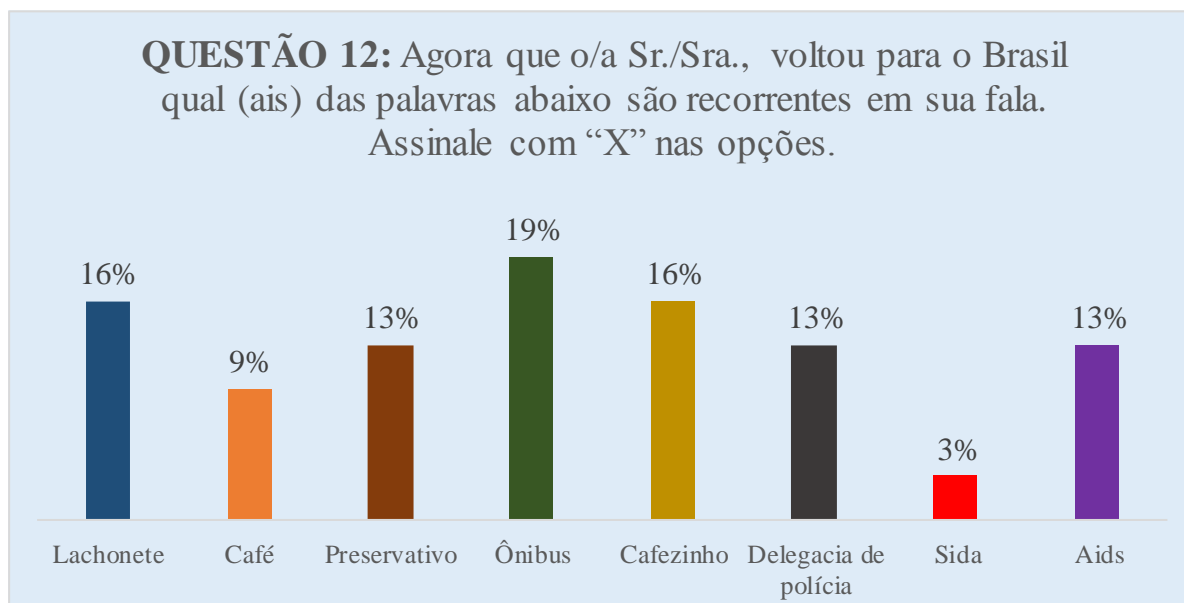
no interior dessa comunidade seja variável, ou seja, essa experiência depende muito do modo como são enfrentadas as situações por cada indivíduo.

Em situações de contato, é natural que ocorram algumas interferências linguísticas em ambos os grupos em contato. Isso quer dizer que quando os sujeitos de variedades diferentes entram em contato, muitas vezes, sofrem influências linguísticas, ou seja, acabam introduzindo alguns aspectos linguísticos da outra variedade na própria fala. Isso ocorre devido às circunstâncias evidenciadas durante o contato. Assim, o uso da língua através de uma determinada variedade, quando em contato com outra, proporciona a inferência de marcas linguísticas novas no léxico, na pronúncia de origem. No léxico, essas influências são claramente perceptíveis, uma vez que a introdução de palavras que correspondem à realidade de outra variedade passa a coexistir com as palavras que constituem o conjunto lexical de origem.

No entanto, essas influências nem sempre são intensas, ou seja, podem ocorrer em grau menor em casos em que haja alguma resistência do sujeito em relação à nova variedade, ou quando o contato tenha ocorrido em um período curto. Sob essa perspectiva, vejamos como se deu a inferência de marcas novas no léxico de falantes do PB, após retorno dos alunos brasileiros ao Brasil. No gráfico 6, são mostradas as palavras que, segundo os participantes, são recorrentes na oralidade dos alunos brasileiros após retorno ao Brasil. Algumas das palavras apresentadas fazem parte da realidade do PE, **sida**¹⁴ e **café**¹⁵, e as outras pertencem ao léxico do PB.

¹⁴ Acrônimo de Síndrome de Imunodeficiência Adquirida. No Brasil, o mesmo nome é conhecido como AIDS, proveniente do inglês, *Acquired Immunodeficiency Syndrome*. É importante acrescentar que estes acrônimos deixaram de ser como tais e passaram a ser concebidos como palavras. O mesmo acontece com **radar** e **ipod** e outras palavras pelo processo da acronização.

¹⁵ Se refere a cafeteria, local onde vende não só a bebida café como outras bebidas e lanches.

Gráfico 6 - Manutenção do léxico brasileiros após intercâmbio.

Fonte: Elaboração própria.

A palavra **sida** constitui a oralidade de 3% dos participantes e é uma palavra comum à realidade do PE, tendo como referente o mesmo significado pela palavra **aids**, usada no Brasil. Outra palavra de contexto do PE é **café** que é usada no Brasil pelos alunos brasileiros. Esta palavra foi alvo de escolha por 9% dos participantes. Essas duas palavras são exemplos de influências lexicais decorrentes do contato entre alunos brasileiros e o PE, embora não se possa falar em ocorrências lexicais que transformaram o léxico brasileiro, mas sim em interfências lexicais advindas do PE. Desta feita, os usos do léxico português no contexto brasileiro, de acordo com a pesquisa, somam um total de 12%. Esse quantitativo é significativo ao teor desta pesquisa, porque prova que é possível a ocorrência de marcas novas na variedade de origem em situações de contato, mesmo quando o sujeito não deseja abandoná-la

Todavia, as palavras que constituem o conjunto lexical brasileiro foram mantidas em quase 100% dos participantes, somando um quantitativo total de 88%. Dessa forma, a preferência por palavras que constituem o léxico brasileiro, em uso no contexto brasileiro, após o retorno dos inquiridos ao Brasil, é devido à real intenção de manutenção da variedade de origem que se justifica por razões linguísticas impostas pela própria variedade de origem.

Em outras palavras, os resultados apresentados no gráfico 6 mostram a capacidade coercitiva da variedade brasileira, uma vez que os brasileiros se adaptaram ao PE, mas não se

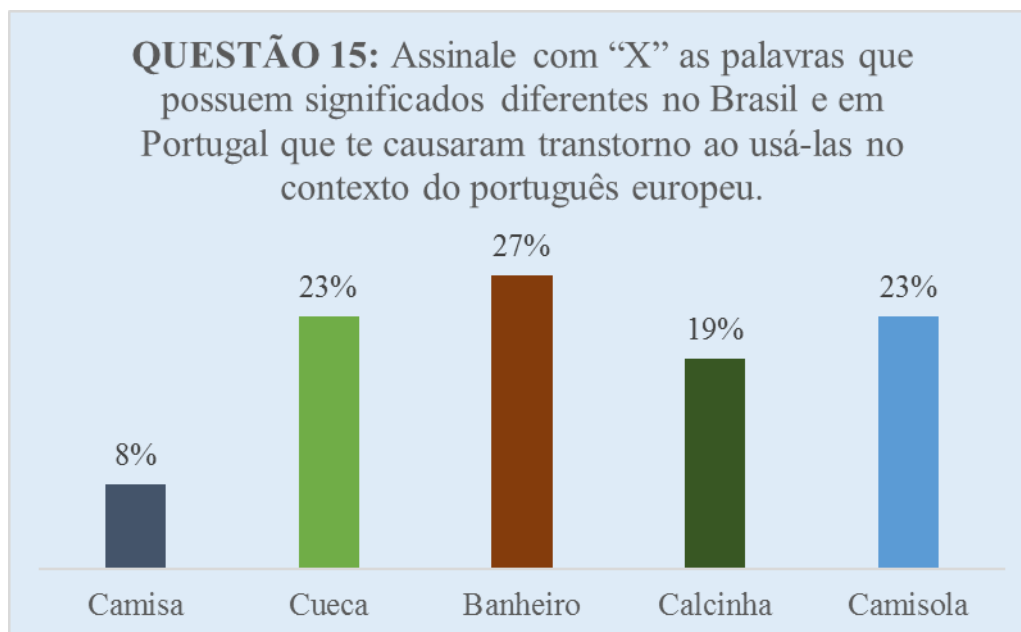
desvencilharam do PB, sua variedade de origem. Tudo isso para dizer que “a língua materna de cada indivíduo contribui poderosamente para ele se reconhecer a si próprio e para ser conhecido pelo outro” (MATEUS, 2001, p. 20). Isso prova a coercitividade do léxico do PB ter sido e continuar sendo muito forte na oralidade dos alunos brasileiros, já que o PB contribuiu para que esses alunos se reconheçam em si mesmos e fossem reconhecidos pelo diferente, neste caso pelos portugueses.

Portanto, o processo de manutenção da variedade de origem se dá não só pelo simples fato de o indivíduo pertencer a ela, mas também pelo uso que faz dessa mesma variedade (MATEUS, 2001, p. 20), pois o PB é particularmente o modo como determinada comunidade usa a LP.

No entanto, o uso dessa variedade em contexto europeu implica situações, muitas vezes, desagradáveis. Isso porque o estranhamento e o pouco conhecimento da variedade do outro provoca a rejeição ou o mal entendido e este é condicionado pelos usos de uma mesma palavra para significar referentes diferentes em realidades distintas, ou, palavras diferentes que se referem a objetos ou coisas diferentes.

Dessa maneira, o contato de brasileiros com o PE, em contexto europeu não isentou os participantes de experienciarem alguma situação constrangedora, sobretudo no que diz respeito à variação lexical. A título de exemplo, o gráfico 7 apresenta algumas palavras usadas em contextos português e brasileiro que causaram algum transtorno ao serem usadas, pelos alunos brasileiros, no contexto do PE. Uma das razões que aventaram essa situação de transtorno foi o fato de uma mesma palavra ter significados diferentes nos dois países. Observemos os dados apresentados no gráfico 7.

Gráfico 7 - Palavras com significados diferentes no PB e PE que causaram transtorno no contexto do PE.



Fonte: Elaboração própria.

A palavra **banheiro** foi a que mais causou transtorno aos inquiridos, segundo seus relatos, ao usá-la no contexto do PE. Com 27%, a palavra **banheiro** lidera o quantitativo apresentado no gráfico 7, a sua predominância diz respeito ao significado que possui nos contextos das suas respectivas variedades, pois no PB essa palavra significa o local público ou privado usado para necessidades fisiológicas e/ou higiene pessoal. No contexto do PE, essa mesma palavra é usada para referenciar a pessoa que faz a vigilância das praias. Então, se observamos os sentidos da palavra **banheiro** nas realidades respectivas as variedades portuguesa e brasileira, vamos perceber que são significados bem distintos e que não possuem nenhuma relação óbvia que evidencie alguma distinção clara aos usuários de cada variedade, quando a ouve fora do contexto de origem. Certamente, o uso dessa palavra em contexto alheio ao que o atribuiu determinado significado implica algum conflito linguístico, se entendermos que em ambos os grupos a predominância é a do significado de ordem comum a cada uma em específico.

As palavras **camisa** 8%¹⁶, **camisola** 23% e **calcinha** 19% estão entre as palavras que de algum modo causaram transtorno por terem significados distintos no PE. A palavra *camisa* pode significar, no PE, um vestuário feminino utilizado para dormir; já *camisola* diz respeito a um vestuário interior que cobre o tronco e/ou os braços, com ou sem mangas, ou, pode ser entendida como uniforme de jogador de futebol e; a palavra *calcinha* é um vestuário feminino usado como peça íntima, que, no PE, é conhecida como cueca. Essa última que no Brasil é usada para nomear o vestuário íntimo masculino e não peça íntima feminina, foi a segunda palavra que mais causou transtorno em 23% dos participantes.

Portanto, os dados analisados no gráfico 7 demonstram que as diferenças linguísticas entre as variedades brasileira e portuguesa são evidentes, ainda mais quando se trata de variação lexical e semântica, como é o caso dos exemplos analisados. É por isso que a situação de contato entre os grupos respectivos a essas variedades e o não conhecimento de seu léxico, pelos participantes, foram fatores importantes que condicionaram os conflitos linguísticos durante o contato, visto que ao usar uma palavra com significados diferentes em realidades distintas e/ou fazer referência a um objeto usado, uma palavra não conhecida na realidade do contexto no qual se insere o recém-chegado é um transtorno linguístico que pode mexer com a identidade linguística do mesmo. Mas isso não quer dizer que esses conflitos não são passíveis de resolução, uma vez que, aos poucos, o recém-chegado vai se inteirando da realidade linguística do novo grupo.

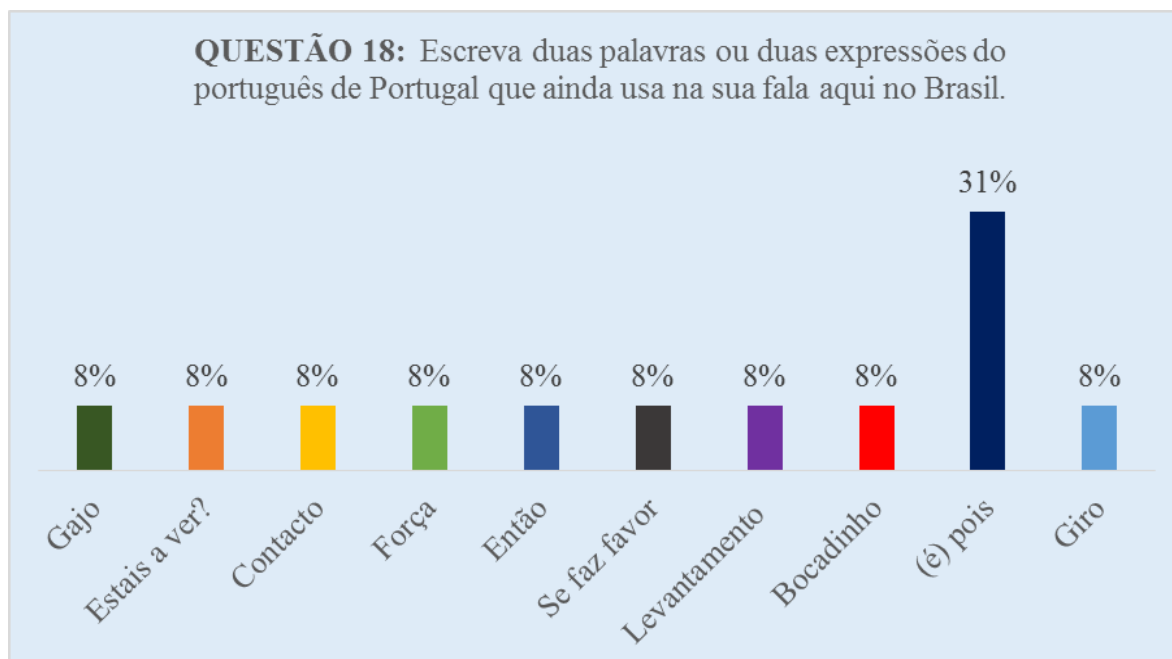
Contudo, as influências linguísticas são resultado de uma imposição permitida pela LP na constituição de cada variedade em determinado contexto. Assim a língua resulta da interação entre as comunidades linguísticas em contato (SIQUEIRA, 2015). Sendo assim, não poderia o léxico de duas ou mais variedades em contato se manter intacto após um processo de interação, que, nesse caso, se deu mediante o contato entre alunos brasileiros e o PE em Portugal.

No gráfico 8, são apresentadas as expressões ou palavras de uso corrente em Portugal que foram introduzidas na fala dos alunos brasileiros após o seu retorno ao Brasil. Tudo isso mostra que o fato de existirem, na fala dos participantes, palavras ou expressões que fazem parte do PE influenciou, de algum modo, o falar desses alunos brasileiros; tal influência é

¹⁶ A palavra *camisa* corresponde a menor frequência em relação às outras palavras. Essa frequência mostra que o uso dessa palavra foi o que causou menos transtorno aos participantes.

perfeitamente compreensível, uma vez que a adaptação linguística exige uma relação linguística de troca.

Gráfico 8 - Palavras e/ou expressões portuguesas de uso frequente no PB.



Fonte: Elaboração própria.

No gráfico apresentado, é a expressão **(é) pois** que lidera o maior número de preferências dos participantes, foi escolhida por 31% dos alunos brasileiros como sendo a expressão do PE que é, ainda, usada no Brasil por eles. Essa expressão é usada, no contexto do PE, em situações em que se deseja confirmar algo que já foi dito e o seu uso no Brasil, pelos participantes, se dá pelo mesmo motivo, se entendermos que a introdução da expressão já mencionada na oralidade desses alunos não deixa de ser uma transplantação de aspectos linguísticos do PE para o PB, ainda que esses resultados se baseiem em respostas fornecidas pelos participantes da pesquisa.

As demais palavras e expressões apresentadas no gráfico 8 são usadas por alguns desses alunos e somam um quantitativo de mais ou menos 70% do quantitativo total. O fato de essas palavras e expressões apresentarem uma frequência de 8% dos participantes deve-se à questão de que os correspondentes no PB foram de fato mantidas, ou seja, os falantes do PB privilegiaram o uso do léxico do PB. Outro fato interessante é que a expressão **(é) pois** é

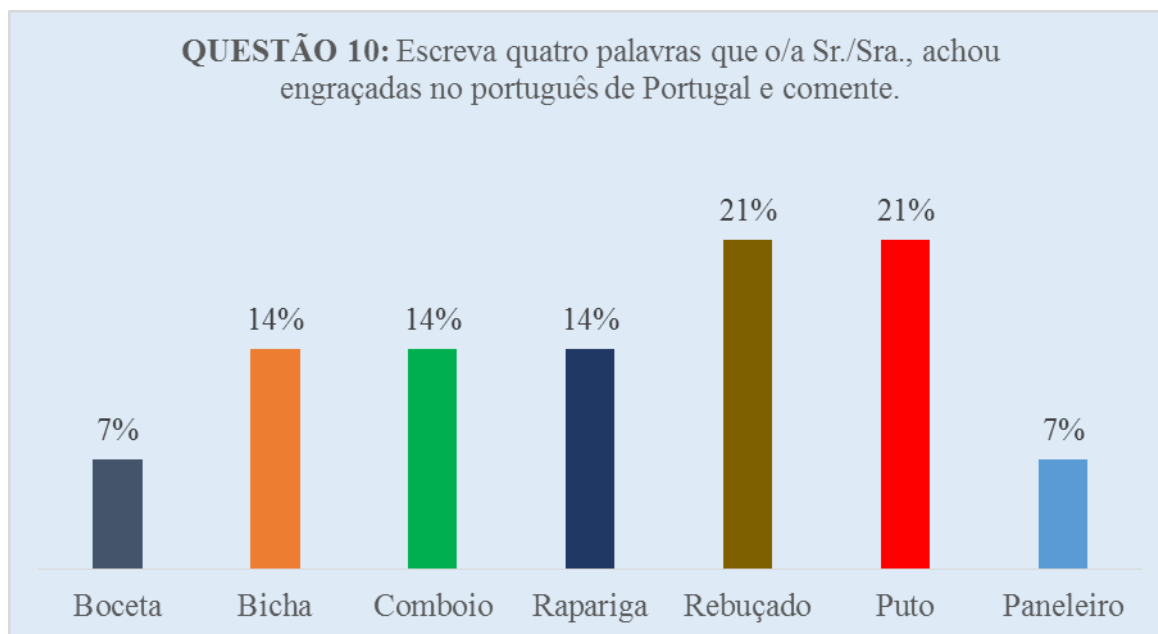
facilmente compreendida entre os falantes brasileiros, caso seja dita entre pessoas que nunca estiveram em contato com o PE, mas as demais palavras e expressões não parecem ser tão fácil de compreender fora do contexto de origem.

Por exemplo, a palavra **levantamento**, no contexto do PE, significa o ato de retirar dinheiro no banco ou caixa eletrônico, enquanto que no Brasil levantamento é entendido como a ação de se levantar ou listagem de algo, coleta de dado. Outro exemplo interessante é a palavra **giro** que, no contexto do PB, significa o ato de girar-se ou a ação verbal girar, já no PE essa mesma palavra é entendida com sentido de bonito, belo ou algo passível de admiração. Nesse caso, além de uma diferença de significado, há, também, diferença de categoria gramatical: verbo (PB) e adjetivo (PE).

Portanto, os usos de palavras ou expressões de ordem portuguesa passaram a integralizar a oralidade dos alunos brasileiros por questões de conveniência, apesar de ser uma frequência tão baixa, uma vez que, no PB, existem correspondentes que suprem as necessidades comunicacionais desses alunos no Brasil. Dessa forma, a baixa quantidade de palavras ou expressões portuguesas que foram integradas à oralidade dos participantes se justifica na ideia de que esses alunos têm como língua materna a LP falada no Brasil, ou seja, o PB, e, por isso, a tendência maior é o uso do léxico de que dispõe o sistema no contexto brasileiro.

Dando continuidade à análise dos dados, vamos observar no gráfico 9 quais foram as palavras escolhidas pelos participantes como sendo as mais engraçadas, devido ao significados inversos nos contextos do PB e do PE.

Gráfico 9 - Palavras de uso comum no PE e no PB escolhidas, pelos participantes, como as mais engraçadas pelo uso no PE.



Fonte: Elaboração própria.

A significação é resultado do processo de categorização, podendo ser vista, segundo Perini (2004, p. 45), como “ato de reunir objetos que são estritamente falados diferentes num mesmo grupo, para efeitos de referência”. Isso porque as comunidades linguísticas atribuem significados às palavras, relacionando-os ao objeto ou à coisa significada, de acordo com a cultura respectiva a cada comunidade. Essa significação depende, sobretudo, do contexto cultural e linguístico que o engendra, como por exemplo as palavras **bicha, puto, rapariga, rebuçado, boceta, paneleiro e comboio**.

Chamamos a atenção para os significados dessas palavras no PB e no PE, porque estas são utilizadas nas duas variedades da LP e possuem significados diferentes nas duas variedades. Então, essas palavras são exemplos de formas de categorização diferentes que correspondem às expectativas linguísticas dos falantes das variedades brasileira e portuguesa, nesse caso as palavras em causa são usadas em conjuntos lexicais de duas variedades da LP e por isso o processo de categorização representa o espaço de origem da efetivação desse processo.

Assim, para significar o mesmo referente nas duas variedades, temos as palavras **bicha**: homossexual¹⁷ (PB)/fila (PE); **puto**: criança (PE)/homossexual (PB); **rapariga**: moça (PE)/prostituta (PB); **comboio**: trem (PB)/metrô (PE) **paneleiro**: homossexual (PE)/sem correspondente no PB; **rebuçado**¹⁸: balinha/adjetivo referente ao ato de cobrir-se (PB); **boceta**: órgão genital feminino (PB)/caixinha pequena, geralmente de madeira (PE).

As palavras **rebuçado** e **puto** foram as que mais ocorrem nas respostas dos inquiridos, ou seja, foram escolhidas por 42% dos participantes como as palavras mais engraçadas pelo significado que têm no PE, visto que os significados dessas duas palavras nas duas variedades são diferentes. O fato de essas palavras terem sido interpretadas como engraçadas pelos participantes se justifica no modo como esses significados foram constituídos, se nos atentarmos para os valores culturais que estão imbuídos nos significados a eles conferidos. No caso da palavra **puto**, o significado a ela conferido no PE nos parece suave e não soa preconceituoso, pois se refere a crianças, já no caso do seu uso no Brasil, o seu significado diz respeito ao sujeito que tem atração sexual por pessoa do mesmo sexo e é usado quase sempre com ar preconceituoso.

As demais palavras somam um quantitativo total de mais ou menos 42% e foram escolhidas pelas mesmas razões explicadas no parágrafo anterior. Em relação ao menor índice de escolhas estão as palavras **boceta** e **paneleiro** com 14%, a primeira faz referências a coisas diferentes nas duas variedades e a segunda não tem correspondente no PB e no PE é usada com ar de preconceito.

Portanto, a análise do gráfico 9 mostrou que a variação lexical e semântica é uma constante entre as variedades estudadas. Isso confirma a necessidade de adaptação da língua ao meio onde é usada, pois cada comunidade está envolta em valores culturais diferentes. Assim o PB e o PE são variedades de uma mesma língua que sobrevivem em realidades, culturas e valores diferentes. Desta feita, cada variedade possui particularidades que correspondem ao meio onde é usada, visto que a língua é o principal instrumento pelo qual cada indivíduo representa o mundo, manifestando suas impressões.

O que Bagno (2014) chama de contexto de relações e interações explica-se pelo pertencimento dos indivíduos a determinados grupos linguísticos, pois o ambiente sociocultural é reflexo da interação desenvolvida entre os mesmos. Tal situação denuncia o

¹⁷ Especificamente a homossexualidade masculina.

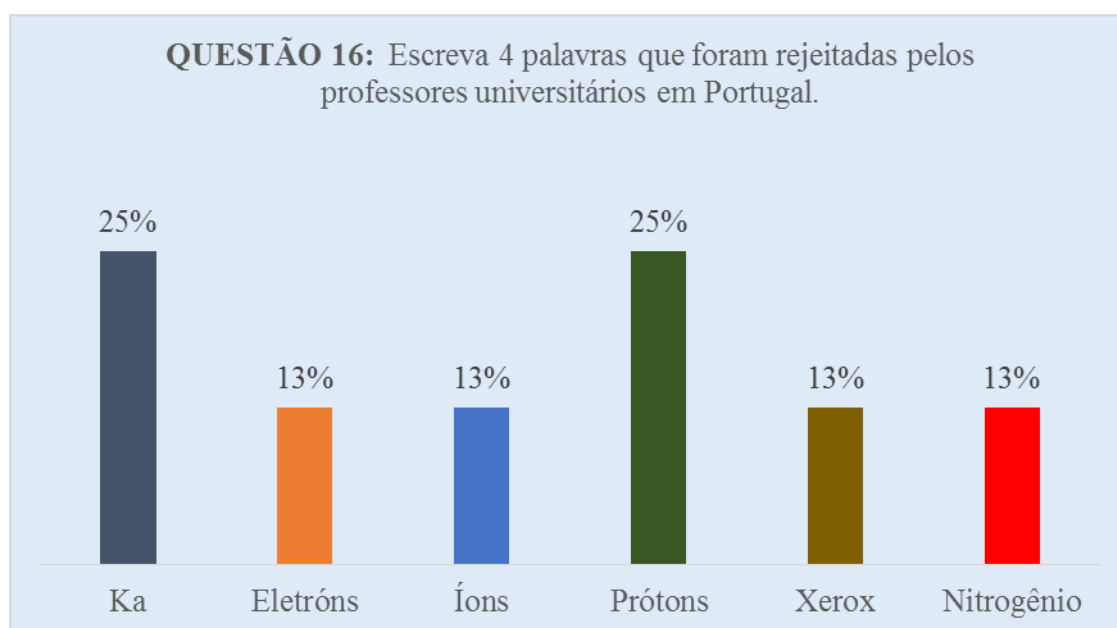
¹⁸ No PE se refere a guloseima feita de açúcar que apresenta cores e sabores variados.

tipo de sentimento que esses indivíduos nutrem pela sua comunidade linguística e, posteriormente, pela língua ou variedade que os servem.

Quando a interação se dá com outro grupo linguístico diferente, o contexto de relações e interações pode não ocorrer pacificamente, porque o sentimento de rejeição tende a se instalar durante o processo de interação. Nesse caso, os participantes desta pesquisa mencionaram algumas palavras que foram rejeitadas quando usadas em contexto do PE, a saber: **elétrons** 13% (por elétrões), **íons** 13% (por ião), **Ka** 25% (por Kapa), **prótons** 25% (por protões), **xerox** 13% (por fotocópias), **nitrogênio** 13% (por Azoto). Mais uma vez, percebemos a predominância do fenômeno de variação linguística, pois, como já temos dito, trata-se de duas variedades distintas constituídas em espaços culturalmente diferentes.

Mas essa questão não é assim entendida globalmente por todos os falantes das duas variedades ou, mais especificamente, por falantes das variedades de recepção. É aí que se desenvolve o fenômeno de resistência linguística ou mesmo o da manutenção dos aspectos lexicais da variedade portuguesa, por parte dos seus falantes. No gráfico a seguir, está apresentada a mensuração da ocorrência das palavras consideradas por alunos brasileiros como as que foram rejeitadas no PE. Dessa forma, observemos o gráfico 10.

Gráfico 10 - Palavras comuns ao PB que foram rejeitadas, por professores universitários, pelo uso no contexto do PE.



Fonte: Elaboração própria.

Para além do uso que fazemos da língua à nossa disposição, somos os responsáveis pelo seu cultivo, transformação, preservação e transmissão, pois a sua existência nos é devida, seja como indivíduos ou como membros de um determinado grupo social de mesma cultura (BAGNO, 2014).

Sendo assim, resistir a uma determinada cultura ou a uma língua é agir em defesa das língua e cultura de origem, se nos atermos a questão de que os falantes partilham valores culturais respectivos a uma determinada comunidade. Nesse caso, a resistência linguística e posteriormente, a cultura do grupo social de recepção se constitui como movimento identificador que situa o recém-chegado ao grupo que verdadeiramente faz parte.

No caso dos dados analisados, é perceptível essa situação, uma vez que, em alguns casos, é possível verificar atitudes linguísticas que defendam a cultura ou variedade da LP falada no Brasil. Temos então uma situação de resistência à variedade europeia. Isso pode ser constatado nas respostas respectivas às seguintes perguntas: **questão 3:** Sentiu algum desconforto ou incômodo quando não conseguia falar o português de Portugal? Por quê? **Resp.:** não senti desconforto, porque deixei claro sobre minha origem/ em nenhum momento tive interesse do sotaque português¹⁹ (03F23); **questão 14:** Em algum momento o/a Sr./Sra., tentou imitar o sotaque português? Por quê? **Resp.:** nunca tentei, vivi dois anos com eles e não peguei nenhum sotaque (08M25).

O fato desses alunos não manifestarem interesse pela língua ou cultura do outro revela uma certa defesa pela variedade e cultura de origem, ou seja, as brasileiras. A defesa de uma cultura ao invés de outra pode ser entendida como manifestação identitária, já que a identificação de um determinado sujeito se dá através do uso que o mesmo faz do sistema linguístico à sua disposição como indivíduo e como grupo social. Desta forma, o modo como os participantes desta pesquisa se constituíram no interior do grupo brasileiro se revela como identidade social e linguística. Porquanto,

a identidade é uma ideia inescapavelmente ambígua, uma faca de dois gumes. Pode ser um grito de guerra de indivíduos ou das comunidades que desejam ser por estes imaginadas. Num momento o gume da identidade é utilizado contra as “pressões coletivas” por indivíduos que se ressentem da conformidade e se apegam a suas próprias crenças (que o grupo condenaria como preconceitos) e a seus próprios modos de vida (que o grupo condenaria como exemplos de desvio ou estupidez,

¹⁹ Essa resposta revela uma certa resistência à fala lusitana e com isso uma afirmação da identidade brasileira, durante o contato.

mas, em todo caso de anormalidade, necessitando ser curados ou punidos) (BAUMAN, 2005, p. 82, grifos do autor).

A reflexão de Bauman (2005) expressa na citação acima é adequada quando o assunto envolve questões de resistência linguística; nesse caso, sendo a identidade uma faca de dois gumes, merecem atenção as práticas linguísticas que denunciam a defesa identitária de/para cada indivíduo social, pois os gumes se apresentam ora como resistência a alguma cultura ou língua diferente da sua, ora como apego às crenças e modos de vida comuns ao grupo de pertença.

Nesse sentido, é possível que esse efeito identitário também ocorra não só ao recém-chegado, mas também ao grupo de recepção. Para melhor exemplificar, vejamos os exemplos a seguir: questão 8: Acha que os portugueses gostam do português brasileiro? Justifique. (Fale da sua própria experiência). **Resp.:** acredito que nós brasileiros gostamos mais da nossa linguagem eles também gostam mais e adaptam-se melhor para sua cultura (03F23).

Ou seja, os portugueses tendem a agir em defesa da linguagem e cultura que a eles é comum, e o mesmo acontece com os falantes brasileiros, pelo menos na visão do mentor da frase em apreço. Como temos dito ao longo desta seção, os relatos são fatos interpretados a partir da experiência do inquirido com o meio e o modo como vivencia o mundo ao seu redor, e essa experiência difere de pessoa para pessoa; reparemos outro exemplo obtido através da pergunta de número 8: **Resp.:** [...] porque muitos, eu via que se interessava pela nossa variedade principalmente os mais jovens. Outros, principalmente os mais velhos, ainda conservam a ideia do português europeu” (04M23).

A ação de resistência linguística ou cultural é um movimento protetor que visa à proteção daquilo que é comum ao grupo de origem dos grupos em contato, mas esse movimento poderá ser interpretado de duas formas: resistência ou aceitação, uma vez que o último exemplo dado prova a existência de grupos que se formam em defesa daquilo que lhes parece mais importante e estes grupos pertencem ao índice de resistência ou aceitação. No caso do exemplo referido, existem subgrupos no interior do grupo receptor, os que resistem à variedade brasileira e os que a aceitam com facilidade, podendo ocorrer o inverso também. Ou seja, o recém-chegado também pode aceitar ou não a variedade receptora.

Quando a aceitação é estabelecida, a relação intergrupar é mais fácil e tende a ocorrer pacificamente e o contato, ou melhor, o intercâmbio flui com normalidade, já que uma possível resistência causaria algum transtorno a um dos grupos em causa. Nesse sentido,

sentir-se dentro ou incluído no grupo novo permite o desencadeamento do sentimento de pertença ao grupo novo e tudo que nele circula. O contato entre alunos brasileiros e portugueses despertou em alguns alunos brasileiros o sentimento de pertença ao grupo português, porque a aceitação permite a integração do recém-chegado ao novo espaço. Vejamos um dos relatos dos inquiridos, a seguir: questão 3: Sentiu algum desconforto ou incômodo quando não conseguia falar o português de Portugal? Por quê? **Resp.:** não senti nenhum desconforto, pois a comunicação foi bem tranquila e mediada (02M43).

Assim, quando o contato acontece em espaço outro, o uso da língua comum impõe ao recém-chegado a sua inserção dentro de um contexto específico (BAGNO, 2014). Por exemplo, é natural que os alunos brasileiros ao contatar com portugueses em ambiência portuguesa se reconheçam dentro do contexto da variedade de origem.

Assim, o sentimento de pertença ou pertencimento ao grupo de recepção é percebido através de manifestações linguísticas tanto dos recém-chegados como dos membros do grupo receptor, porque se os sujeitos se reconhecem dentro do grupo que o recebe, certamente, entende a acolhida como algo positivo. Reparemos nas respostas dos participantes à questão 8: Acha que os portugueses gostam do português brasileiro? **Resp.:** alguns portugueses os quais tive contato diziam que o português brasileiro era mais agradável de se ouvir do que o europeu ou o africano (06F32); não tenho opinião sobre isso, no entanto, não percebi aversão ao português brasileiro (07F24); penso que não os desagradavam (05F25).

As respostas acima confirmam a existência de uma receptividade positiva em alguns casos em relação ao PB. É perceptível também que a forma como esses participantes foram acolhidos fez toda diferença no processo de pertencimento ou inserção ao grupo acolhedor.

Em relação ao sentimento de pertença, importa pensarmos que existem vários fatores que poderiam ofuscar a sua efetivação positiva. Ou seja, as manifestações linguísticas e culturais que identificam tanto o grupo recém-chegado como o de recepção são fatores cruciais para a efetivação do pertencimento ou não ao novo grupo. Segundo Oliveira (2006, p. 14), essa identificação parte de “vários fatores como a pronúncia de determinados vocábulos, a opção pela seleção vocabular, os mecanismos morfológicos”, que revelam o modo de agir e pensar dos membros de cada grupo social em contato.

De acordo com os dados, a identificação linguístico-cultural dos grupos em contato se deu no nível da variação lexical, semântica, e até fonética, visto que essas variações representam o contexto sociocultural e linguístico de origem de cada grupo em específico. No

caso da variação lexical e semântica, temos palavras diferentes para significar um mesmo referente, palavras idênticas para significar referentes diferentes. Vejamos os exemplos, correspondentes à questão de número 3, que diz respeito ao desconforto ou não do uso do PE: **Resp.:** achei desconforto por não saber o significado de algumas palavras que não faz parte do vocabulário português brasileiro e, também por vezes a mesma palavra ter significado diferente nos dois países (09F33); o som da letra X, C e CH. Geralmente acompanhado de um “chiado”, como por exemplo, no nome ‘PriscHHHHiiiiiiila’ (01M25).

Isso nos leva a crer que uma determinada língua expressa uma concepção de mundo (PERINI, 2004). Assim os vários níveis de variação linguística fazem parte do processo de representação devido a cada comunidade ou grupo linguisticamente constituído.

Ainda sobre isso, Perini (2004) reitera que a significação que as palavras recebem em cada comunidade ou grupo revela o modo que os membros deste grupo têm de entender, conceber e sentir o mundo, pois cada pessoa tende a vivenciar as experiências de maneiras diferentes, seja como indivíduo, ou seja, como grupo.

A variação lexical é importante para percebermos a visão de mundo respectiva a cada sujeito, porque é através do léxico que a “língua manifesta características particulares de cada lugar específico, das crenças e dos costumes de determinado grupo social” (SIQUEIRA, 2015, p. 30), já que o conjunto lexical à disposição de uma determinada comunidade linguística é um saber partilhado que circula na consciência dos sujeitos que compartilham as mesmas crenças e os mesmos costumes.

Em alguns casos, o processo de diferenciação acaba por permitir que o contato linguístico seja eminentemente convergente, visto que “no momento em que duas ou mais pessoas iniciam alguma troca verbal por meio da língua, todos os componentes individuais (...) e sociais (...) são ativados para compor uma intrincada rede em que tais componentes se fundem e se confundem” (BAGNO, 2014, p 16). Tal afirmação se confirma nas respostas de alguns dos participantes da pesquisa à pergunta de número 3, a saber: Sentiu algum desconforto ou incômodo quando não conseguia falar o português de Portugal? Por quê? **Resp.:** não nenhum incômodo por não conseguir falar o português de Portugal, até porque eu não tentei. As pessoas me entendiam bem, assim como eu a elas (05F25); não, pois não houve necessidade de adaptação da língua, visto que a comunicação ocorreu de forma compreensível em ambas variedades para ambos falantes (07F24).

Essas frases são exemplos de que é possível que haja uma interação linguística convergente entre os diferentes grupos em contato. No entanto, se a convergência linguística não acontece, é possível que se efetive o preconceito linguístico, que nada mais é do que a rejeição de tudo aquilo que soa diferente ou da diversidade, seja cultural, seja linguística.

As diferenças linguísticas são visíveis entre o PB e o PE e não são, em alguns casos, entendidas no que diz respeito à aceitação daquela no contexto europeu. Tal falta de compreensão é notada por sujeitos que de algum modo estiveram em contato com o PE em espaço lusitano. Nesse caso, é importante nos atentarmos à posição que ocupa os sujeitos brasileiros em contato com o PE, ou seja, os participantes durante o período em que contataram com o PE estavam ocupando a posição de aluno e essa situação condiciona uma relação de poder onde o aluno, por tradição, é visto como passivo e aprendiz.

Este é um fato comum a alguns dos alunos brasileiros que experienciaram situações em Portugal em que alguns portugueses expressaram aversão as diferenças linguísticas da variedade brasileira. Os exemplos a seguir são respostas dadas às seguintes questões de número 3: Sentiu algum desconforto ou incômodo quando não conseguia falar o português de Portugal? Por quê? **Resp.:** sim, pois nem todos os portugueses são receptivos e entende, as diferenças linguísticas (06F32); e à questão de número 8: Acha que os portugueses gostam do português brasileiro? **Resp.:** não, não gostam. Na minha opinião o egocentrismo perpetua no cidadão lusitano, desde o idioma a outros aspectos do cotidiano (01M25); não. Os portugueses são um povo que preza a sua língua, cultuam o seu idioma, as suas características, por isso não gostam do nosso português, para eles corrompido (02M43); [...] eles dizem que o português original é o de Portugal que o nosso é uma cópia e mal feita (08M50).

As diferenças entre variedades de uma mesma língua, quando não entendidas pelos envolvidos no contato, acabam motivando a manifestação preconceituosa, visto que, falar uma língua/variedade é fazer parte de todo um contexto sociocultural específico. Isso porque ainda perdura, no interior da comunidade linguística portuguesa, a ideia de o PE ser o modelo mais correto a ser seguido. Essa ideia descarta a possibilidade da valorização do PB como variedade aceitável e correta. Reparemos nos exemplos a seguir obtidos através da questão de número 8, que perguntava sobre a aceitação do PB pelos portugueses: **Resp.:** [...] já quem era um pouco mais estudado (normalmente dentro da universidade), não gostavam, faziam muitas críticas. Principalmente depois da implementação da nova ortografia, nessa época ouvi

bastante coisa que chegaram a ser ofensivas (09F33); e da questão 21 que pedia para os alunos brasileiros fazerem comentários adicionais sobre a língua e a cultura portuguesa em Portugal: **Resp.:** o que achei interessante na cultura portuguesa é que na cidade onde morava eles pronunciavam o português corretamente quando dizíamos algumas coisas fora de concordância eles nos questionavam (08M50).

Importa pensar que em situações de contato entre variedades, nem sempre o outro estará disposto a receber o recém-chegado de maneira positiva, ainda mais quando o espaço do contato é de origem daqueles que foram responsáveis pela instalação da LP no país de origem do grupo recém-chegado: é o caso dos portugueses quando chegaram ao Brasil.

Essa questão é interessante a este estudo porque justifica muitas ocorrências preconceituosas e manifestadas por alguns portugueses, segundo os dados, que, por vezes, discriminam ou rejeitam a variedade brasileira como sendo uma versão corrompida do PE. A língua não é estática e está em constante transformação, pois é ela é um organismo vivo que depende dos seus usuários para existir. Assim não poderiam os usos da LP se manterem intactos e idênticos em todas as comunidades que se sevem dela, e é por isso que as variedades existem e se caracterizam de acordo com as comunidades que as usam.

Segundo Perini (2004, p. 5), “cada variedade tem seu espaço muito bem definido, isso é fato há muitos séculos, e tem toda a probabilidade de continuar sendo um fato nos próximos séculos. Melhor conviver com ele do que negar a evidência”. Nesse sentido, é pertinente pensar que a convivência com este fato facilita o contato entre variedades de uma mesma língua, a europeia e a brasileira, pois a diminuição da distância entre as duas acaba por sanar barreiras que possam inibir o contato entre ambas, até porque

a faca da identidade também é brandida pelo outro lado – maior e mais forte. Esse lado deseja que não se dê importância às diferenças, que a presença delas seja aceita como inevitável e permanente, embora insista que elas não são suficientemente importantes para impedir a fidelidade a uma totalidade mais ampla que está pronta a abraçar e abrigar todas essas diferenças e todos os seus portadores (BAUMAN, 2005, p. 83).

O que afirma o autor na citação acima é adequado ao contexto desta pesquisa porque as diferenças, quando aceitas durante situações de contato entre grupos de variedades diferentes, facilitam o relacionamento entre ambos. Nesse sentido, para alguns alunos as diferenças foram aceitas e, por vezes, superadas por ambos os grupos em contato, por isso, o contato foi bem-sucedido. Sobre isso, analisemos as respostas respectivas à pergunta de

número 5 que perguntava sobre o entendimento dos portugueses sobre o PB: **Resp.:** sim. Pelo fato de que eles já tinham contato com o português brasileiro através de nossas novelas que são exibidas em Portugal, e também pela quantidade de brasileiros que para lá se mudam com o objetivo de estudar ou trabalhar (02M43); a maioria das palavras sim, pois como já convivem com brasileiros frequentemente, já sabem muitas palavras da nossa variedade (04M23); claro que entendiam bem o português (brasileiro). Estavam acostumados com estudantes brasileiros e possuem amplo contato com nossa cultura através de filmes, telenovelas etc. Não havia como e nem porque não entender, só se fosse por questões de má vontade (05F25).

Junto com a facilidade no contato entre ambas as variedades, interessa dizer que esta não se constitui por si só, mas depende da disposição dos falantes em recorrer a estratégias linguísticas capazes de manter a comunicação. Por exemplo, quando perguntamos, questão 6, aos participantes desta pesquisa, como procediam quando não entendiam o que o outro queria dizer ou vice versa: **Resp.:** em sua maioria sim. Quando não entendiam perguntavam (06F32); sim, apenas de variedades diferentes, a comunicação é perfeitamente possível e portanto, ambos se entendiam com facilidade (07F24); sim. Sempre conversava com alguns portugueses eles diziam que era fácil entender a língua brasileira (como diziam eles) por causa das muitas novelas brasileiras que lá passavam (09F33); [...] os portugueses na cidade em que eu morava assistiam muitas novelas brasileiras (08M50).

A diminuição da distância no contato entre variedades permite também a ocorrência do fenômeno da incorporação linguística e/ou cultural de uma variedade para outra. O uso de palavras do PB pelos portugueses ou vice-versa é exemplo de incorporação linguística, ainda que inconscientemente. Ademais, o desejo de participar do grupo alheio, ainda que por um período determinado, induz os falantes de ambas as variedades à internalização de aspectos culturais e linguísticos capazes de situá-los num contexto amigável.

O período em que os alunos brasileiros estiveram em contato com o PE foi, para alguns, preciso e relevante para perceber as manifestações respectivas a este fenômeno, o uso de expressões e/ou palavras do PE por alunos brasileiros pode ser um exemplo desse fenômeno. Vejamos algumas respostas dos inquiridos à questão 14, que perguntava se em algum momento os participantes tentaram imitar o sotaque português: **Resp.:** não necessariamente imitar. Ao longo da convivência com o sotaque português acaba sendo inevitável não agregar ao nosso modo de falar alguns aspectos linguísticos de Portugal. É

automático, quando se percebe já se está falando o português europeu. Alguns de forma tímida, outros de um jeito mais acertado (02M43); sim até hoje, porque gosto de interpretar – atuar²⁰ – (04M23).

Mediante esses exemplos, importa pensar que o pertencimento e a identidade são variáveis, não são fixados ou garantidos para sempre (BAUMAN, 2005), dependem do contexto, das situações, das experiências, vivenciados pelo indivíduo. Nesse contexto, toda a cultura que engendra a constituição de uma comunidade linguística é fundamental para torná-la diferente de outras. Dessa forma, as semelhanças e/ou diferenças entre as variedades brasileira e portuguesa são elementos cruciais que determinam o PE e o PB como parte de um mesmo sistema linguístico (LP), quando semelhantes, e como parte de contextos sociais e culturais distintos capazes de situá-las como respectivas a grupos diferentes.

De acordo com a visão dos inquiridos, existe uma aparente semelhança que logo cede lugar às diferenças, pois é natural que cada variedade exista em culturas diferentes constituídas em contextos distintos. Em razão disso, analisemos as respostas dadas à questão 13: Acha que a cultura portuguesa é semelhante à cultura brasileira? Se não, o que mais as diferencia? **Resp.:** em parte, sim. Devido à diversidade cultural brasileira em função ao grande território geográfico e influência de outros países de Europa creio que jamais será 100% semelhante (01M25); tem uma semelhança sim, mas possui coisas bem diferente como as músicas, o sotaque, as comidas típicas deles e os costumes das festas, as comemorações e os feriados são diferentes (03F23); sim, há semelhanças sim entre nossas culturas, pois uma se ramificou da outra. Mas também há diferenças, claramente (05F25); a língua pode se assemelhar, mas a cultura é diferente (06F32).

O histórico cultural de cada variedade permite uma ligação entre passado, futuro e presente, pois “esse cordão umbilical é o que chamamos de ‘tradições’, cujo teste é o de sua fidelidade às origens, sua presença consciente diante de si mesma, sua ‘autenticidade’” (HALL, 2011, p. 29, grifos do autor). É justamente o cordão umbilical de que fala Hall (2011) que condiciona a constituição da identidade cultural de cada grupo, tornando-os diferentes, ainda que possuam aspectos culturais semelhantes no processo de constituição.

Importa dizer que se a cultura é resultado de um processo produtivo, então, o produto que daí resulta é a expressão fiel daqueles que a produz (HALL, 2011), sendo que a “cultura é

²⁰ Nesse caso, é possível entender como sendo um processo consciente, dado o desejo, revelado por esse entrevistado de “imitar” a fala lusitana.

o modo de viver típico, o estilo de vida comum, o ser, o fazer e o agir de determinado grupo humano, desta ou daquela etnia” (VANNUCCHI, 2011, p. 26).

Nesse sentido, a defesa promovida pelos membros de uma determinada comunidade, quando partilham da mesma cultura, é um reflexo do sentimento e de desejo de mantê-la por entre séculos afora, pois o principal meio de divulgação da cultura é a propagação da tradição por entre gerações, uma vez que a cultura é disseminada através da língua à disposição dos seus usuários.

Ademais, a cultura é um trabalho produtivo que pressupõe que o falante tenha um conhecimento prévio da tradição comum ao grupo de pertença (HALL, 2011). Ou seja, o conhecimento daquilo que é comum à comunidade ou de uma determinada geração é fundamentalmente o caminho para que o trabalho produtivo cultural resulte em cultura específica de uma dada comunidade. Essa cultura se constitui de conhecimentos que ligam o passado ao presente de modo atualizado. Por isso mesmo, não se pode ver a cultura como pronta e acabada, está sempre sendo moldada, adaptada e renovada, a depender do modo como evoluem suas respectivas comunidades.

A manutenção da cultura de origem é um fator importante na constituição cultural do indivíduo se pensarmos que a cultura é também um dos elementos mais significativos, capazes de identificar o sujeito dentro e fora do grupo de origem, que evidencia ou não as origens do sujeito em apreço. Sendo assim, a cultura tem “ligações com as esperanças e aspirações locais, tragédias e cenários locais que são práticas e experiências cotidianas de pessoas comuns” (HALL, 2011, p. 322). Em outras palavras, a cultura também representa a cor e o gosto da terra onde atua, até porque, entendendo-a como produção, não podemos descartar a ideia de que ela é a expressão significativa da comunidade que a comunga.

A identificação cultural serve para mostrar o indivíduo ao mundo, mas não de qualquer maneira. Essa apresentação é rigorosamente marcada por traços que o situam em um determinado grupo, tornando-o diferente dos demais. O indivíduo, ao se apresentar ao mundo, aprende através da sua cultura a interpretar tudo o que constitui esse mundo. E não só, aprende, também a conhecer o outro, percebendo-o como diferente de si e como parte de outro grupo, que não o seu.

Sobre isso, analisemos os relatos de alguns dos inquiridos dados à pergunta de número 21: Faça comentários adicionais sobre a língua e a cultura portuguesa em Portugal: **Resp.:** no geral, a cultura portuguesa é extremamente rica, especialmente no que se refere a valorização

das situações vividas no passado. O povo português se prende bastante as músicas marcantes, situações marcantes e fatos marcantes. Penso eu que o português busca manter o pouco da sua origem que ainda existe, visto que a população possui uma baixa taxa de natalidade e que muitos de seus cidadãos estão migrando para outros países em virtude dos mais variados motivos (01M25); os portugueses amam a sua língua, a sua cultura e as suas tradições. São um povo que tentam manter inalterados o seu modo de viver e por isso são muito fechados. Gostam de levar a sério os seus mitos, como o “dom sebastianismo”, por isso são tão diferentes de nós brasileiros (02M43).

O que alguns brasileiros perceberam nos portugueses se traduz no processo de identificação do outro, pois a cultura portuguesa emergiu durante o contato e as diferenças, as peculiaridades desta cultura tornaram-se visíveis através do grupo que dela comunga e a promove, visto que

a **identificação cultural** é a realização, para cada pessoa, de uma determinada cultura abstratamente considerada. Assim, essa identificação cultural [...] está intimamente ligada aos hábitos, crenças, atividades artísticas, relações parentais e sociais do meio restrito que o indivíduo está inserido (MATEUS, 2001, p. 19, grifos da autora).

Reiterando a afirmação da autora acima, podemos dizer que o grupo brasileiro e o português, como qualquer outro, possuem comportamentos que agregam hábitos, crenças etc., comuns aos membros dos respectivos grupos, esses estão, eminentemente, correlacionados ao meio onde habitam.

Acontece que o efeito do modo como o indivíduo interpreta o mundo ao seu redor se volta também aos julgamentos que faz da cultura e da língua de origens, ou seja, linguisticamente o sujeito de uma determinada comunidade linguística, ao contatar com o outro grupo diferente do seu, seja em espaço alheio ou não, evidencia o gosto que nutre pela língua/variedade de origem, defendendo-a como importante para si, como indivíduo ou coletivamente; dessa forma, a interpreta como fator crucial na formação da sua identidade e percebe que as variações são importantes à medida que a comunicação se dá entre o “eu” e o “outro” perfeitamente.

Sob essa perspectiva, vejamos os dados obtidos através da questão 20: Acha que no Brasil se fala bem o português? Por quê? **Resp.:** não, não falamos bem o português gramaticalmente correto. O porquê gira em torno do contexto social e cultural brasileiro.

Explicar isso de forma específica seria inviável (01M25); no Brasil, em cada canto, se fala a sua variedade linguística. É difícil determinar se aqui falamos bem o português, pois os recursos linguísticos usados pelas comunidades variam de um lugar para o outro (02M43); acredito que sim. Porque mesmo que utilizamos a terceira pessoa no nosso país é correto o nosso português, porém mais difícil (03F23); sim, porque em qualquer comunidade linguística há bons falantes (04M23); Há uma distância sabida entre a fala corrente, a norma culta falada e a escrita, e sabemos que isto se dá por vários fatores. No entanto, sabemos, também, que não há o “certo” ou “errado” ao se falar uma língua. Há um enunciador que precisa da linguagem para transmitir uma mensagem a um interlocutor; se há compreensão da mensagem, então, o ciclo se completa com sucesso (05F25); com certeza, a comunicação é perfeitamente possível, portanto, fala-se a língua da forma que deve ser falada (07F24).

Em alguns casos, o julgamento nem sempre é positivo, pois podem ocorrer manifestações várias de insatisfação, gosto ou admiração pela língua e cultura do outro e/ou simplesmente manifestações preconceituosas que pairam sobre o contexto social e histórico da comunidade de origem. Os julgamentos sobre a língua ou variedade de origem também é uma possibilidade permitida aos falantes de uma determinada língua.

Nesse sentido, os inquiridos puderam avaliar, julgar ou pensar sobre o modo como os brasileiros usam a LP no contexto do PB, tendo em conta que a língua ou variedade é fundamentalmente capaz de apresentar a complexidade cultural de um determinado grupo ou comunidade. Quando os inquiridos foram indagados sobre o falar bem o PB, questão 20, responderam o seguinte: tanto na escrita quanto na fala percebemos que o brasileiro não somente escreve muito mal, como também fala mal. Mas, penso eu, se a intenção maior for a comunicação, não vejo o porquê de dizer que falamos mal, uma vez que reproduzimos a fala de um povo e seus costumes e romper com isso traria certos desconfortos/ conflitos que talvez não compense iniciar (06F32); não, porque na grande maioria acha até engraçadinho falar errado e com isso pecam por hábito de também escrever errado. Não levam a ortografia a sério. Mas gosto da nossa pronúncia no gerúndio, que é uma das coisas que nos diferencia bastante dos portugueses (09F33).

Os exemplos acima evidenciam que os falantes de uma determinada variedade têm dificuldades para avaliar o uso da variedade em causa. Isso é devido à diversidade de normas existentes e permitidas pelo sistema linguístico que rege o meio onde atua. No entanto, têm a consciência de que, para, além da norma padronizada, existem outras que servem à

comunicação no interior dos grupos, porém, fica evidente a consideração dessa “norma padronizada” como melhor que as normas não padronizadas.

Para tanto, a língua faz parte da cultura que envolve os seus falantes, e isso muda a depender das variações contextuais que engendram os espaços a que a língua chega. Por isso, é pertinente dizer que o PB e o PE são variedades de uma mesma língua, a LP, mas, devido ao contexto social e histórico que a acolheu em cada país, elas se diferenciaram em alguns aspectos linguísticos, pois a forma de representar a cultura de cada país é adaptada, de acordo com as necessidades da comunidade, como expressão do povo que representa.

Ademais, o sujeito se constitui socialmente no interior do grupo do qual faz parte, interagindo com ele através do sistema linguístico à sua disposição. Até porque identificar-se como parte de um determinado grupo ao invés de outro é se distinguir no mundo sob pontos de vista peculiares, ou seja, pela cultura, pelos usos da língua, pelas tradições.

Por fim, as questões de números 18 e 21 do questionário aplicado aos inquiridos não foram satisfatoriamente respondidas, porque os inquiridos não souberam os significados das palavras portuguesas, ainda que elas sejam de uso constante no contexto europeu. As palavras são: **falhanço** (fracasso); **jesuíta** (pastel de massa folhada com cobertura de creme); **justa** (zona prisional da Polícia Judiciária); **seiras** (cesta feita de junco ou esparto, para guardar coisas diversas); **borracharia** (o mesmo que no Brasil); **chapelaria** (indústria ou comércio de chapéu); **flanelinha** (arrumador de carro). Como já dissemos em páginas anteriores, o processo de categorização depende muito do espaço onde as comunidades se constituem linguisticamente.

Nos exemplos acima, é possível percebermos a complexidade lexical e semântica das variedades brasileira e portuguesa e, por isso, o conhecimento de determinados referentes nem sempre é possível quando o uso se refere a outra realidade linguística, o que se justifica se pensarmos como Perini (2004) que cada variedade ocupa um determinado espaço, bem definido.

A culinária faz parte da cultura que representa uma determinada comunidade, sendo que a cultura também é representada no interior da comunidade por meio de manifestações relacionadas a comidas típicas. Sendo assim, os hábitos alimentares fazem parte de um processo contínuo que transpassa gerações e são mantidos como manifestação de manutenção cultural, pois a cultura, como um conjunto composto por atitudes, representações ideológicas e sentimentos compartilhados no interior dos grupos, representa toda uma história imbuída de

juízos de valores, crenças, gostos que, juntos, constituem o todo cultural da comunidade em si.

Portanto, cada comunidade tem suas peculiaridades culturais cuja manutenção se dá através da transmissão, através da aquisição ou da aprendizagem, aos membros mais jovens, pois o modo de significar o que nela existe é reflexo dos valores culturais e morais partilhados pelos membros da comunidade em si. A cultura como um conjunto de hábitos, de valores e de costumes diz muito sobre o modo como os falantes interpretam o universo e isso é um fator de diferenciação que marca o espaço que ocupa cada comunidade linguística, visto que, as comunidades não são homogêneas e sim diversas.

Ademais, a cultura de um povo se constitui de muitos aspectos que de algum modo estão ligados ao passado social e histórico correspondente à comunidade respectiva, já que as sociedades são constituídas por povos diversos, de origens distintas (HALL, 2011). Dessa forma, serão apresentadas as fotos 1, 2, 3, 4 e 5, como exemplos das particularidades culturais comuns à comunidade portuguesa. A primeira foto é uma ilustração de alguns modelos de seiras; a segunda diz respeito a uma das peculiaridades da culinária portuguesa, o jesuíta; a terceira corresponde à zona prisional da Polícia Judiciária, justa; a quarta se refere ao que no Brasil chamamos de balinha, no PE é um tipo de guloseima feita de açúcar, rebuçado e a quinta foto corresponde a uma caixinha pequena, a boceta.

Foto 1 – Seiras: cesta feita de junco ou esparto, para guardar coisas diversas.



Fonte: Revista Lifecooler, s.d.

Foto 2 – Jesuíta: pastel de massa folhada com cobertura de creme.



Fonte: Portugal de sabores, 2015, s. n.

Foto 3 – Justa: Zona prisional da Polícia Judiciária.



Fonte: Poder Judiciário, Tribuna da Madeira, s.d.

Foto 4 – Rebuçado: guloseima feita de açúcar.



Fonte: Pérola do Chaimite, Anthony Trollope, 2015.

Foto 5 – Boceta: caixinha pequena, geralmente de madeira.



Fonte: Dicionário e gramática.com, 2016, s.n.

A cultura é a manifestação viva dos costumes tradicionais de um povo. A sua propagação depende da transmissão ou partilha através da língua no interior da comunidade que representa a cultura. A significação que solidifica os costumes sociais das comunidades se traduz em transmissões culturais e linguísticas que atravessam os séculos, pois a cultura se liga às experiências e aspirações locais (HALL, 2011).

Diante de tudo que temos dito até agora, somos induzidos a pensar que o conjunto lexical que constitui cada variedade da LP é eminentemente um saber partilhado que está a serviço das necessidades comunicativas de cada falante no contexto de cada variedade. Esta afirmação é adequada ao contexto desta pesquisa, porque as variedades brasileira e portuguesa da LP são importantíssimas para a construção das identidades dos grupos representativos de cada uma delas, seja como indivíduo ou coletividade. A união desses grupos nem sempre se dá de maneira pacífica, podendo a experiência ocorrer positivamente ou não, os exemplos analisados são evidenciam de questões como estas.

A questão da variação lexical no nível semântico é também um fenômeno linguístico que se constatou ao longo das análises desenvolvidas nas páginas anteriores, visto que em cada variedade a significação representada por cada palavra que constitui o conjunto lexical é a expressão da cultura do povo que o usa. Por isso, ocorrem nas duas variedades palavras idênticas com significados diferentes em cada contexto e também palavras diferentes para significar a mesma coisa, objeto etc.

Outrossim, a identidade brasileira se constituiu sob um prisma muito particular, devido ao contexto social e histórico. Mas as identidades, assim como a língua, não são estáticas; pelo contrário, estão em constante mudança. A renovação das identidades linguísticas e/ou culturais é moldada ao longo da vida do sujeito social. Essa modificação é devida aos diferentes contatos ou situações experienciadas por ele em diferentes momentos de sua vivência no mundo social.

Portanto, as diferentes situações que se circunscrevem na vida dos membros de determinada comunidade linguística são fundamentais para que se efetive a manutenção ou não da língua ou cultura de origem. Esse processo pode ser desenvolvido tanto dentro da própria comunidade de origem, como em contato com outra comunidade, diferente da de origem. Quando a ocorrência do contato se dá com o outro, o diferente, necessariamente a possibilidade de avaliação de si e do outro é uma constante. Por isso, a língua ou variedade de origem é tão importante para que se efetive o contato, até porque é através dela que a comunicação se concretiza.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O intento deste trabalho foi demonstrar considerações acerca das relações estabelecidas entre a identidade brasileira com o PE em contexto português, bem como a importância do fenômeno da variação léxico cultural como marca do conflito gerado ao longo do contato entre as duas variedades: PE e PB. Diante disso, propusemos a análise dos dados fornecidos por nove alunos, vinculados à UFG de Goiânia, Jataí e Catalão, homens e mulheres, participantes do PLI no período de 2012 a 2014, e que estudaram em algumas universidades portuguesas.

A escolha dos participantes justificou-se pela natureza do tema da pesquisa, uma vez que nosso intuito era analisar relatos que pudessem representar o conflito estabelecido durante o contato dos brasileiros com o PE, em Portugal, como mostrado na introdução.

Os dados apresentados ao longo deste trabalho constituíram o *corpus* desta pesquisa e foram fundamentais para o estudo do léxico e da cultura no uso específico da variedade brasileira em contexto do PE, de modo que, foram evidenciadas marcas linguísticas e culturais brasileiras que mediaram o contato dos participantes com os portugueses ao longo de dois anos, sendo o perfil desses alunos condicionadores dessas evidências. Isso significa dizer que esses alunos, por meio de relatos de experiências próprias, enunciaram as consequências do contato experienciado, pois sabemos que experiências são fatores cruciais para que se (re)construa a identidade.

Assim, pareceu-nos o melhor caminho para a obtenção dessas experiências a aplicação de questionários com questões abertas e fechadas. Assim, as experiências seriam relatadas de modo objetivo e espontâneo e de acordo com o que experienciou cada participante. Não há dúvidas sobre a multiplicidade das respostas, mas a pesquisa de campo nos encaminhou para tal, ainda que a essência do nosso objeto constituiu-se de unidade e delimitação.

As hipóteses que responderam, inicialmente, o problema de pesquisa foram confirmadas e/ou refutadas, após a análise dos dados, essas dizem respeito: i) ao fato de não conformação por parte dos portugueses em aceitar a variedade brasileira como diferente, rica e correta como o PE, se tivemos atenção os dados que relatam que alunos brasileiros foram, em algum momento, repelidos pelo uso de algumas palavras que compõem o léxico brasileiro em território português.

Como é o caso das palavras **nitrogênio**, por azoto, e **xerox**, por fotocópias²¹; ii) à efetivação do conflito gerado a partir do contato entre falantes brasileiros e portugueses é devido à manifestação de resquícios preconceituosos que permanecem enraizados nas bases culturais que sustentam as principais mudanças entre as duas variedades. Isso se constata nas respostas de alguns participantes que relatam terem ouvido de alguns portugueses a afirmação de o PB ser uma cópia mal feita do PE ou uma versão corrompida do mesmo; iii) ao fato de que o contato entre diferentes grupos provoca a sobreposição de variados aspectos culturais e linguísticos referentes a cada grupo e parece relembrar o processo de imposição da língua portuguesa ao ambiente brasileiro, em que a ideia predominante era manter nas colônias o português falado em Portugal. Dos dados obtidos e analisados, podemos destacar, como exemplo da insistência de alguns portugueses em impor o PE em aversão ao PB, a substituição da palavra **nitrogênio**, usada no Brasil, pela palavra **azoto** (PE). Essas foram pertinentemente confirmadas, apesar de não terem sido por unanimidade nos relatos dados pelos inquiridos.

Nesse caso, a pesquisa mostrou que aspectos relacionados às diferenças lexicais e culturais configuram a existência das peculiaridades respectivas a cada uma das variedades da LP, PB e PE, e que a rejeição do PB em alguns casos por parte dos portugueses é um acontecimento que ocorre devido à dificuldade que eles têm em aceitar a variedade brasileira como correta, ou quando falantes do PB em alguns momentos optam por rejeitá-lo, adotando o PE para se sentirem incluídos no novo grupo. A pesquisa mostrou, portanto, que em algum momento os portugueses demonstraram não aceitar a variedade brasileira como correta tal como a variedade portuguesa.

A afirmação da identidade brasileira se fez presente durante todo o processo, uma vez que, apesar da adoção de parte do léxico português os participantes não conseguiram se desvencilhar das origens linguísticas, seja porque não tinham intenção de abandonar o léxico de origem ou por sentirem necessidade de manter a relação com a cultura linguística brasileira como forma de reforçar a pertença sociocultural.

É visível, nos dados analisados, que os alunos PLIs não se constrangeram por usarem o PB para se comunicarem com os portugueses, evidenciando, dessa forma, o sentimento de pertença à comunidade brasileira. Assim, as manifestações linguística e cultural brasileiras

²¹ Apesar da evidência do PB não ser aceito como variedade correta como o PE, em Portugal, não podemos dizer que todos os portugueses fazem esse mesmo juízo de valor, já que os dados apontam que foram juízos de valor alguns portugueses e não todos os falantes do PE.

dos participantes em Portugal mantiveram a relação desses alunos com os laços linguísticos e culturais fundados no Brasil. As respostas dos participantes em relação ao uso do PB em terras lusitanas foram muito semelhantes, não havendo diferenças significativas entre homens e mulheres. Nesse sentido, o posicionamento dos participantes seguiria rumos parecidos. A resistência em abandonar o léxico brasileiro é uma constante nos relatos analisados.

O uso da variedade de origem é de fato um posicionamento afirmativo que identifica o falante dentro e fora da comunidade de pertença, pois é através dela que ele se reconhece a si próprio e se faz reconhecer pelo outro (MATEUS, 2001), conhecendo o outro também.

As experiências dos sujeitos desta pesquisa manifestaram a ocorrência de tentativas de adequação lexical em alguns momentos do contato. Em situações pontuais, os brasileiros demonstraram recorrerem ao léxico português para expressarem o que desejavam para os portugueses. Mas, como resistiria à adoção do léxico português, acabaram misturando palavras do léxico brasileiro com o português. Ainda sobre isso, é compreensível essa mistura lexical até porque o léxico representa a comunidade que o usa, adquirindo particularidades correlacionadas ao meio onde atua (ANTUNES, 2012). As diferenças culturais e/ou linguísticas são essenciais no momento do contato entre grupos diferentes, porque são as diferenças que os tornam significativos ao mundo.

A variação lexical entre o PB e o PE é devida, também, às coordenadas dos espaços onde são usadas cada variedade. Tais diferenças geram conflitos linguísticos entre grupos que não se conhecem ou que nunca estiveram em contato, mas quando esse contato é mediado por algum conhecimento do grupo com que se contata, o conflito se exime mais rápido e a inclusão dos recém-chegados ao novo grupo acontece rapidamente. Ou seja, no contato entre brasileiros e portugueses que já tiveram algum contato com o PB, seja por meio de novelas, músicas, a comunicação se dá de modo mais harmônico e pacífico. Isso foi mostrado com a análise das experiências dos participantes da pesquisa, pois, em partes equilibradas experimentaram as duas situações.

O contato entre grupos diferentes resulta, muitas vezes, em situações de preconceito, exclusão ou resistência. Os dados que foram analisados em sua grande maioria afirmam a existência de rejeição do PB por parte de alguns portugueses, sendo que, em minoria, os relatos demonstraram que os portugueses se mostravam interessados ou aceitavam o PB. As duas variedades ocupam um espaço bem definido (PERINI, 2004), e o posicionamento

assumido em cada espaço tende a diferenciá-las entre si e em relação às demais, ainda que possuam raízes linguísticas comuns.

A cultura, a identidade e a variação lexical constituem um processo de auto afirmação do sujeito em situações diversas que experiência. Os costumes e o modo de viver típicos são produções culturais fiéis aos seus produtores (HALL, 2011). Sendo assim, não existe meio termo para a produção da cultura específica que representa cada povo, a não ser a ligação entre passado histórico e presente sob conhecimentos atualizados (HALL, 2011).

No que se refere ao léxico brasileiro em contato com o português, percebe-se que a utilização de palavras portuguesas ocorreu em situações pontuais que significam atividades cotidianas na vida social dos inquiridos, como transporte público, vestuário, alimentação etc. Outro fator relevante evidenciado a partir da análise dos dados são os usos de expressões portuguesas no PB, após retorno ao Brasil. Isso sugere, que, apesar do uso frequente do PB em Portugal, os inquiridos incorporaram aspectos linguísticos do PE ao PB, já que a identidade linguística não é estática (BAUMAN, 2005) e permite ser reinventada ou reconstruída a partir das experiências linguísticas vivenciadas por cada falante.

O contato linguístico é interessante em muitos aspectos e um deles é o que constatamos nos dados que compõem o *corpus* deste estudo, esse está relacionado ao estranhamento do uso de palavras que fazem parte do léxico do PB e do PE, que significam coisas diferente, e, por isso, soaram engraçadas para os inquiridos. Por exemplo: **bicha** (homossexual – PB/fila – PE).

Pontualmente, o que se pretendeu nos capítulos iniciais foi enfatizar o debate a respeito de conceitos sobre língua, léxico, cultura e identidade de modo que essa discussão fosse aproveitada ao longo deste estudo. No último capítulo, priorizamos o diálogo entre teoria e a análise dos dados que constituem o *corpus* deste trabalho. Para tal, convocamos estudos diversos que versam sobre a temática da pesquisa e que fundamentam as possíveis ocorrências de variações e diferenças lexicais em situações de contato entre grupos de variedades da LP, especialmente a lusitana e a brasileira.

Como um conjunto de palavras que se organizam a fim de atender às necessidades da comunicação, o léxico a serviço da comunidade que o utiliza. Portanto, a existência de vários significados atribuídos à mesma palavra ou um mesmo significado a palavras diferentes é devido ao processo de significação que traduz a visão, o pensamento e os costumes respectivos às diferentes comunidades linguísticas existentes no mundo, ainda que de uso de

uma mesma língua, por exemplo a LP, pois as palavras que compõem o léxico de uma língua ou variedade são itens à disposição dos usuários para atender às necessidades no momento da comunicação (ANTUNES, 2012).

As construções enunciativas que resultam da combinação de elementos ou signos linguísticos permitidos pelo próprio sistema linguístico vigente refletem e representam a cultura local, tornando-a mais evidente. No entanto, o uso desse sistema denuncia o sujeito como indivíduo e/ou coletividade socialmente situado em um grupo específico, cuja identidade cultural e linguística logo é percebida.

Ao longo deste estudo esperou-se que os dados apresentados demonstrassem alguns dos motivos que fundamentam as questões relacionadas ao preconceito linguístico, à (re)construção da identidade brasileira a partir do contato com a PE e principalmente a variação lexical, tendo em conta a importância de modos de vidas diferentes que se cristalizaram nas comunidades respectivas a cada uma das variedades da LP.

De acordo com os resultados, não foram apresentadas evidências significativas em relação a ocorrência de preconceito linguístico durante o contato entre os participantes da pesquisa e o PE, embora não podemos descartar algumas ocorrências que parecem ser indícios de manifestação preconceituosa, por parte dos portugueses.

A variação lexical foi evidenciada ao longo das análises, pois os resultados mostram, claramente, algumas diferenças lexicais entre o PB e o PE. Em relação a identidade brasileira, os resultados mostraram que os falantes do PB se mantiveram fiéis ao léxico do PB e com isso a identidade linguística brasileira foi preservada, mas não se manteve intacta, uma vez que em alguns momentos os participantes optaram por usarem o léxico do PE.

Este estudo não está por si só acabado, pois requer contribuições de outros estudos que posteriormente sigam a mesma linha de investigação. Mas acreditamos que essa pesquisa que versa sobre a variação lexical entre o PB e PE sob a perspectiva da identidade linguística brasileira, este estudo servirá de impulso àqueles que posteriormente decidam por aprofundar o que se propôs neste trabalho.

REFERÊNCIAS

- ALVES, Maria José; TIMBANE, Alexandre António. A criação lexical em cartas de opinião do “jornal” do Tocantins. In: PICOLI, Larissa; NETO, Nativel Almeida Simões. (Org.). **Redes lexicais: descrições, análises e histórias**. 1º. ed. Rio de Janeiro: Mares Editores, 2016. p. 125 – 158.
- ANTUNES, Irandé. **O território das palavras: estudo do léxico em sala de aula**. São Paulo: Parábola Editorial, 2012.
- BAUMAN, Zygmunt. **Identidade**. Trad. Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2005.
- BAGNO, Marcos. **Preconceito linguístico: o que é, como se faz**. 52.ed. São Paulo: Layola, 2009.
- _____. **Língua, Linguagem, Linguística: pondo os pingos nos ii**. São Paulo: Parábola, 2014.
- BASÍLIO, Margarida. **Formação e classes de palavras no português do Brasil**. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2006.
- BIDERMAN, Maria Tereza Camargo. As ciências do léxico. In: OLIVEIRA, Ana Maria Pinto Pires de; ISQUERDO, Aparecida Negri. (Org.). **As ciências do léxico: lexicologia, lexicografia, terminologia**. 2. ed. Campo Grande: EDUFMS, 2001. p. 13-22.
- BOSI, Alfredo. Plural, mas não caótico. **Cultura brasileira: temas e situações**. 4. ed. São Paulo: Ática, 2008, p. 7-15.
- CAMACHO, Roberto Gomes. Norma culta e variedades linguísticas. In: UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA. Prograd. **Caderno de formação: formação de professores didática geral**. São Paulo: Cultura Acadêmica, 2011, p. 34-49, v. 11.
- CAMARA JR., Joaquim Mattoso. **Princípios de linguística geral**. 7.ed. Rio de Janeiro: Padrão, 1989.
- CASTILHO, Ataliba Teixeira de. **Nova gramática do português brasileiro**. 1.ed. São Paulo: Contexto, 2010.
- COELHO, Braz José. **Linguagem: conceitos básicos**. Goiânia: Trilhas Urbanas, 2006.
- COSERIU, Eugénio. Sistema, norma e fala. In: **VI Congresso Internacional de Linguistas: Introdução aos estudos linguísticos**. Coimbra: Almedina, 1959/1960. p. 1-30. Disponível em: <http://www.roling.uni-tuebingen.de/coseriu/publi/coseriu26.pdf>. Acesso em: 27 abr. 2016.
- _____. **Teoria da linguagem e linguística geral**. Trad. de Agostinho Dias Carneiro. São Paulo: Presença/Ed. USP, 1979.

CUCHE, Denys. **A noção de cultura nas ciências sociais**. Trad. Viviane Ribeiro. Bauru: Edusc, 1999.

CUNHA, Angélica Furtado da; COSTA, Marcos António; MARTELOTTA, Mario Eduardo. Linguística. in: MARTELOTTA, Mário Eduardo et al.(Org.) **Manual de linguística**. São Paulo: Contexto, 2009, p.15-29.

DICIONÁRIO E GRAMÁTICA. **Boceta**. 2016. s. n. Disponível em: <<https://dicionarioegramatica.com.br/tag/boceteira/>>. Acesso em: 27 abril 2017.

DICIONÁRIO DE LÍNGUA PORTUGUESA. Porto: Porto Editora, 2012.

DUARTE, Sirlene. A noção de norma linguística segundo Eugênio Coseriu. **Linguagem: estudos e pesquisas**. v. 2-3. Catalão, p. 155-164, 2001.

FIORIN, José Luiz. **Linguística? Que é Isso?** São Paulo: Contexto, 2013.

_____; PETTER, Margarida (Org.). **África no Brasil: a formação da língua portuguesa**. São Paulo: Contexto, 2008.

GUIMARÃES, Eduardo. A língua portuguesa no Brasil. **Ciência e cultura**. v. 57, nº 2, p. 24-28, 2005.

HALL, Stuart. **Da diáspora: identidades e mediações culturais**. Trad. de Adelaine La Guardia Rezende et.al. 1. ed. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2011.

HOIJER, Harry. A origem da linguagem. In: HILL, Archibald A. (Org.). **Aspectos da linguística moderna**. 2. ed. São Paulo: Cultrix, 1974, p. 53-61.

HOUAISS, Antônio; VILLAR, Mauro de Salles. **Pequeno dicionário Houaiss da língua portuguesa**. 1. ed. São Paulo: Moderna, 2015.

_____. **Dicionário Houaiss De Língua Portuguesa**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2009.

LARAIA, Roque de Barros. **Cultura um conceito antropológico**. 23.ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2009.

LABOV, William. **Padrões sociolinguísticos**. Trad. Marcos Bagno, Maria Marta Pereira Scherre e Caroline Rodrigues Cardoso. São Paulo: Parábola Editorial, 2008.

LUCHESE, Dante. A transmissão linguística irregular na formação do português brasileiro. In: _____. BAXTER, Alan; RIBEIRO, Ilza. (Org.). **O português afro-brasileiro**. Salvador: EDUFBA, 2009. p. 71-73.

LYONS, John. Linguagem. In: _____. (Org.). **Linguagem e linguística: uma introdução**. Rio de Janeiro: Guanabara/ Koogan, 1981. p. 15-41.

MATEUS, Maria Helena Mira. **Se a língua é um factor de identificação cultural, como se compreenda que uma língua viva em diferentes culturas?** Rio de Janeiro, 2001. Disponível em: <http://www.iltec.pt/pdf/wpapers/2001-mhmateus-quando_uma_lingua_vive.pdf>. Acesso em: 21 ago. 2016.

_____. **Varição e variedades: o caso português.** Maputo, 2002. Disponível em: <<http://docplayer.com.br/10026600-Maria-helena-mira-mateus-flul-iltec-mhelenamateus-clix-pt-i-o-tempo-e-o-espaco-da-lingua-portuguesa.html>>. Acesso em: 21 ago. 2016.

_____. et al. **Gramática da língua portuguesa.** 7 ed. Lisboa: Editora Caminho, 2003.

MATTOS e SILVA, Rosa Virgínia. Diversidade e unidade: a aventura lingüística do português. **ICALP**, Lisboa, n. 11, p. 60-72, 1988.

_____. Sobre desencontros e reencontros: Filologia e Lingüística no Brasil no século XX. **Estudos Linguísticos e Literários**. Salvador, n. 21-22. p. 97-108, 1998.

_____. **Ensaio para uma sócio-história do português brasileiro.** São Paulo: Parábola Editorial, 2004.

OLIVEIRA, Gilvan Müller de. Política linguística e internacionalização: a língua portuguesa no mundo globalizado do século XXI. **Trabalhos de linguística aplicada**.v.52, n.2, p.409-433, 2013.

OLIVEIRA, Maria de Fátima. **Um olhar léxico-semântico sobre o vocabulário Regional em Aguras da Lata D'água de Jessier Quirino.** 105 f. 2006. Dissertação. Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2006.

PERINI, Mário A. **A língua do Brasil amanhã e outros mistérios.** São Paulo: Parábola Editorial, 2004.

PAULA, Maria Helena. **Rastros de velhos falares: léxico e cultura no vernáculo catalano.** 521 f. Tese (Doutorado em Linguística e Língua Portuguesa) – Universidade Estadual Paulista, Araraquara, 2007.

PODER JUDICIÁRIO. **Zona prisional da Madeira.** s.d. Disponível: <http://www.tribunadamadeira.pt/tag/policia-judiciaria/>. Acesso em: 27 mai. 2017.

REVISTA LIFECOOLER. **Seiras e Seirões de Santarém.** s.d. Disponível em: <<https://lifecooler.com/artigo/atividades/seiras-e-seiroes-de-santarem/296968/>>. Acesso em: 27 mai. 2017.

PORTUGAL DE SABORES. **Jesuítas de Santos Tirso.** 2015 Disponível em: <http://www.portugaldesabores.pt/produto/jesuitas-de-santo-tirso/>. Acesso em: 27 mai. 2017.

RAMPAZZO, Lino. **Metodologia científica: para alunos dos cursos de graduação e pós-graduação.** 6 ed. São Paulo: Loyola, 2011.

RODRIGUES, Aryon Dall’Igna. Tupi, tupinambá, línguas gerais e o português do Brasil. In: NOLL, Volker; DIETRICH, Wolf. (Org.). **O português e o tupi no Brasil**. São Paulo: Contexto, 2010. p. 27-47.

ROMANO, Valter Pereira; SEABRA, Rodrigo Duarte. Menino, Guri ou Piá? Um estudo diatópico nas regiões centro-oeste, sudeste e sul a partir de dados do Projeto Atlas Linguístico do Brasil. **Alfa: Revista de Linguística**. São Paulo: UNESP, v. 58, n. 2. p. 463 – 497, 2014.

SANTOS, Ivonete da Silva; TIMBANE, Alexandre António. Estudo comparativo sobre as escolhas lexicais no português moçambicano e brasileiro: o caso dos verbos e substantivos comuns. **Língu@ Nostr@**. v. 4, nº 2, p. 21-43, 2016.

SAPIR, Edward. **Linguística como ciência**. Rio de Janeiro: Livraria Acadêmica, 1969.

SAUSSURE, Ferdinand. **Curso de linguística geral**. Trad. Antônio Chelini, José Paulo Paes, Izidoro Blikstein. 27. Ed. São Paulo: Cultrix, 2006.

SERRANO, Francisco Perujo. **Pesquisar no labirinto: a tese, um desafio possível**. São Paulo: Parábola, 2011.

SIQUEIRA, Gisele Martins. Relações léxico culturais no campo *trabalho*. In: PAULA, Maria Helena de. (Org.). **Língua e cultura: estudos do léxico em perspectiva**. Goiânia: Gráfica UFG, 2015. p. 21-48.

SIQUEIRA, Kênia Mara de Freitas. O léxico tupi na nomeação dos lugares goianos nos séculos XVII E XVIII. In: PAULA, Maria Helena de. (Org.). **Língua e cultura: estudos do léxico em perspectiva**. Goiânia: Gráfica UFG, 2015. p. 85-104.

SILVA, Maria Cristina Pereira da. O “glamour” das línguas inglesas na língua portuguesa. In: BARROS, Lidia Almeida; ISQUERDO, Aparecida Negri. (Org.). **O léxico em foco: múltiplos olhares**. São Paulo: Cultura Acadêmica, 2010. p. 305-322.

SILVA, Tomaz Tadeu da. A produção social da identidade e da diferença. In: _____; HALL, Stuart; WOODWARD, Kathryn. (Org.). **Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais**. 9. ed. Petrópolis: Vozes, 2009. p. 73-102.

TROLLOPE, Anthony. **Pérola do Chaimite**. 2015. Disponível em: <<http://peroladochaimite.com/produtos/produtos-tradicionais/cafedry/>>. Acesso em: 27 mai. 2017.

TIMBANE, Alexandre António. A criatividade lexical da língua portuguesa: uma análise com brasileirismos e moçambicanismos. **Caligrama: Revista de estudos românicos**. v. 18, nº 2. Belo Horizonte, p. 7-30, 2013a.

_____. **A variação e a mudança lexical da língua portuguesa em Moçambique**. 2013. 319 f. Tese (Doutorado em Linguística e Língua Portuguesa) – Universidade Estadual Paulista, Araraquara, 2013b.

_____. A formação de palavras a partir de siglas e acrônimos estrangeiros na língua portuguesa. **Verbum**: cadernos de pós-graduação. n.º 6. p. 50-68, 2014.

TEYSSIER, Paul. **História da língua portuguesa**. Tradução de Celso Ferreira da Cunha. 1. ed. São Paulo: Martins Fontes. 2001.

VANNUCCHI, Aldo. **Cultura brasileira**. 5. ed. São Paulo: Loyola, 2011.

ANEXO



UNIVERSIDADE FEDERAL GOIÁS - UFG



PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP

DADOS DO PROJETO DE PESQUISA

Título da Pesquisa: A IDENTIDADE LINGUÍSTICA BRASILEIRA EM CONFLITO COM O PORTUGUÊS EUROPEU: A VARIAÇÃO LÉXICO-CULTURAL.

Pesquisador: IVONETE DA SILVA SANTOS

Área Temática:

Versão: 2

CAAE: 56727816.2.0000.5083

Instituição Proponente: Universidade Federal de Goiás - UFG

Patrocinador Principal: Financiamento Próprio

DADOS DO PARECER

Número do Parecer: 1.723.151

Apresentação do Projeto:

O projeto “A IDENTIDADE LINGUÍSTICA BRASILEIRA EM CONFLITO COM O PORTUGUÊS EUROPEU: A VARIAÇÃO LÉXICO-CULTURAL”, de autoria da mestrandia Ivonete da Silva Santos, sob orientação do Prof. Dr. Alexandre Antônio Timbane, foi apresentado à Universidade Federal de Goiás – Regional Catalão e visa estudar o comportamento linguístico dos estudantes participantes do Programa de Licenciaturas Internacionais 2012, 2013 e 2014, quando realizam programas de intercâmbio na cidade de Coimbra em Portugal. A pesquisa pretende compreender os choques linguístico-culturais desses estudantes quando saem do contexto português brasileiro e são submetidos ao contexto português europeu.

Objetivo da Pesquisa:

Trata-se de um estudo exploratório cujo intuito é compreender e descrever a relação que se mantém entre as dimensões língua e cultura brasileira em contato com as portuguesas, dentro

do espaço europeu e de que forma as mesmas influenciaram na construção identitária dos alunos, goianos, participantes do programa, em Portugal. O projeto pretende, ainda, via aplicação de um questionário, explorar e evidenciar as atitudes desenvolvidas ao longo das situações que foram se inscrevendo durante o período que viveram no exterior, de forma a avaliar as influências culturais remotas e atuais da língua materna na tomada de decisão, diante da necessidade de adaptação as situações diversas vivenciadas no contexto de socialização entre o “eu” e o outro.

Nesse contexto, o objetivo geral do trabalho é: contribuir para/com o entendimento do pluralismo identitário e linguístico brasileiro que envolve os intercambistas, formados a partir de coordenadas epocais e atuais que sustentam a língua e a cultura de origem em confronto com a língua e a cultura do lugar de acolhimento. Tal objetivo se desdobra em quatro objetivos específicos: 1) Explicar a aderência dos alunos PLIs de 2012 a 2014 ao se confrontarem com a situação de contato entre o português brasileiro e o europeu, de modo a adotarem estratégias como indicadores de socialização, que os situaram nos grupos de recepção; 2) Analisar as atitudes e representações linguísticas manifestadas, de modo negativo ou positivo, por esses alunos em relação à cultura e à língua de origem, de forma a protegê-las ou renunciá-las dentro da perspectiva de interação com o grupo de recepção; 3) Demonstrar a importância da relação indissociável entre língua, ator social e cultura como fatores cruciais no processo de reconstrução, elaboração ou adaptação da identidade linguística, num ambiente marcado pelo contato positivo ou negativo entre grupos representantes de comunidades linguísticas diferentes; 4) Descrever como a variedade do português goiano carrega a identidade e cultura próprias como confrontado em contextos do português europeu em especial na cidade de Coimbra.

Avaliação dos Riscos e Benefícios:

A aplicação de questionário a vinte estudantes (sem distinção de gênero) do curso de Letras Português/Português-Inglês participantes do Programa de Licenciaturas Internacional 2012 a 2014 da Capes, na Universidade de Coimbra-Portugal, “não apresenta risco de grande vulto”, nas palavras da autora, apesar de se admitir a possibilidade de “constrangimento ao se prestar informações pessoais”. No entanto, apesar desses riscos mínimos, o TCLE apresentado garante que todas as precauções serão tomadas de forma a garantir o sigilo, imparcialidade e garantia do uso exclusivo das informações fornecidas para fins meramente acadêmico, além

do resguardo de identidade de cada entrevistado. Importante destacar que a coleta de dados poderá ser feita por meio eletrônico. O questionário, acerca das impressões do entrevistado com base nas diferenças entre o uso do português europeu em contraposição ao português brasileiro, aparentemente não apresenta perguntas constrangedoras ou tendenciosas. A autora do projeto ressalta ainda que não poderão participar pessoas que não sejam alunos da Universidade Federal de Goiás (campus Samambaia e suas regionais) e que não tenham participado do Programa de Licenciaturas Internacional no período 2012 a 2014, da Capes, na Universidade de Coimbra-Portugal.

Comentários e Considerações sobre a Pesquisa:

Realizada com recursos próprios, trata-se de pesquisa aparentemente simples e que terá como campo a aplicação de questionário a vinte estudantes. A concretização da aplicação dos questionários se dará no ambiente goiano, compreendendo a capital Goiânia e suas respectivas regionais. Os inquiridos terão à sua disposição o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido que buscará resguardar a identidade de cada inquirido, sendo submetidas a análise apenas as informações prestadas pelos mesmo com consentimento próprio. Ainda segundo a mestrandia, autora do projeto, os dados colhidos serão selecionados, triados, organizados em forma de tabelas, gráficos e quadros para que sejam mais visíveis e interpretáveis.

A autora garante enfaticamente que os indivíduos não serão identificados em nenhum momento, mesmo quando os resultados da pesquisa forem divulgados sob qualquer forma e suporte. Os dados utilizados e a serem publicados compreenderão aqueles que não representam ofensa ou informação pessoal e privada de qualquer envolvido, direta e/ou indiretamente, na pesquisa.

Em resumo, o projeto, nesta nova versão apresentada, está corretamente elaborado e apto para prosseguimento, no que se refere à análise de riscos e apresentação dos termos obrigatórios (folha de rosto, projeto de pesquisa, questionário, termo de compromisso, TCLE).

Considerações sobre os Termos de apresentação obrigatória:

Acerca da folha de rosto, está corretamente apresentada.

O projeto de pesquisa está corretamente elaborado, apresentando introdução, fundamentação teórica, objetivos, metodologia e cronograma bem estabelecidos.

O questionário está corretamente organizado.

O TCLE está corretamente elaborado, deixando o respondente ciente de todas as etapas da pesquisa e de todos os direitos do participante no ato de resposta às questões propostas.

O Termo de compromisso também está corretamente apresentado.

Recomendações:

As recomendações feitas na versão anterior foram todas corretamente atendidas: 1) Reelaboração do TCLE, em versão mais curta, mantendo-se principalmente as informações sobre a liberdade de participação/desistência dos respondentes da pesquisa, além dos objetivos da pesquisa e informação sobre riscos/benefícios e garantia de anonimato; e 2) Revisão gramatical do texto.

Conclusões ou Pendências e Lista de Inadequações:

Sugiro aprovação do projeto, sem restrições, smj.

Considerações Finais a critério do CEP:

Informamos que o Comitê de Ética em Pesquisa/CEP-UFG considera o presente protocolo APROVADO, o mesmo foi considerado em acordo com os princípios éticos vigentes. Reiteramos a importância deste Parecer Consubstanciado, e lembramos que o(a) pesquisador(a) responsável deverá encaminhar ao CEP-UFG o Relatório Final baseado na conclusão do estudo e na incidência de publicações decorrentes deste, de acordo com o disposto na Resolução CNS n. 466/12. O prazo para entrega do Relatório é de até 30 dias após o encerramento da pesquisa, prevista para fevereiro de 2018.

Este parecer foi elaborado baseado nos documentos abaixo relacionados:

Tipo Documento	Arquivo	Postagem	Autor	Situação
Informações Básicas do Projeto	PB_INFORMAÇÕES_BÁSICAS_DO_PROJETO_730214.pdf	02/08/2016 06:59:57		Aceito
Outros	documentos.pdf	02/08/2016 06:59:10	IVONETE DA SILVA SANTOS	Aceito
Outros	Doc4.docx	02/08/2016 06:51:08	IVONETE DA SILVA SANTOS	Aceito
Outros	Doc3.docx	01/08/2016 16:06:59	IVONETE DA SILVA SANTOS	Aceito

Outros	Quet.doc	01/08/2016 15:06:32	IVONETE DA SILVA SANTOS	Aceito
TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	TCLEEM3p.doc	01/08/2016 15:02:02	IVONETE DA SILVA SANTOS	Aceito
Projeto Detalhado / Brochura Investigador	PROJETOPLATAFORMABR.doc	01/08/2016 15:01:24	IVONETE DA SILVA SANTOS	Aceito
Outros	Doc1.docx	01/08/2016 14:55:07	IVONETE DA SILVA SANTOS	Aceito
Folha de Rosto	Doc2.docx	01/08/2016 14:53:28	IVONETE DA SILVA SANTOS	Aceito
Outros	DOC3.jpg	05/06/2016 16:52:00	IVONETE DA SILVA SANTOS	Aceito
Outros	DOC2.jpg	05/06/2016 16:51:41	IVONETE DA SILVA SANTOS	Aceito

Situação do Parecer: Aprovado

Necessita Apreciação da CONEP: Não

GOIANIA, 13 de Setembro de 2016

Assinado por:
João Batista de Souza
(Coordenador)

APÊNDICE A



UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS
REGIONAL CATALÃO
UNIDADE ACADÊMICA ESPECIAL DE LETRAS E LINGUÍSTICA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO *STRICTO SENSU*
MESTRADO EM ESTUDOS DA LINGUAGEM

QUESTIONÁRIO

Nome: _____ Idade: _____ Sexo: _____
 Universidade de Origem: _____ Cidade: _____
 Curso: _____
 Nome da Universidade em Portugal: _____ Cidade: _____

Este questionário é composto por 22 perguntas dos tipos fechadas e abertas. Leia as perguntas e assinale a (s) opção (ções) que considera pertinente(s) ou responda livremente se for o caso. Caso o espaço não seja suficiente pode utilizar o verso da folha desde que indique o número da pergunta. A sua identidade será preservada e as informações serão usadas exclusivamente para fins acadêmicos. A sua identificação no questionário será por meio de código ou nome fictício a seu critério. Desde já agradeço a sua colaboração.

1) O que achou da fala dos portugueses na primeira semana que o/a Sr./Sra. chegou em Portugal? Assinale com “X” nas opções que considere adequadas:

difícil () complicado () incompreensível () fácil ()
 sotaque bom () sotaque difícil () compreensível ()

2) Assinale com “X” as palavras que usou na primeira semana em Portugal:

rebuçado ()	xícara ()	trem ()
hospedeira de bordo ()	aeromoça ()	geladeira ()
casa de banho ()	geladeira ()	banheiro ()
telemóvel ()	peúgas ()	celular ()

- 3) Sentiu algum desconforto ou incômodo quando não conseguia falar o português de Portugal? Por quê?

- 4) Assinale com “X” as palavras que entendeu facilmente nos primeiros dias:

autocarro () guarda redes () sumo () chumbar ()
 comboio () sandes () paragem () portagem ()

- 5) O Sr./ Sra. acha que os portugueses (pelo menos aqueles com quem manteve contato) entendiam quando falava o português brasileiro (PB)? Justifique.

- 6) Quando um(a) português(a) ao ouvir o Sr./ Sra. falar o português brasileiro e não entendia como você procedia?

- 7) O Sr./ Sra. acha o português de Portugal complicado em que aspecto? Assinale a(s) opção(ões) abaixo:

fala/sotaque () gramática () léxico/vocabulário ()
 semântica (sentido das palavras) () ouvir/compreender ()

- 8) Acha que os portugueses gostam do português brasileiro? Justifique. (Fale da sua própria experiência).

9) Na sua opinião, o que provocava a má compreensão de palavras no português de Portugal?

10) Escreva quatro palavras que o/a Sr./Sra. achou engraçadas no português de Portugal e comente.

Palavra 1: _____ Comentário: _____

Palavra 2: _____ Comentário: _____

Palavra 3: _____ Comentário: _____

Palavra 4: _____ Comentário: _____

11) Assinale com “X” o nível de tolerância dos professores portugueses com relação ao português brasileiro:

- a) bom ()
- b) ruim ()
- c) péssima ()
- d) ótima ()
- e) regular ()

12) Agora que o/a Sr./Sra. voltou para o Brasil qual (ais) das palavras abaixo são recorrentes em sua fala. Assinale com “X” nas opções.

lanchonete () vs café ()

bica () vs cafezinho ()

preservativo () vs durex ()

esquadra () vs delegacia de polícia ()

ônibus () vs autocarro ()

sida () vs aids ()

13) Acha que a cultura portuguesa é semelhante a cultura brasileira? Se não, o que mais as diferencia?

14) Em algum momento o/a Sr./Sra. tentou imitar o sotaque português? Por quê?

15) Assinale com “X” as palavras que possuem significados diferentes no Brasil e em Portugal que te causaram transtorno ao usá-las no contexto do português europeu:

- a) banheiro ()
- b) camisola ()
- c) camisa ()
- d) calcinha ()
- e) cueca ()

16) Escreva 4 palavras que foram rejeitadas pelos professores universitários em Portugal.

1 _____	3 _____
2 _____	4 _____

17) Por que acha que os professores rejeitaram as quatro palavras citadas na pergunta 16?

18) Escreva duas palavras ou duas expressões do português de Portugal que ainda usa na sua fala aqui no Brasil.

Palavra 1: _____ Palavras 2: _____

Expressão 1: _____

Expressão 2: _____

19) Como são chamadas as seguintes realidades no português de Portugal. Se não souber a resposta escreva "NAO SEI":

a) borracharia: _____

b) chapelaria: _____

c) flanelinha: _____

d) chapeiro: _____

20) Acha que no Brasil se fala bem o português? Por quê?

21) Faça comentários adicionais sobre a língua e a cultura portuguesa em Portugal.

22) Das palavras do português de Portugal transcritas abaixo indique a palavra correspondente no brasileiro. Se não souber a resposta escreva "NAO SEI".

a) jesuíta: _____

b) justa: : _____

c) falhanço: _____

d) seiras: _____

Muito obrigada pela atenção e disponibilidade!

APÊNDICE B

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

O/a Sr./Sra. está sendo convidado(a) a participar, como voluntário(a), da pesquisa intitulada “**Identidade linguística brasileira em conflito com o português europeu: a variação léxico-cultural**” (Nº do Parecer do Comitê de Ética: 1.723.151), pela qual eu, **IVONETE DA SILVA SANTOS**, sou a pesquisadora responsável sob orientação do Prof. Dr. Alexandre António Timbane. Após receber os esclarecimentos e as informações a seguir, no caso de aceitar fazer parte da pesquisa assine ao final deste documento, que está em duas vias. Uma será para o/a Sr./Sra. e a outra para a pesquisadora. Caso recuse a participação na pesquisa, o/a Sr./Sra. não será penalizado(a) de forma alguma. Optando pela participação, as dúvidas sobre a pesquisa, poderão ser esclarecidas através do contato com a pesquisadora responsável ou pelo email: nete.silva.santos@hotmail.com. Esclarecimentos de dúvidas sobre os seus direitos como participante nesta pesquisa, o/a Sr./Sra. poderá ligar para o Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade Federal de Goiás pelos telefones: (62)3521-1075 ou (62)3521-1076.

INFORMAÇÕES IMPORTANTES SOBRE A PESQUISA

Título: A identidade linguística brasileira em conflito com o português europeu: a variação léxico-cultural.

Justificativa:

A motivação maior para o desenvolvimento desta pesquisa parte de uma experiência pessoal no ambiente português, marcado pelo contato de brasileiros com portugueses em confronto com aspectos culturais e linguísticos do grupo de recepção. Este contato resultou em questionamentos do tipo: o que motiva o conflito entre falantes do português brasileiro e europeu, já que a língua portuguesa é uma só? Existem resquícios culturais preconceituosos que propiciam o desencadeamento de conflitos entre os dois grupos em contato? É possível que haja uma intenção negativa por parte dos portugueses ao imporem as normas linguísticas europeia aos alunos brasileiros, quando em ambiência portuguesa? Ou até preconceito

linguístico provocado pela noção de norma-padrão discutido com propriedade por Bagno (1999, 2009, 2013, 2014).

A escolha do tema é interessante no sentido de que trará subsídios teórico-práticos que ajudam na compreensão da variação linguística no espaço lusófono que é sempre menosprezada, mas que na realidade conta e cria diferenças linguísticas revelando variedades do português na lusofonia. (ILARI e BASSO, 2009; CASTILHO, 2010; PERINI, 2013).

Objetivos:

A presente pesquisa tem por objetivo geral: contribuir para/com o entendimento do pluralismo identitário e linguístico brasileiro que envolve os intercambistas, formados a partir de coordenadas epocais e atuais que sustentam a língua e a cultura de origem em confronto com a língua e a cultura do lugar de acolhimento. Objetivando especificamente a pesquisa visa: Explicar a aderência dos alunos PLIs de 2012 a 2014 ao se confrontarem com a situação de contato entre o português brasileiro e o europeu, de modo a adotarem estratégias como indicadores de socialização, que os situaram nos grupos de recepção; Analisar as atitudes e representações linguísticas manifestadas, de modo negativo ou positivo, por esses alunos em relação à cultura e a língua de origem, de forma a protegê-las ou renunciá-las dentro da perspectiva de interação com o grupo de recepção; Demonstrar a importância da relação indissociável entre língua, ator social e cultura como fatores cruciais no processo de reconstrução, elaboração ou adaptação da identidade linguística, num ambiente marcado pelo contato positivo ou negativo entre grupos representantes de comunidades linguísticas diferentes; Descrever como a variedade do português goiano carrega a identidade e culturas próprias quando confrontado com contextos do português europeu em especial da cidade de Coimbra.

Procedimentos:

Para garantir o anonimato na pesquisa, a identificação nos questionários será feita por meio de códigos ou nomes fictícios. Todas as informações pessoais coletadas neste estudo serão estritamente secretas e restritas aos pesquisadores, desta forma, todas as precauções serão tomadas por forma a garantir o sigilo, a imparcialidade e o uso exclusivo das informações dadas para fins meramente acadêmicos mesmo quando os resultados da pesquisa

forem divulgados sob qualquer forma e suporte. A sua participação é voluntária, podendo se recusar a participar sem que sofra qualquer prejuízo.

Riscos: Basicamente esta pesquisa não lhe oferece riscos de grande vulto, mas o Sr./Sra. poderá se sentir constrangido(a) ou desconfortável ao prestar informações pessoais. Prestar informações sobre o que viveram num país estrangeiro poderá afetá-lo(a) emocionalmente, vez que poderá relatar experiências negativas vivenciadas durante a sua estada no exterior.

Benefícios: A participação nesta pesquisa não lhe trará nenhum benefício direto. Mas, esperamos que o/a Sr./Sra., possa refletir sobre as questões linguísticas vividas em Portugal, bem como ter suas experiências valorizadas dentro de um estudo científico, o qual trará informações importantes sobre a cultura e a variação lexical goiana. Dessa forma, o conhecimento resultante da pesquisa contribuirá para o desenvolvimento científico na área de Letras, bem como para o registro das informações e dos resultados obtidos.

Catalão, _____ de _____ de _____.

Assinatura do (a) participante

Assinatura da pesquisadora